



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROFESSOR**  
**MILTON SANTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A**  
**UNIVERSIDADE**

**EDINOGLEDE NERY DOS SANTOS**

**A TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE:**  
**O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Salvador  
2019

**EDINOOGLEDE NERY DOS SANTOS**

**A TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE:  
O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Miranda Pimentel

Salvador  
2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos, Edinoglede Nery dos  
A temática ambiental na formação em saúde: o  
Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade  
Federal do Recôncavo da Bahia / Edinoglede Nery dos  
Santos. -- Salvador, 2019.  
100 f. : il

Orientador: Adriana Miranda Pimentel.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-graduação em  
Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) --  
Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton  
Santos, 2019.

1. meio ambiente. 2. formação em saúde. I.  
Pimentel, Adriana Miranda. II. Título.

**EDINOOGLEDE NERY DOS SANTOS**

**A TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE:  
O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 21 de outubro de 2019.

Banca examinadora

Adriana Miranda Pimentel – Orientadora \_\_\_\_\_  
Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia

Carmen Fontes de Souza Teixeira \_\_\_\_\_  
Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia

Luciana Alaíde Alves Santana \_\_\_\_\_  
Doutora em Ciências da Educação pelo Instituto de Educação e Psicologia - Uminho, Portugal  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Milson dos Anjos Batista \_\_\_\_\_  
Doutor em Biologia Animal pela Universidade Federal de Pernambuco  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e Nossa Senhora pelas bênçãos que tenho alcançado nesta vida.

Agradeço aos meus pais pelo amor, dedicação e luta para criação dos seus filhos.

Agradeço ao meu marido pelo amor e compreensão ao longo dessa jornada.

Agradeço aos colegas de trabalho que sempre me incentivaram, em especial à Bia e Caillan que também vivenciaram essa experiência no EISU.

Agradeço à Pérola pela forma educada e responsável que sempre me atendeu na Secretaria do Programa.

Agradeço aos professores e colegas do EISU pelos momentos de reflexão e aprendizado.

Agradeço aos professores Milson e Luciana pelo aceite ao convite para compor a Banca de defesa de dissertação e principalmente pelas valiosas contribuições para o aprimoramento do estudo dadas na Banca de qualificação.

Agradeço à professora Carmen pelo aceite ao convite para compor a Banca de defesa de dissertação, tenho muito respeito e admiração pela senhora!

Agradeço aos docentes e discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB que aceitaram participar dessa pesquisa, vocês foram muito importantes para a realização desse trabalho.

Agradeço imensamente à professora Adriana pela forma serena e responsável como conduziu a orientação. Obrigada pela atenção, pelas correções, aprendi muito com a senhora!

“Cuidado todo especial merece nosso planeta Terra.  
Temos unicamente ele para viver e morar.”

Leonardo Boff (1999, p. 133)

SANTOS, Edinoglede Nery dos. A temática ambiental na formação em saúde: o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. 2019. Orientadora: Adriana Miranda Pimentel. 100 f. il. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

## RESUMO

Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa realizado no Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no curso de Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, com o objetivo de analisar como a temática ambiental é desenvolvida na formação dos estudantes, bem como o sentido que seus atores atribuem a essa discussão na formação acadêmica em saúde. Os sujeitos da pesquisa foram discentes concluintes no semestre 2018.2 e docentes do referido curso. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada nos meses de novembro de 2018 a fevereiro de 2019. Os dados foram analisados com base na técnica análise de conteúdo. Observou-se que a temática ambiental esteve presente na formação dos estudantes através, principalmente, das atividades de ensino, na extensão algumas ações foram desenvolvidas, entretanto, no âmbito da pesquisa a presença da discussão ambiental foi pouco percebida. A perspectiva interdisciplinar e a concepção ampliada de saúde desenvolvidas no curso favoreceram o debate sobre temas ambientais, assim como as atividades desenvolvidas na comunidade externa. Os docentes possuem uma compreensão ampliada do meio ambiente e da relação existente com a saúde, mas a concepção sistêmica carece ser fortalecida no processo formativo considerando que alguns discentes não se apropriaram desse entendimento.

**Palavras-chave:** meio ambiente, interdisciplinaridade, formação em saúde.

## ABSTRACT

This is a study with a qualitative approach performed at Health Sciences Center of the Recôncavo of Bahia Federal University, in the Interdisciplinary Bachelorship in Health, in order to analyze how the environmental theme is developed in the student's education, as well as the meaning its actors attribute to this discussion in the academic education in health. The research individuals were graduating students of the 2018.2 semester and professors of the course. The data collection was realized through semi-structured interviews from November, 2018 to February, 2019. The data were analyzed based on the content analysis technique. It was observed that the environmental theme was present in the student's education, mainly, through teaching activities; in extension courses, some actions were developed, although, in the research area, the presence of environmental discussion was little noticed. The interdisciplinary perspective and the health's expanded concept developed in the course provided the debate about environmental themes, as well as the activities developed in the outer community. The professors have a wider understanding about the environment and its relation with health, but the systemic conception needs to be strengthened in the educational process, considering that some students have not assimilated this understanding.

**Key-words:** environment; interdisciplinary; education in health.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fluxograma do processo de seleção dos estudos para revisão de literatura....	21
Tabela 1	Quadro sistematizado dos artigos selecionados para a revisão.....	24
Tabela 2	Desenvolvimento da temática ambiental no processo formativo.....	28
Tabela 3	Organização curricular do BIS/UFRB.....	42
Tabela 4	Perfil dos Discentes participantes da pesquisa.....	43
Tabela 5	Perfil dos Docentes participantes da pesquisa.....	44
Tabela 6	Noção de meio ambiente dos Discentes interlocutores da pesquisa.....	80

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BI	Bacharelado Interdisciplinar
BIS	Bacharelado Interdisciplinar em Saúde
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CECULT	Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
GANNA	Grupo Ambientalista Nascente
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LILACS	Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEC	Ministério da Educação
NUVEM	Núcleo de Estudos Interdisciplinares e Formação Geral
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONG	Organização não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PAR	Processos de Apropriação da Realidade
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PL	Projeto de Lei
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
RJ	Rio de Janeiro
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
SUS	Sistema Único de Saúde

UEBA	Universidades Estaduais da Bahia
UEFS	Universidade de Feira de Santana
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIFESO	Centro Universitário Serra dos Órgãos
UPP	Unidades de Produção Pedagógica

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 MEIO AMBIENTE E FORMAÇÃO EM SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>20</b>
1.1 PERCURSO PARA IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DOS ESTUDOS.....	20
1.2 CARACTERIZAÇÃO.....	22
1.3 A VISÃO DE MEIO AMBIENTE E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE.....	25
1.4 MEIO AMBIENTE: UMA DISCUSSÃO QUE PRECISA SER FORTALECIDA NA FORMAÇÃO EM SAÚDE.....	26
1.5 PROPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA AMBIENTAL.....	30
<b>2 REFLETINDO SOBRE A INSERÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE.....</b>	<b>33</b>
2.1 COMPREENDENDO A TEMÁTICA AMBIENTAL PARA ALÉM DO PENSAMENTO HEGEMÔNICO.....	33
2.2 A TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM SAÚDE A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CONTEXTUALIZADA E INTERDISCIPLINAR.....	36
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>40</b>
3.1 CONHECENDO O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA UFRB.....	40
3.2 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	43
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	46
3.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	47
<b>4. MEIO AMBIENTE E FORMAÇÃO EM SAÚDE: A VISÃO DE DOCENTES DO BIS/UFRB.....</b>	<b>49</b>
4.1 NOÇÃO DE MEIO AMBIENTE E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE.....	49
4.2 MEIO AMBIENTE E INTERDISCIPLINARIDADE NA FORMAÇÃO DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE.....	52
4.3 AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS COM A TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DO PONTO DE VISTA DOCENTE.....	56
4.4 IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE.....	64
<b>5 MEIO AMBIENTE E FORMAÇÃO EM SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DOS DISCENTES DO BIS/UFRB.....</b>	<b>67</b>

5.1	O ENSINO ENQUANTO ESPAÇO DE DESTAQUE PARA A DISCUSSÃO AMBIENTAL NO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE.....	67
5.2	A PESQUISA E A EXTENSÃO AMPLIAM A REFLEXÃO SOBRE MEIO AMBIENTE E SAÚDE.....	74
5.3	A NOÇÃO DOS DISCENTES SOBRE MEIO AMBIENTE.....	79
5.4	IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE.....	83
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>92</b>
<b>8</b>	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata-se de uma análise sobre o desenvolvimento da temática ambiental na formação acadêmica promovida pelo Bacharelado Interdisciplinar em Saúde – BIS da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. A partir do ponto de vista dos atores do BIS, apresenta-se de forma reflexiva a concepção de meio ambiente e como esse tema vem sendo materializado durante a formação.

Sabe-se que as condições ambientais compõem os macrodeterminantes da saúde conforme o modelo de Dahlgren e Whitehead sobre os Determinantes Sociais da Saúde (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Dessa forma, o meio ambiente corresponde a uma temática que precisa ser discutida e problematizada no processo de ensino-aprendizagem dos futuros profissionais da saúde.

Nesse sentido, o BIS busca desenvolver um processo formativo alicerçado no conceito amplo de saúde e no modelo político-pedagógico interdisciplinar (UFRB, 2016), tornando-se um curso interessante para ser estudado sobre uma temática que pela sua complexidade necessita ser desenvolvida com base no diálogo de diferentes profissionais e áreas de conhecimento. Além disso, é um curso novo no sistema de educação superior do país que precisa ter o seu trabalho e os resultados analisados, discutidos e difundidos uma vez que encontra-se em processo de consolidação.

No que se refere ao desenvolvimento da temática ambiental na formação dos sujeitos, sabe-se que é importante discutir inicialmente o paradigma de formação, considerando não haver uma neutralidade na educação ambiental conforme previsto na Resolução CNE/CP N° 2, de 15 de junho de 2012 (BRASIL, 2012a). Por esse ângulo, segundo Leff (2015), é necessário rever o paradigma dominante de produção do conhecimento e formação profissional em direção a um modelo diferente da ciência moderna, pois sabe-se que o referido modelo possui uma racionalidade econômica que vem ocasionando diversos problemas socioambientais, considerando que:

A produção de mercadorias, orientada pela maximização dos lucros e dos excedentes econômicos a curto prazo, gerou processos crescentes de contaminação da atmosfera, de solos e recursos hídricos; desmatamento, erosão e desertificação; perda de fertilidade dos solos, de biodiversidade e de produtividade de seus ecossistemas; destruição das práticas tradicionais e valores culturais constitutivos da diversidade étnica e das identidades dos povos; falta de estímulos ao desenvolvimento científico-tecnológico para

gerar uma capacidade endógena para o uso sustentável dos recursos. (LEFF, 2015, p. 201)

Os impactos negativos gerados ao meio ambiente pela lógica econômica predominante, apontados pelo autor, possuem relação direta com a saúde da população. Um exemplo disso é a indicação no relatório da agência ambiental das Nações Unidas que cerca de 12,6 milhões de pessoas morrem anualmente em decorrência da poluição da natureza, conforme publicado pela Nações Unidas no Brasil (ONUBR, 2017).

No Brasil, são diversos os impactos ambientais que direta ou indiretamente atingem a saúde da população. Juras e Machado (2015) realizaram um estudo sobre a relação entre a saúde da população e a conservação do meio ambiente e apontaram que:

O Brasil não logrou controlar as enfermidades ligadas à falta de saneamento e a poluição é responsável por mortalidade significativa por doenças cardíacas e pulmonares. O desmatamento intensifica os efeitos de desastres naturais e altera os mecanismos de controle de transmissão de doenças tropicais. A expansão urbana e das fronteiras de ocupação têm sido associadas com doenças transmitidas por mosquitos. As mudanças climáticas poderão afetar o estado de saúde de milhões de pessoas, em especial daquelas com baixa capacidade de adaptação, mediante aumento da subnutrição, de desastres naturais e da frequência de doenças cardiorrespiratórias, bem como da alteração da distribuição espacial de vetores de doenças infecciosas. (JURAS; MACHADO, 2015, p. 179)

Dessa forma, é indispensável discutir esses impactos ambientais na formação em saúde haja vista a influência no processo de adoecimento da população. Entretanto, essa discussão precisa estar pautada em um modelo de pensamento diferente do paradigma da ciência moderna que não contribuiu para a compreensão interligada entre a saúde e o meio ambiente. No campo da saúde, o paradigma hegemônico influenciou a maneira que historicamente buscou-se entender o processo de saúde e doença, que sob uma lógica cartesiana, o corpo humano passou a ser estudado por partes sem estabelecer uma relação com o todo e com os diversos aspectos que impactam na saúde humana (CAPRA, 2012).

Santos, Meneses e Nunes (2004), considerando os debates epistemológicos ocorridos no século XVII, explicaram que a ciência moderna se constituiu como modelo válido de construir o conhecimento, em desvalorização de outras formas de compreensão do mundo, por razões que ultrapassam o campo epistemológico abrangendo a necessidade de atendimento aos interesses políticos e econômico da época em favorecimento a expansão do capitalismo.

Consequentemente, os autores acrescentaram que o próprio desenvolvimento tecnológico desse modelo econômico desencadeou diversos problemas vivenciados na

atualidade, dentre eles citaram os que tangem o ambiente e a saúde pública, que para serem enfrentados requer o reconhecimento de diferentes saberes e o envolvimento de diversos atores que apresentam ligação com a questão (SANTOS; MENESES; NUNES, 2004).

Nesta direção, sabe-se que a partir da segunda metade do século XX, o referido paradigma hegemônico entrou em crise, quando a necessidade de construção de novos modelos de produção do conhecimento ganhou força e iniciou-se o debate sobre a interdisciplinaridade e a compreensão dos problemas ambientais como algo complexo (LEFF, 2000).

Com base em Diegues (2008) é possível dizer que esse processo de mudança foi influenciado pelas ideias que surgiram com o movimento estudantil de 1968 que questionava o modelo de sociedade industrial e suas consequências sociais, culturais e ambientais.

Esse questionamento do paradigma hegemônico que se propagou ao longo dos anos, refletiu na necessidade de pensar a problemática ambiental, assim como a saúde, por uma lógica diferente da posta pela ciência moderna, e em direção a compreensão da complexidade que envolve essas dimensões. Segundo Petraglia (2008), a complexidade é apresentada por Edgar Morin como a interdependência existente entre todos os elementos que compõe o todo, uma ideia que é contrária ao saber parcelado que se constitui a partir da fragmentação do todo para estudo das partes desconsiderando as relações existentes entre elas.

Neste contexto se inserem a saúde e o meio ambiente que precisam ser estudados a partir de um olhar amplo e interdisciplinar. Desse modo, no âmbito da saúde, a mudança de paradigma em prol de um conceito de saúde mais ampliado surge a partir da I Conferência Internacional de Cuidados Primários a Saúde, realizada em Alma-Ata em 1978, na República do Cazaquistão (CAMPOS; AGUIAR; BELISÁRIO, 2008). No Brasil, a 8ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1986, do mesmo modo contribuiu para a ampliação do conceito de saúde, e nesse processo a qualidade do meio ambiente integrou os dados no relatório final da Conferência como uma dimensão para a garantia do direito à saúde (BRASIL, 1987).

Assim sendo, Tambellini e Câmara (1998), bem como Siqueira e Moraes (2009) consideraram que “a inter-relação entre saúde e ambiente emerge como uma preocupação da saúde pública a partir da segunda metade do século XX, tendo como campo principal de conhecimento a ‘Saúde Ambiental’ ou ‘Saúde e Ambiente’” (apud GARCIA; YUNES, 2012, p. 548, grifos dos autores). Para Augusto (2003, p. 184), “a Saúde Ambiental, assim proposta, integra as dimensões histórica, espacial e coletiva das situações, a partir de um compromisso ético com a qualidade de vida das populações e dos ecossistemas em jogo”.

Ribeiro (2004) apresenta a Saúde Ambiental como uma área da saúde pública que se encarrega de tratar das questões ambientais que influenciam na saúde, constituindo uma área



que promove a inter-relação saúde e meio ambiente por meio de um campo de estudo que agrega profissionais de diferentes áreas de formação.

Nesse sentido de aproximação da discussão ambiental com o campo da saúde coletiva, acrescentam-se as estratégias da promoção da saúde, pois se baseiam no entendimento de que “[...] a saúde se promove principalmente com atividades voltadas ao coletivo de indivíduos e aos seus ambientes, em que se valorize a participação social na busca por melhor qualidade de vida humana e respeito à biodiversidade” (GARCIA; YUNES, 2012, p. 551).

Compreende-se que há uma importância em tratar da dimensão ambiental no contexto da saúde por ampliar a compreensão coletiva de que ambiente e saúde são elementos indissociáveis e necessários para o processo de construção de uma consciência social e política em prol de melhorias para a qualidade de vida das pessoas.

Nesta direção, a esfera normativa brasileira trouxe a lei nº 8080 de 1990 que favoreceu a possibilidade de o meio ambiente ser integrado às discussões sobre a saúde. A referida lei, que *dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências* (BRASIL, 1990), aponta para o meio ambiente como um determinante da saúde:

Art. 3º Os níveis de saúde expressam a organização social e econômica do País, tendo a saúde como determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, **o meio ambiente**, o trabalho, a renda, a educação, a atividade física, o transporte, o lazer e o acesso aos bens e serviços essenciais. (BRASIL, 1990, grifo nosso)

Por conseguinte, essa mudança de perspectiva sobre a compreensão da saúde, inevitavelmente, precisa ser discutida e implementada na formação dos profissionais em saúde de modo que esses sujeitos passem a enxergar as questões ambientais como determinantes da saúde, conforme expressa a norma supracitada.

E nesta direção de inclusão da temática ambiental na formação, soma-se a Lei 9795/99 que *dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências* (BRASIL, 1999); e a Resolução nº 2 de 15 de junho de 2012 que *estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental* (BRASIL, 2012a). Para Cruz e Bigliardi (2012) a normativa que estabelece os princípios e objetivos para a inserção da Educação Ambiental no Ensino Básico e Superior fundamenta-se em um paradigma contra hegemônico, uma vez que é voltada para a emancipação humana e transformação da sociedade.

No âmbito político, destaca-se a Agenda 21 nesse processo de associar meio ambiente e saúde. “A Agenda 21, definida na Rio 92 como uma das ferramentas para desenvolvimento sustentável, refere-se explicitamente no seu capítulo 6 à proteção e a promoção da saúde humana, estabelecendo os objetivos de expandir a atenção primária à saúde [...]” (BRASIL, 2011, p. 1). A Rio 92 é uma expressão usada para se referir a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, realizada em 1992 no Rio de Janeiro.

Sobre a referida Conferência, Leff (2015, p. 313) apontou que:

Como consequência da Reunião de Cúpula do Rio, a Organização Mundial da Saúde elaborou uma Estratégia Mundial de Saúde e Meio Ambiente, na qual destaca os amplos vínculos existentes entre a saúde e o meio ambiente no contexto do desenvolvimento sustentável, o que vai além dos determinantes sanitários do meio físico e abrange as consequências, na saúde, da interação entre as populações humanas e toda uma série de fatores de seu entorno físico e social.

Da mesma forma, acrescenta-se que em 2011 ocorreu a Conferência Mundial sobre os Determinantes Sociais da Saúde realizada pela OMS no Rio de Janeiro que veio reafirmar essa integração entre saúde e meio ambiente dentro de uma perspectiva sustentável (BRASIL, 2011). Em vista disso, é possível que haja uma preocupação no cenário internacional e nacional em direção às políticas voltadas para ações de proteção ao meio ambiente que ao mesmo tempo sejam reflexos na melhoria da saúde da população, pois

Reconhece-se que as relações entre ambientes físicos e populações humanas são indissolúveis. Nesse sentido, água potável, ar limpo e saneamento básico e habitação adequada são requisitos fundamentais para a saúde humana e, conseqüentemente, para o desenvolvimento sustentável. (BRASIL, 2011, p.3)

Dito isso, compreende-se que a partir dos movimentos históricos e políticos pautados na inclusão da temática ambiental como um dos novos modos de pensar a saúde, as normativas se apresentam como ferramenta para validar essa discussão. Apoiado nessa perspectiva, depreende-se a necessidade de atualização dos currículos de formação dos profissionais de saúde no sentido dos cursos desenvolverem uma percepção contextualizada da saúde que compreenda a relação do indivíduo com o ambiente.

Nesta direção, é importante destacar que a presença da discussão ambiental no percurso formativo requer um entendimento reflexivo do conceito de meio ambiente, compreendendo-o como “[...] o mundo físico e biótico encarado nas suas relações com o homem” (RAYNAUT, 2004, p. 27). Para tanto, o autor acrescentou a necessidade da

interdisciplinaridade para o estudo do meio ambiente compreendido a partir da relação sociedade e natureza.

A interdisciplinaridade é entendida “[...] como uma *oposição* sistemática a um tipo tradicional de organização do saber, o que constitui um convite a lutar contra a multiplicação desordenada das especialidades e das linguagens particulares nas ciências” (JAPIASSU, 1976, p. 54, grifo do autor), ou seja, implementar a discussão ambiental na formação acadêmica exige um trabalho conjunto dos docentes das diversas áreas de conhecimento a partir de estratégias pedagógicas que priorizem o diálogo, a troca de saberes e experiências, de modo a superar o trabalho isolado.

É nesta lógica interdisciplinar que se concebe o desenvolvimento da temática ambiental na formação em saúde, compreendendo a relação estrita entre o ambiente e a saúde da população, uma vez que “a deterioração de nosso meio ambiente natural tem sido acompanhada de um correspondente aumento nos problemas de saúde dos indivíduos” (CAPRA, 2012, p. 23).

Dessa forma, inquietou-se saber: como a temática ambiental é desenvolvida no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB e qual a percepção dos docentes e discentes deste curso sobre a discussão ambiental na formação em saúde? Nesse trabalho, compreende-se a temática ambiental como todo e qualquer assunto relacionado ao meio ambiente problematizado no processo de formação, tais como: conflitos ambientais, água, biodiversidade, poluição ambiental, desmatamento, produção de alimentos, dentre outros.

Assim, essa pesquisa tem como objetivo geral analisar como a temática ambiental foi desenvolvida na formação dos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB. Para tanto, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: identificar as experiências e vivências ocorridas durante a formação do BIS que abarcaram conhecimentos e reflexões sobre o meio ambiente; analisar a noção dos participantes sobre o meio ambiente; conhecer o sentido que os atores do BIS atribuíram a discussão ambiental no processo de formação em saúde.

Com esse propósito, o presente trabalho está organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, “Meio ambiente e formação em saúde: uma revisão de literatura”, apresenta-se a produção do conhecimento sobre a temática ambiental na formação acadêmica em saúde para o aprofundamento do saber a respeito do tema e ao mesmo tempo fundamentar o estudo junto ao Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB. Em vista disso, expõe-se uma abordagem sobre a visão de meio ambiente e sua relação com a saúde, como esse tema tem aparecido na formação e as proposições para a sua implementação.

No segundo capítulo, “Refletindo sobre a inserção da temática ambiental na formação em saúde”, apresenta-se uma discussão teórica sobre a temática ambiental no contexto da formação em saúde, tecendo uma crítica à noção de meio ambiente construída pelo modelo hegemônico, bem como uma reflexão sobre o desenvolvimento dessa temática no percurso formativo a partir de uma perspectiva contextualizada e interdisciplinar.

No terceiro capítulo, relata-se a metodologia utilizada para responder à questão de investigação, detalhando os passos percorridos para alcançar os objetivos propostos. A abordagem escolhida foi a qualitativa, empregou-se a técnica da entrevista semiestruturada para obtenção dos dados junto a docentes e discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - BIS da UFRB, e a análise dos dados foi realizada conforme o método análise de conteúdo.

O quarto capítulo, “Meio ambiente e formação em saúde: a visão de docentes do BIS/UFRB”, traz uma análise da discussão ambiental na formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde a partir do olhar docente. Discute a noção que os interlocutores docentes expressaram sobre o meio ambiente, as experiências e vivências elencadas sobre a temática ambiental associando à proposta interdisciplinar do curso.

No quinto capítulo, “Meio ambiente e formação em saúde: a experiência dos discentes do BIS/UFRB”, aborda-se como a temática ambiental vem sendo desenvolvida no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde a partir da perspectiva discente. Apresenta-se uma reflexão sobre o entendimento desses atores sobre o meio ambiente e a relação que estabelecem com a saúde a partir das vivências e experiências construídas por meio das atividades de ensino, pesquisa e extensão do curso.

Por fim, expõem-se no sexto capítulo as considerações finais da pesquisa e apontam-se algumas sugestões de continuidade de estudo na área, haja vista a limitação desse estudo em abarcar a complexidade que envolve a discussão ambiental e sua relação com o processo de formação acadêmica na área de saúde. Desse modo, espera-se contribuir com a comunidade acadêmica e os profissionais que se interessam pelo tema meio ambiente e formação em saúde ao apresentar os resultados desse trabalho, na expectativa de servir de base para novas reflexões e ações que contribuam com uma formação comprometida com a sustentabilidade socioambiental.

## **CAPITULO 1. MEIO AMBIENTE E FORMAÇÃO EM SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Neste capítulo são apresentados de forma reflexiva os resultados da revisão de literatura sobre o tema meio ambiente e formação em saúde. A busca das publicações foi realizada nas bases de dados LILACS e SciELO com o uso dos descritores “meio ambiente *and* formação em saúde”. Dessa forma, apresenta-se o percurso para identificação e seleção dos artigos, a caracterização dos estudos identificados e, em seguida, a análise dos estudos a partir dos itens que representam as categorias analíticas: a) a visão de meio ambiente e sua relação com a saúde; b) meio ambiente: uma discussão que precisa ser fortalecida na formação em saúde; e c) proposições para o desenvolvimento da temática ambiental.

### **1.1. PERCURSO PARA IDENTIFICAÇÃO E SELEÇÃO DOS ESTUDOS**

Com base em Laville e Dionne (1999), entende-se a importância do desenvolvimento da revisão da literatura como forma de levantar os saberes já produzidos sobre o tema de estudo de forma a ampliar a nossa visão teórica sobre o assunto e estabelecer um percurso de estudo mais consciente e fundamentado.

Desse modo, com o intuito de conhecer e analisar o que já foi produzido sobre a temática ambiental na formação em saúde, bem como saber onde estes estudos estão sendo realizados, desenvolveu-se uma revisão de literatura tendo como fonte de dados as bases Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde – LILACS e *Scientific Electronic Library Online* - SciELO.

A escolha das bases de dados LILACS e SciELO deve-se ao reconhecimento destas pelo meio acadêmico e científico no que se refere a qualidade dos estudos que são disponibilizados virtualmente através dos seus periódicos.

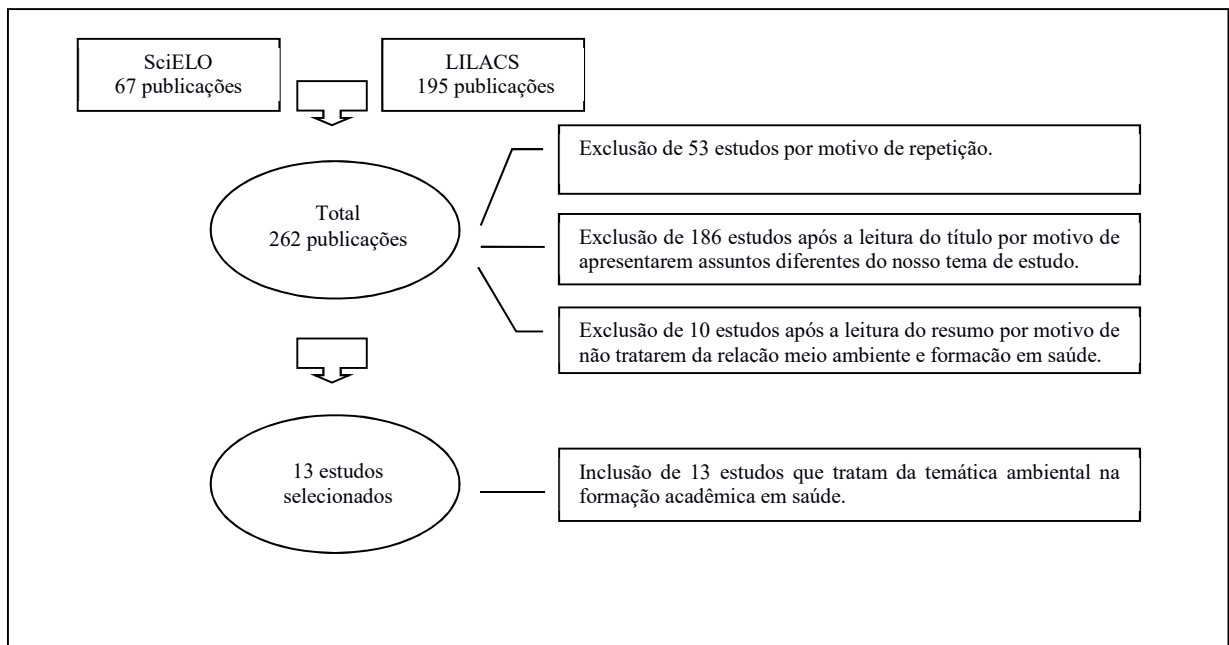
A pesquisa foi realizada no mês de abril de 2018, utilizando na busca avançada das bases citadas o descritor “meio ambiente *and* formação em saúde”, sem o uso de recursos de filtro. Na realização da busca na SciELO, o sistema localizou sessenta e sete produções científicas e, na LILACS, cento e noventa e cinco, totalizando duzentos e sessenta e duas produções. É importante destacar que o descritor é limitado, então é possível que alguns

trabalhos publicados na área não tenham sido alcançados, entretanto adquiriu-se um número significativo de publicações que após o estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão foi possível a consecução do objetivo traçado para este estudo.

Feita a busca, procedeu-se à composição de um banco de dados com os trabalhos organizados em arquivo Excel(\*;xls), que ao colocá-los em ordem alfabética, foram identificados cinquenta e três títulos repetidos. Deste modo, estabeleceu-se a repetição de título como o primeiro critério de exclusão que após subtração restaram-se duzentos e nove produções científicas.

Ainda na etapa de exclusão, foi realizada a leitura dos títulos e retirados aqueles que não possuíam qualquer relação com o tema do estudo, restando vinte e três produções científicas. Destas, dez foram excluídas após a leitura do resumo sob a ótica de buscar as produções que tratavam restritamente da relação da temática ambiental com a formação acadêmica em saúde como critério de inclusão. Após esta etapa, treze artigos foram selecionados para o desenvolvimento da análise de conteúdo. Na Figura 1 apresenta-se o processo realizado para seleção dos estudos.

**Figura 1** - Fluxograma do processo de seleção dos estudos para revisão de literatura



Fonte: Elaboração da autora

Para a análise dos estudos selecionados, seguiram-se as seguintes etapas: organização dos artigos por ano de publicação; leitura aprofundada dos estudos; e estabelecimento das seguintes categorias de análise: a) A visão de meio ambiente e sua relação com a saúde; b) Meio

ambiente: uma discussão que precisa ser fortalecida na formação em saúde; e c) Proposições para o desenvolvimento da temática ambiental. O resultado deste trabalho foi sistematizado e apresentado nas seções que seguem.

## 1.2. CARACTERIZAÇÃO

Observou-se que as publicações selecionadas eram oriundas de instituições de ensino superior localizadas em três regiões brasileiras, a saber: Nordeste, Sudeste e Sul (Tabela 1).

Na região Nordeste, apenas um estudo foi identificado, vinculado à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, na Bahia, e desenvolvido a partir da análise curricular dos cursos da área de saúde das quatro universidades estaduais da Bahia, sendo: Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Universidade de Santa Cruz – UESC, Universidade de Feira de Santana – UEFS e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB; publicado em 2014, na revista *Ciência & Saúde Coletiva*.

Na região Sudeste, observou-se uma revisão de literatura sobre a ecologia na formação do profissional de saúde, os autores eram vinculados ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis – CEFET Química/RJ e Centro Universitário Serra dos Órgãos - UNIFESO, ambos localizados no Rio de Janeiro, a pesquisa foi publicada em 2009, na *Revista Brasileira de Educação Médica*.

Na região Sul, duas publicações foram vinculadas ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração e Gerência do Cuidado em Enfermagem e Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, publicadas em 2011, uma na *Revista Brasileira de Enfermagem* e a outra na *Revista Gaúcha de Enfermagem*. As demais compõem nove trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, publicados no período de 2011 a 2016, nas seguintes revistas: *Revista Gaúcha de Enfermagem*; *Acta Paulista de Enfermagem*; *Revista Enfermagem UERJ*; *Texto Contexto - Enfermagem*; *Trabalho Educação e Saúde*; *Ciência, Cuidado e Saúde*; *Escola Anna Nery*; e *Online Brazilian Journal of Nursing*.

Do total de artigos identificados e selecionados para este estudo, 69% foram desenvolvidos pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Na referida universidade, as pesquisas foram realizadas pelo Grupo Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem.

De modo geral, as pesquisas utilizaram a abordagem qualitativa, o que sugere que esta abordagem seja mais apropriada para estudar como a temática ambiental está prevista nos currículos bem como a percepção dos atores que participam do processo formativo a respeito

do tema. Este achado comunga com o pensamento de Minayo (2001, p. 21-22) que definiu a pesquisa qualitativa como aquela que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Sobre os estudos realizados com participantes, verificou-se a utilização da técnica entrevista semiestruturada desenvolvida, em regra, com docentes e/ou discentes de cursos na área de saúde. Apenas uma pesquisa agregou público externo à universidade, sendo: trabalhadores hospitalares e agentes comunitários.

O curso de Enfermagem foi objeto de estudo em todas as pesquisas que envolveram diferentes cursos da área de saúde e foi o único curso de estudo em quatro artigos, o que indica um olhar mais direcionado ao referido curso. Com base em Santos e Silva (2014), é possível que a aproximação do curso de enfermagem com as questões ambientais esteja relacionada ao trabalho que se desenvolve junto a atenção primária à saúde onde há um espaço propício para o desenvolvimento da educação ambiental.

Quanto a análise dos dados, excetuando dois trabalhos cuja análise foi orientada pela Teoria Fundamentada nos Dados – TFD (*Grounded Theory*) e um que desenvolveu a revisão crítica da literatura, os demais analisaram os dados conforme a técnica de análise de conteúdo. O fato da maioria dos estudos utilizarem a técnica de análise de conteúdo corrobora o pensamento de Silva e Fossá (2015, p. 2): “a análise de conteúdo tem sido amplamente difundida e empregada, a fim de analisar os dados qualitativos”.

É importante destacar que não se atribuiu um corte temporal para a seleção dos artigos, deste modo observou-se que o período em que foram publicados os estudos corresponde aos anos de 2009 a 2016. A UFSM foi a instituição que mais publicou, com publicações anualmente compreendendo o período de 2011 a 2016, as demais instituições fizeram publicações pontuais.



**Tabela 1 - Quadro sistematizado dos artigos selecionados para a revisão**

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Instituição</b>	<b>Abordagem</b>	<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Curso Pesquisado</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>
Cuidado ecológico como um fenômeno amplo e complexo	BACKES, Marli Terezinha Stein et al.	UFSC	Qualitativa	Docentes e acadêmicos	Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição e Odontologia	Rev Bras Enferm	2011
Do antropocentrismo ao ecologicentrismo: formação para o cuidado ecológico na saúde	BACKES, Marli Terezinha Stein et al.	UFSC	Qualitativa	Docentes e acadêmicos	Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição e Odontologia	Rev. Gaúcha Enferm. (Online)	2011
Saúde, meio ambiente e território: uma discussão necessária na formação em saúde	SOUZA, Cinoélia Leal de; ANDRADE, Cristina Setenta	UESC	Qualitativa	Não se aplica	Biomedicina, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia	Ciênc. Saúde Coletiva	2014
Ecologia na formação do profissional de saúde: promoção do exercício da cidadania e reflexão crítica comprometida com a existência	SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo et al.	CEFET Química/RJ e UNIFESO	Qualitativa	Não se aplica	Não se aplica	Rev. Bras. Educ. Med.	2009
A abordagem da interface saúde e meio ambiente na formação profissional de enfermeiros	CAMPONOGARA, Silviamar et al.	UFSM	Qualitativa	Docentes	Enfermagem	Rev. Gaúcha Enferm.	2011
Percepção de docentes enfermeiros sobre a problemática ambiental: subsídios para a formação profissional em enfermagem	VIERO, Cibelle Mello et al.	UFSM	Qualitativa	Docentes	Enfermagem	Texto Contexto - Enferm.	2012
Responsabilidade Ambiental na visão de acadêmicos da área da saúde	CAMPONOGARA, Silviamar et al.	UFSM	Qualitativa	Acadêmicos	Enfermagem, Medicina Fisioterapia, Fonoaudiologia, Farmácia e Odontologia	Rev. Enferm. UERJ	2012
Interface entre saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde	CAMPONOGARA, Silviamar et al.	UFSM	Qualitativa	Acadêmicos	Enfermagem, Medicina Fisioterapia, Fonoaudiologia, Farmácia e Odontologia	Acta Paul. Enferm.	2012
Visão de profissionais e estudantes da área de saúde sobre a interface saúde e meio ambiente	CAMPONOGARA, Silviamar et al.	UFSM	Qualitativa	Docentes, acadêmicos, trabalhadores hospitalares e agentes comunitários de saúde.	Diversos da área de saúde	Trab. Educ. Saúde	2013
Saúde e meio ambiente: subsídios para reflexão sobre a formação acadêmica na área da saúde	CAMPONOGARA, Silviamar et al.	UFSM	Qualitativa	Acadêmicos	Enfermagem, Medicina, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Farmácia e Odontologia	Ciênc. Cuid. Saúde	2013
Educação ambiental na visão de docentes da saúde coletiva: um estudo descritivo-exploratório	Peres RR, Camponogara S.	UFSM	Qualitativa	Docentes	Enfermagem, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Odontologia e Saúde Comunitária	Online braz j nurs [internet]	2014
Educação ambiental para docentes enfermeiros: percepção e relação com a formação do enfermeiro	PERES, Roger Rodrigues et al.	UFSM	Qualitativa	Docentes	Enfermagem	Rev. Gaúcha Enferm. [online]	2015
Saúde e ambiente: (in) visibilidades e (des) continuidade na formação profissional em enfermagem	PERES, Roger Rodrigues et al.	UFSM	Qualitativa	Docentes	Enfermagem	Esc. Anna Nery	2016

Fonte: Elaboração da autora

### 1.3. A VISÃO DE MEIO AMBIENTE E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE

A partir da análise dos artigos, verificou-se que os autores discutem a temática ambiental relacionada com a saúde na direção da perspectiva sistêmica, aquela que segundo Capra (2012, p. 259) “[...] baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais”. Entretanto, os estudos revelaram que este pensamento necessita ser aprofundado e materializado na formação em saúde.

Observou-se que a percepção sistêmica sobre a temática ambiental não é desenvolvida de forma efetiva e significativa no processo formativo do profissional em saúde, ainda que, a maioria dos docentes tenham demonstrado uma compreensão ampla sobre a relação entre meio ambiente e saúde. Alguns não articularam o conhecimento ambiental com os conteúdos ministrados em sala de aula e isto se reflete no pensamento dos discentes sobre a temática ambiental e seu vínculo com a saúde.

Os artigos que tiveram como sujeitos da pesquisa apenas discentes evidenciaram que este público não apresentou uma ideia articulada entre meio ambiente e saúde, pois os saberes apresentados se direcionaram para uma visão linear, sinalizando a ausência ou superficialidade de reflexões acerca de uma articulação entre meio ambiente e saúde no processo formativo. Os estudos de Camponogara et al. (2012b; 2013b) demonstraram que este público, apesar de reconhecer que os problemas ambientais impactam na saúde da população, os reduziu a ações de causa e efeito, que segundo os autores, significou um olhar limitado sobre o ambiente enquanto causa de doenças, que resulta de um currículo centrado na questão patológica, que não estimula uma compreensão do processo de saúde-doença de forma ampliada, demonstrando que a relação meio ambiente e saúde carece de ser debatida visando o viver saudável, a qualidade de vida.

A esse respeito, sabe-se que no transcorrer da história o homem foi analisado e estudado de forma fragmentada sob influência do pensamento cartesiano, como apontou Capra (2012). Nesse sentido, o autor acrescentou que a natureza também foi compreendida sob essa lógica, resultando em ações antiecológica que desconsideram o fato de que “os ecossistemas sustentam-se num equilíbrio dinâmico baseado em ciclos e flutuações, que são processos não-lineares” (CAPRA, 2012, p. 40).

Desse modo, os estudos selecionados identificaram a necessidade da universidade desenvolver a temática ambiental no processo formativo dentro de uma perspectiva diferente da apontada no parágrafo anterior. Defendem a ideia de uma visão sistêmica sobre o ambiente

e a saúde que remete a uma nova abordagem que trate a saúde em uma perspectiva ampliada. Com base em Capra (2012), o conceito amplo de saúde não se refere apenas a ausência de doenças, compreende uma abordagem integrada entre o homem e todo seu contexto, pois “[...] inclui dimensões individuais, sociais e ecológicas [...]” (CAPRA, 2012, p. 120).

Essa deficiência no processo formativo em saúde quanto à discussão da temática ambiental implica na necessidade de revisão dos currículos e práticas pedagógicas em prol do compromisso que deve ser desenvolvido nos espaços acadêmicos em direção a sustentabilidade socioambiental, que, no campo da saúde, exige a superação do modelo tradicional que é predominante na formação.

Essa ideia é reforçada por Moraes (2005, p. 46) para o qual o estudo sobre a problemática ambiental “[...] não se encaixa tranquilamente nos paradigmas tradicionais [...]”, e Leff (2015, p. 145, grifo do autor) corrobora esse pensamento ao expor que “o *saber ambiental* problematiza o conhecimento fragmentado em disciplinas [...]”. Isso significa pensar uma formação na qual as questões ambientais dialoguem com os diversos conteúdos que compõem a trajetória acadêmica em saúde.

Entretanto, seguir nessa direção é uma tarefa desafiadora e necessária, pois, exige caminhos inovadores para a formação haja vista que o modelo tradicional e hegemônico ainda se faz presente na universidade, sendo necessário o desenvolvimento de uma nova perspectiva político-pedagógica que desenvolva diálogos, vivências e experiências que contribuam na construção do pensamento sistêmico entre meio ambiente e saúde.

#### 1.4. MEIO AMBIENTE: UMA DISCUSSÃO QUE PRECISA SER FORTALECIDA NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

A partir dos achados na literatura selecionada, notou-se a existência de um distanciamento entre a compreensão da importância da discussão da temática ambiental e sua implementação na formação. Nesse sentido, utilizou-se os autores Camponogara et al. (2011; 2012a; 2013b), Backes et al. (2011a), Souza e Andrade (2014), Peres e Camponogara (2014), Peres et al. (2015; 2016), como suporte teórico para o desenvolvimento desse tópico.

Os autores citados sinalizaram que a temática ambiental é pouco desenvolvida no processo de formação em saúde. Ainda que os sujeitos das pesquisas tenham demonstrado perceber a relação entre meio ambiente e saúde, esse conhecimento não se deu de maneira contínua e dialogada e sim de forma superficial no processo de ensino-aprendizagem.

Backes et al. (2011a, p. 879) apresentaram que:

Para a maioria dos estudantes e docentes entrevistados, a questão ambiental/ecológica tomou dimensões avassaladoras e comprometedoras para a sustentabilidade ambiental e do próprio ser humano (vida humana). [Mas,] é uma temática, na concepção dos entrevistados, ainda bastante incipiente, tanto no discurso quanto na prática.

É possível perceber neste contexto, posto esta contradição, a influência do modelo hegemônico que atribui destaque a uma formação especializada, que não integra as questões ambientais no estudo do processo saúde-doença, pois, segundo Camponogara et al. (2013b, p. 566),

[...] a manutenção de uma orientação formativa alinhada ao vínculo entre saúde e meio ambiente, com base na abordagem restrita a patologias, traduz o paradigma que tem norteado, ainda, a formação em saúde, ancorado na vertente positivista, biologista, com foco na doença, na cura, na hospitalização e medicalização.

Os autores supracitados indicaram que essa abordagem, conseqüentemente, implica na formação de profissionais distantes de uma sensibilização para a promoção da saúde e da qualidade de vida alinhadas a questão ambiental, o que refletirá na atuação desses futuros profissionais. Posto isso, os autores ressaltaram a importância de trabalhar o olhar integral na formação em saúde.

Na Tabela 2, construída a partir dos artigos que integraram essa revisão, observa-se na coluna “Desenvolvimento da temática ambiental nos cursos”, que na prática a discussão da temática ambiental se dá em processos isolados ou em disciplinas específicas sem a manutenção de um diálogo das diversas áreas que compõem a trajetória acadêmica em saúde para abordar os problemas ambientais que inevitavelmente atingem a saúde e o bem-estar da população.

Ainda na referida coluna da Tabela 2, onde consta que não foi identificada a forma como a temática ambiental foi desenvolvida, se por meio de disciplina ou práticas realizadas na comunidade, vale destacar que foi possível observar na maioria dos artigos a sinalização para o pouco diálogo entre meio ambiente e saúde no processo formativo.

**Tabela 2 - Desenvolvimento da temática ambiental no processo formativo**

<b>Título</b>	<b>Sujeitos da Pesquisa</b>	<b>Desenvolvimento da temática ambiental nos cursos</b>	<b>Proposições para o desenvolvimento</b>
Cuidado ecológico como um fenômeno amplo e complexo	Docentes e acadêmicos	No curso de Enfermagem através de uma disciplina específica. Nos demais cursos, de forma isolada.	Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade
Do antropocentrismo ao ecologicentrismo: formação para o cuidado ecológico na saúde	Docentes e acadêmicos	Não identificamos	Interdisciplinaridade e metodologias reflexivas
Saúde, meio ambiente e território: uma discussão necessária na formação em saúde	Não se aplica – análise documental	Através da área de Saúde Coletiva e Epidemiologia, e disciplinas de conteúdos gerais.	Transversalidade e interdisciplinaridade
Ecologia na formação do profissional de saúde: promoção do exercício da cidadania e reflexão crítica comprometida com a existência	Não se aplica – revisão da literatura	Não se aplica	Disciplina sobre ecologia e transversalidade
A abordagem da interface saúde e meio ambiente na formação profissional de enfermeiros	Docentes	Não identificamos	Transversalidade e interdisciplinaridade
Percepção de docentes enfermeiros sobre a problemática ambiental: subsídios para a formação profissional em enfermagem	Docentes	Não identificamos	Abordagem crítica e reflexiva
Responsabilidade Ambiental na visão de acadêmicos da área da saúde	Acadêmicos	Não identificamos	Reflexão crítica e ética
Interface entre saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde	Acadêmicos	Não identificamos	Transversalidade
Visão de profissionais e estudantes da área de saúde sobre a interface saúde e meio ambiente	Docentes, acadêmicos, trabalhadores hospitalares e agentes comunitários de saúde	Não identificamos	Abordagem reflexiva
Saúde e meio ambiente: subsídios para reflexão sobre a formação acadêmica na área da saúde	Acadêmicos	Através de uma disciplina específica no curso de Enfermagem. Nos demais cursos, em disciplina da área de saúde pública, quando ocorre.	Disciplina específica e transversalidade
Educação ambiental na visão de docentes da saúde coletiva: um estudo descritivo-exploratório	Docentes	Através da área da Saúde Coletiva	Interdisciplinaridade e transversalidade
Educação ambiental para docentes enfermeiros: percepção e relação com a formação do enfermeiro	Docentes	Apenas um curso cita uma disciplina. Nos demais, quando ocorre é através de disciplina que trata de temas que mantêm relação com o meio ambiente, exemplo: saneamento ambiental.	Interdisciplinaridade e disciplina específica
Saúde e ambiente: (in) visibilidades e (des) continuidade na formação profissional em enfermagem	Docentes	Através de disciplinas que desenvolvem atividades em ambiente hospitalar ou na comunidade.	Interdisciplinaridade e transversalidade

Fonte: Elaboração da autora

No estudo de Souza e Andrade (2014), foi apresentado que quando a temática ambiental é posta no currículo através de uma disciplina específica e isolada vincula-se uma ideia de atendimento da norma que trata da obrigatoriedade da discussão ambiental no currículo, porém desvinculada de uma formação reflexiva sobre as questões ambientais. As autoras afirmaram que:

[...] a presença de uma única disciplina dá a sensação de cumprimento de uma obrigação prevista em lei e não devida a importância dessa discussão no

campo da Saúde. Mesmo com a comprovada relevância e comprovada necessidade de inserir na formação em Saúde a discussão e a reflexão sobre o Meio Ambiente pouco é observado nos cursos de graduação das UEBA, sobre a educação ambiental no currículo de graduação em Saúde. (SOUZA; ANDRADE, 2014, p. 4120)

Neste caso, quando a temática ambiental é trabalhada isoladamente, sem vínculos a outros componentes no qual se possa construir diálogos, desenvolve-se uma formação desprovida de reflexões críticas e contextualizadas acerca da temática ambiental, pois a criação de diálogos entre disciplinas é imprescindível.

Para além da implementação de discussões sobre a temática ambiental através de uma disciplina específica, observou-se nas pesquisas de Souza e Andrade (2014), Camponogara et al. (2013b) e Peres e Camponogara (2014) um destaque para a área de saúde coletiva enquanto espaço onde ocorrem diálogos que agregam o meio ambiente e que tem por característica desenvolver reflexões mais amplas sobre a saúde da população.

A presença da temática ambiental nos componentes da saúde coletiva é um achado que corrobora com o pensamento de Garcia e Yunes (2012, p. 548) ao considerar que esta área do saber dialoga com a educação ambiental na medida em que também “[...] busca a melhoria das condições de vida e a superação da crise ambiental, vigente no cotidiano das populações”.

No trabalho de Peres et al. (2016) observou-se que durante as atividades práticas do curso de enfermagem, desenvolvidas junto às comunidades ou em hospitais, emergiram associações com a problemática ambiental de modo que esses espaços proporcionavam uma maior visibilidade da interação entre questões ambientais e a saúde. Um outro momento no qual as questões ambientais apareceram no percurso formativo foi através das disciplinas da área de saneamento ambiental, apontado no estudo de Peres et al. (2015).

Em vista disso, ainda que se reconheça a importância de incluir na formação em saúde o diálogo sobre o meio ambiente, percebe-se a necessidade de articular melhor a teoria à prática de forma que as questões ambientais se tornem presentes e relevantes no processo formativo do profissional em saúde visando uma formação consciente e humanizada. Nesta direção, os estudos apontaram caminhos, a exemplo da interdisciplinaridade e a transversalidade, que serão discutidas no tópico que segue.

## 1.5. PROPOSIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA AMBIENTAL

Os estudos apontaram a universidade como um espaço importante para o desenvolvimento da temática ambiental. Neste caminho, sinalizaram proposições de integração e desenvolvimento da temática na formação com vista a contribuir para o aprimoramento das discussões sobre a relação meio ambiente e saúde.

Conforme a Tabela 2, a interdisciplinaridade ganhou destaque em parte considerável dos estudos como meio apontado para a implementação da temática ambiental no percurso formativo. Camponogara et al. (2011, p. 652) argumentaram sobre a

[...] necessidade de que o tema receba atenção interdisciplinar, capaz de valorizar e dar compreensão a verdadeira relação existente entre o ser humano, a saúde e o ambiente, uma vez que, sem dúvida, a sobrevivência e a saúde da humanidade estão na dependência de uma mudança no modo de se relacionar e interagir com esse meio ambiente.

A proposição da interdisciplinaridade ratifica o que vem sendo defendido pelos teóricos no que se refere a ampliação da discussão ambiental na formação acadêmica. Leff (2000, p. 22) conceituou a interdisciplinaridade como “[...] um processo de inter-relação de processos, conhecimentos e práticas que transborda e transcende o campo da pesquisa e do ensino no que se refere estritamente às disciplinas científicas e a suas possíveis articulações”.

Neste sentido, a partir de uma prática interdisciplinar, os docentes e discentes poderão desenvolver uma melhor compreensão da relação meio ambiente e saúde, que poderá resultar em profissionais que atuarão de forma integrada no processo saúde-doença.

No trabalho de Backes et al. (2011a), apareceu a transdisciplinaridade como uma forma de integrar e contextualizar os conhecimentos no processo de ensino aprendizagem. Compreende-se, com base em Japiassu (1976), que a transdisciplinaridade seria o aprimoramento, o avanço do trabalho interdisciplinar, proporcionando maior ou total integração entre os diversos saberes.

Dentro desse contexto, em parte dos artigos, também foi sugerida a transversalidade, em muitos deles aliada a interdisciplinaridade. O trabalho transversal agrega no desenvolvimento da prática interdisciplinar de modo que as discussões ambientais ocorram ao longo da formação evitando o isolamento dessa discussão em apenas uma disciplina.

Sabe-se que:

A transversalidade da questão ambiental é justificada pelo fato de que seus conteúdos, de caráter tanto conceituais (conceitos, fatos e princípios), como procedimentais (relacionados com os processos de produção e de resignificação dos conhecimentos), e também atitudinais (valores, normas e atitudes), formam campos com determinadas características em comum: não estão configurados como áreas ou disciplinas; podem ser abordados a partir de uma multiplicidade de áreas; estão ligados ao conhecimento adquirido por meio da experiência, com repercussão direta na vida cotidiana; envolvem fundamentalmente procedimentos e atitudes, cuja assimilação deve ser observada a longo prazo. (OLIVEIRA, 2007, p. 108)

Depreende-se uma defesa do desenvolvimento da temática ambiental de forma transversal, presente ao longo da trajetória formativa através dos diversos componentes curriculares, haja vista que uma disciplina específica e isolada na matriz curricular para tratar de temas ambientais não daria conta de promover uma formação crítica dos estudantes sobre a atual problemática ambiental que influencia diretamente na saúde e na qualidade de vida das pessoas.

Nos estudos de Backes et al. (2011b), Viero et al. (2012) e Camponogara et al. (2012a; 2013a), acrescentaram a metodologia reflexiva. Entende-se que o processo reflexivo se dá coletivamente na relação docente e discente no qual é proposto refletir sobre as ações cotidianas e como elas se relacionam com o meio ambiente; como consequência desse processo, espera-se que os sujeitos se tornem mais responsáveis em suas relações com o outro e com a natureza. Desse modo, ocorre o despertar do senso crítico em direção a construção de novos valores e comportamentos que conduzirão a um novo olhar sobre a relação meio ambiente e saúde no exercício da prática profissional.

Sobre esse assunto, Camponogara et al. (2013a, p. 108) afirmaram que:

No que tange à área da saúde especificamente, pressupõe-se que a ampliação do debate sobre o tema, com um aprofundamento do processo reflexivo, oportuniza aos profissionais a condição de rever concepções, posturas e valores, no sentido de comprometê-los com a sustentabilidade ambiental.

Foi colocado também como proposição por alguns autores a inclusão de disciplinas específicas que tratem da temática ambiental. Entretanto, como discutido no item anterior, se essa alternativa não estiver alinhada a diálogos com as demais disciplinas da matriz curricular, ficando centrada em apenas uma disciplina, ainda permanecerá a superficialidade da abordagem, mesmo que existente.

Desse modo, depreende-se que o estudo da temática ambiental na formação em saúde é algo necessário e relevante, que deve acontecer de forma interdisciplinar através de ações



pedagógicas que envolvam a troca de saberes entre as diversas áreas do conhecimento, transversal para que se realize ao longo da trajetória formativa de maneira a não ficar estanque a uma disciplina, e que os diálogos sobre os temas ambientais estimulem o raciocínio reflexivo e crítico dos sujeitos. Assim, espera-se da universidade o cumprimento da responsabilidade em formar profissionais e cidadãos críticos e comprometidos com a coletividade, que entendam a relação saúde e meio ambiente a partir de uma perspectiva sistêmica que resulte em uma atuação profissional responsável com o outro e com o meio ambiente.

## **CAPÍTULO 2. REFLETINDO SOBRE A INSERÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE**

Neste capítulo desenvolve-se uma reflexão teórica sobre a inserção da temática ambiental no processo de formação acadêmica em saúde a partir da crítica ao pensamento hegemônico que incentiva a exploração da natureza para sustentação do modelo econômico existente na sociedade atual, e direciona-se para uma prática formativa baseada na interdisciplinaridade e no cuidado ambiental. Com esse propósito, o texto foi composto pelas seguintes seções: compreendendo a temática ambiental para além do pensamento hegemônico e a temática ambiental na formação acadêmica em saúde a partir de uma perspectiva contextualizada e interdisciplinar.

### **2.1. COMPREENDENDO A TEMÁTICA AMBIENTAL PARA ALÉM DO PENSAMENTO HEGEMÔNICO**

O desenvolvimento da temática ambiental no âmbito da formação acadêmica pressupõe uma abordagem crítica e contextualizada. A esse raciocínio agrega-se a ideia de que “o saber ambiental se constitui a partir de uma nova percepção das relações entre os processos naturais, tecnológicos e sociais, na qual estes últimos ocupam um lugar preponderante em sua gênese e em suas vias de resolução” (LEFF, 2015, p. 214).

Nesse sentido, Reigota (2009, p. 36) definiu meio ambiente como:

[...] um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relação dinâmica e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformações da natureza e da sociedade.

Sabe-se que essa concepção de meio ambiente a partir das interações que o homem constrói com a natureza não foi propagada pelo pensamento hegemônico, pois, segundo Capra (2012), a ideia difundida ao longo dos anos baseou-se em um raciocínio que separa o homem e a natureza a partir de uma visão mecanicista, ou seja, o olhar sobre o meio ambiente foi reduzido a perceber os elementos naturais de maneira desvinculada das relações sociais.

Essa visão mecanicista alicerça-se na ciência moderna que se configurou como um paradigma que surgiu no século XVII e foi reproduzido no meio científico até os dias atuais, contribuindo para a exploração da natureza em que esta passou a ser vista como uma máquina submetida às leis da matemática para estudo de maneira que o homem obtivesse o seu controle para atender as suas necessidades (CAPRA, 2012).

Apoiado em Capra (2012) e Leff (2015), é possível afirmar que esse entendimento mecanicista serviu e serve a racionalidade econômica desenvolvida na sociedade capitalista na medida em que a natureza vista por esse viés tornou-se apenas fonte de recursos para gerar riquezas sem uma preocupação com a qualidade de vida das pessoas e a sustentabilidade do planeta.

Corroboram com esse pensamento Santos, Menezes e Nunes (2004) quando explicaram que os fatores econômicos e políticos foram preponderantes para a consolidação da ciência moderna como único meio válido para a produção do conhecimento, e nesse processo foi construída uma ideia de separação entre natureza e sociedade, em que a natureza passou a ser compreendida como algo externo à sociedade, inferior, e desse modo transformada em recurso para a exploração.

Consequentemente, essa percepção dicotômica entre o homem e a natureza que foi potencializada pelo capital resultou na crise ambiental que ganhou destaque nas últimas décadas do século XX e que coloca em questionamento essa racionalidade econômica e científica sob a qual a civilização ocidental se baseia e provoca uma exploração intensa da natureza (LEFF, 2015).

Desse modo, o autor supracitado defende a necessidade da construção de uma racionalidade ambiental a partir da crítica ao pensamento hegemônico e em direção a construção de “[...] um campo de conhecimentos teóricos e práticos orientado para a rearticulação das relações sociedade-natureza” (LEFF, 2015, p.145).

Acerca de um pensamento articulado da relação sociedade-natureza, Edgar Morin nos ensina que:

[...] não podemos estar separados do nosso meio ambiente; o conhecimento de nós próprios não é possível, se nos isolarmos do meio em que vivemos. Não seríamos seres humanos, indivíduos humanos, se não tivéssemos crescido num ambiente cultural onde aprendemos a falar, e não seríamos seres humanos vivos se não nos alimentássemos de elementos e alimentos provenientes do meio natural. (MORIN, 1999, p. 2)

Ou seja, é preciso pensar o meio ambiente a partir de uma percepção complexa. O pensamento complexo foi desenvolvido por Edgar Morin que percebeu no modelo da ciência moderna os limites para produção de conhecimentos através de uma lógica disciplinar e fragmentada, então, ele propôs a ligação ao invés da separação, citou os problemas da nossa biosfera para exemplificar que não se tratam apenas de uma questão local, é mundial, requer uma nova forma de pensamento (MORIN, 1999). Um dos princípios que embasou o autor na construção do pensamento complexo foi o princípio sistêmico ou organizacional:

Princípio sistêmico ou organizacional: liga o conhecimento das partes ao conhecimento do todo, conforme a ponte indicada por Pascal e mencionada antes: ‘Tenho por impossível conhecer o todo sem conhecer as partes, e conhecer as partes sem conhecer o todo’. A ideia sistêmica, oposta à reducionista, entende que ‘o todo é mais do que a soma das partes’. (MORIN, 1999, p. 15)

Nesse processo de superar a lógica predominante, acrescenta o conceito apresentado por Santos (2008) sobre “ecologia de saberes” que é contrário ao entendimento de que o único conhecimento válido é aquele produzido conforme o método da ciência moderna, pois defende o diálogo entre o conhecimento científico e outros saberes, envolvendo diversos pesquisadores, estudantes e grupos sociais como sujeitos ativos que compartilham seus conhecimentos. Assim, o autor afirmou que a “ecologia de saberes”

Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade. (SANTOS, 2008, p. 69)

De maneira similar, Boff (1999) defendeu a “troca de saberes” entre o conhecimento popular e o conhecimento crítico científico que deve ser materializada no processo de cuidado que a comunidade deve ter com o ecossistema local, vivenciando as dinâmicas desse ambiente e respeitando sua diversidade.

Assim sendo, a perspectiva interdisciplinar e de valorização dos diferentes saberes pode alicerçar um trabalho crítico com a temática ambiental que no âmbito da formação em saúde contribua na formação de profissionais conscientes de que o cuidado com o meio ambiente gera benefícios para a saúde da população.

## 2.2. A TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA EM SAÚDE A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CONTEXTUALIZADA E INTERDISCIPLINAR

O trabalho interdisciplinar nos espaços universitários ainda encontra resistência apresentando poucos avanços, pois as instituições continuam estruturadas sob a lógica disciplinar, refletindo os valores que norteiam a sociedade da qual fazem parte (LEFF, 2015).

Segundo Almeida Filho (2008), o modelo brasileiro de universidade possui uma estrutura formativa alicerçada na concepção da fragmentação do conhecimento, considerando que:

De fato, do ponto de vista epistemológico, a universidade brasileira funda-se sobre uma concepção linear e fragmentadora do conhecimento, alienada da complexidade dos problemas da natureza, da sociedade, da história e da subjetividade humanas. Nessa perspectiva, o conhecimento é apresentado como um bloco que pode ser quebrado em pedaços. Conhecer é primeiro quebrar em pedacinhos, cada vez menores, o campo ou objeto que queremos pesquisar ou estudar para, em seguida, acumular ou somar esses fragmentos de conhecimento. Isso é uma concepção que se encontra presente, e às vezes dominante, em todos os ramos do pensamento ocidental. (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 150)

Além das universidades possuírem uma estrutura de funcionamento disciplinar e fragmentada, conforme apontou o autor acima citado, no campo da saúde, o modelo de formação corrobora com essa lógica dominante quando se baseia no paradigma biomédico. Esse paradigma é definido por Capra (2012) como aquele que é baseado no pensamento cartesiano para compreender a saúde e a doença sob um olhar mecanicista da vida que influenciou o pensamento médico na compreensão e estudo do corpo humano, visto que

O corpo humano é considerado uma máquina que pode ser analisada em termos de suas peças; a doença é vista como um mau funcionamento dos mecanismos biológicos, que são estudados do ponto de vista da biologia celular e molecular; o papel dos médicos é intervir, física ou quimicamente, para consertar o defeito no funcionamento de um específico mecanismo enguiçado. (CAPRA, 2012, p. 119)

O autor esclareceu ainda que esse modelo de pensar a saúde e a doença, comparando o ser humano a uma máquina, propiciou avanços na área da saúde, entretanto esse mesmo modelo já não é mais suficiente para responder as demandas atuais da área que necessitam da compreensão do todo, pois o processo da cura “[...] envolve uma complexa interação entre os

aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais da condição humana” (CAPRA, 2012, p.120).

Desse modo, é necessário compreender a saúde como “um estado de bem-estar, resultante de um equilíbrio dinâmico que envolve os aspectos físicos e psicológicos do organismo, bem como suas interações com seu ambiente natural e social” (CAPRA, 1982, p. 323, apud CAPRA; LUISI, 2014, p. 405).

Nesse contexto, compreende-se que é indissociável as dimensões meio ambiente e saúde, pois as interações que o homem mantém com o ambiente natural e social repercutem no seu bem-estar. Assim sendo, é preciso refletir sobre essa relação durante o processo formativo dos profissionais da área de saúde considerando o meio ambiente enquanto um determinante da saúde.

Segundo Buss e Pellegrini Filho (2007), o estudo dos determinantes sociais da saúde vem avançando nos últimos anos e por esse processo entende-se o reconhecimento das implicações das condições de vida e trabalho na saúde de um indivíduo ou de uma população. Quando os autores apresentam o modelo de Dahlgren e Whitehead para explicar a relação entre os determinantes sociais e a saúde, percebe-se que as condições ambientais integram o quarto nível do modelo apresentado, enquanto macrodeterminantes que influenciam na situação de saúde.

Para Campos, Aguiar e Belisário (2008) o entendimento da complexidade dos determinantes do processo saúde-doença é uma necessidade a ser desenvolvida na formação superior dos profissionais em saúde que precisa superar o modelo dominante diante dos novos problemas de saúde que afetam a população em que as ações devem ser direcionadas para o cuidado contínuo não ficando restritas a busca da cura.

Outro aspecto importante para a formação é a abordagem holística. Ela valoriza as diferentes concepções de saúde, reconhece os saberes tradicionais, pois entende que a saúde não pode ser compreendida sob a ótica reducionista que compara um organismo vivo a uma máquina, ela é multidimensional, e conhecer as práticas de diferentes culturas é uma forma de ampliar a visão sobre a saúde e o processo de cura (CAPRA, 2012).

É nesse cenário de mudança de perspectiva sobre a formação em saúde que a temática ambiental pode ser inserida, no sentido de formar profissionais voltados para a promoção e proteção da saúde. Além disso, deve-se considerar também que é preciso expandir as possibilidades de atuação desses profissionais de maneira que sejam

[...] capazes de se inserir criativamente nos processos de fortalecimento de uma cultura de saúde que contemple a defesa dos princípios, valores e direitos humanos relacionados com a promoção, preservação e defesa da vida em nossa sociedade, o que significa engajar-se nas lutas contra as desigualdades sociais, contra a iniquidade no acesso aos bens e serviços, bem como pela promoção da paz, combate a violência, melhoria das condições ambientais e promoção de valores democráticos. (TEIXEIRA; COELHO, 2017, p. 24)

A partir disso, entende-se a necessidade de desenvolver uma formação política no processo de ensino-aprendizagem na área da saúde para além do ensino da técnica. A formação política do sujeito é defendida por Freire (1987) que considera a ação pedagógica um processo que conscientiza e politiza quando desenvolve uma reflexão e ação que oportuniza ao sujeito o poder de se libertar da condição de oprimido.

No âmbito da discussão ambiental, deve-se desenvolver uma reflexão crítica acerca dos impactos ambientais sobre os indivíduos levando em consideração os aspectos socioeconômicos, pois segundo o Movimento de Justiça Ambiental iniciado nos Estados Unidos na década de 1980 e expandido para outros países, a exemplo do Brasil, as pessoas que já sofrem com a desigualdade social e racial são as mais impactadas tendo em vista a vinculação da problemática ambiental às questões sociais, raciais, econômicas e políticas (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009).

Além desse olhar crítico sobre a temática ambiental, acredita-se em um trabalho político-pedagógico que desenvolva uma prática que comungue com o pensamento de Boff (1999) no que diz respeito a desenvolver a ética do cuidado, utilizando de forma responsável os recursos, reciclando materiais, conservando a biodiversidade, revendo os hábitos de consumo, cuidando de si e do outro. O autor ensina que:

O outro modo de ser-no-mundo se realiza pelo cuidado. O cuidado não se opõe ao trabalho mas lhe confere uma tonalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma Realidade fontal. A natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano pode escutar e interpretar esses sinais. Coloca-se ao pé das coisas, *junto* delas e a elas sente-se unido. Não existe, co-existe com todos os outros. A relação não é de domínio *sobre*, mas de con-vivência. Não é pura intervenção, mas inter-ação e comunhão. (BOFF, 1999, p. 95, grifos do autor)

Para Leff (2015), a ética ambiental pressupõe uma crítica à racionalidade econômica na direção da construção de valores que contribuam para criar uma estrutura de desenvolvimento em que haja uma harmonia com a natureza e o respeito à diversidade e aos princípios democráticos.

Nesse sentido, busca-se pensar e discutir novas formas de organização da sociedade, a exemplo do que Capra (2002) chamou de comunidade humana sustentável que “[...] é planejada de tal maneira que seus modos de vida, negócios, economia, estruturas físicas e tecnologias não interferem na capacidade inerente da natureza para sustentar a vida” (apud CAPRA; LUISI, 2014, p. 435).

Para tanto, espera-se que as universidades desenvolvam práticas pedagógicas interdisciplinares construídas conjuntamente pelos seus atores no sentido de buscar formar sujeitos críticos e conscientes da necessidade de participação política, capazes de promover diálogos com as diferentes áreas de conhecimento e valorizar os saberes populares, o que resultará em profissionais mais preparados para promover ações de mudanças na sociedade atual que caminhem para o cuidado com o meio ambiente.



## CAPITULO 3. METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar como a temática ambiental vem sendo desenvolvida na formação dos estudantes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - BIS da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, bem como conhecer o sentido que os atores do referido curso atribuem à dimensão ambiental na formação em saúde, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa.

A escolha dessa abordagem resultou da compreensão de que ao buscar conhecer o trabalho realizado no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde com a temática ambiental a partir da fala dos seus atores demandaria uma análise e interpretação de dados subjetivos resultantes das experiências e vivências relatadas por esses sujeitos.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa busca compreender a subjetividade que envolve o objeto de estudo decorrente da presença de elementos que não são passíveis de quantificação, pois para a autora “[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2001, p. 22).

Desse modo, enfatiza-se a ideia de que a resposta à indagação desta pesquisa, de como a temática ambiental é desenvolvida e percebida pelos atores do curso do BIS/UFRB, resultou da análise de dados obtidos por meio de entrevista semiestruturada com docentes e discentes do referido curso, correspondendo a um conjunto de informações subjetivas que representam a visão dos participantes sobre o tema pesquisado, o que exigiu a realização de um estudo qualitativo.

### 3.1. CONHECENDO O BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DA UFRB

A pesquisa foi realizada tendo como unidade de análise o curso Bacharelado Interdisciplinar em Saúde – BIS da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. A UFRB foi criada através da Lei 11.151 de 29 de julho de 2005 (BRASIL, 2005), com sede em Cruz das Almas e de estrutura *multicampi* que atualmente é composta por sete Campi localizados nos seguintes municípios baianos: Cruz das Almas, Santo Antônio de Jesus, Amargosa, Cachoeira, Santo Amaro e Feira de Santana (NACIF, 2016). O referido autor

apontou que essa instituição tem a incumbência de desenvolver uma formação cidadã, além de promover a inclusão de estudantes de origem e classe social que historicamente foram postos à margem do ensino superior em decorrência de uma estrutura elitizada que se estabeleceu nos espaços universitários ao longo dos anos.

O Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, desenvolvido no Centro de Ciências da Saúde, no município de Santo Antônio de Jesus, é um curso de graduação na área de saúde, ofertado desde 2009 (UFRB, 2016). O modelo de formação através do Bacharelado Interdisciplinar surgiu da crítica a formação acadêmica estritamente profissionalizante baseada na especialização do saber (ALMEIDA FILHO, 2008). O autor citado apresentou o seguinte conceito para o Bacharelado Interdisciplinar:

O Bacharelado Interdisciplinar compreende uma nova modalidade de curso de graduação que se caracteriza por agregar formação geral humanística, científica e artística a um aprofundamento num dado campo do saber, constituindo etapa inicial dos estudos superiores. Tem como objetivo promover o desenvolvimento de competências e habilidades que possibilitarão ao egresso a aquisição de ferramentas cognitivas que conferem autonomia para a aprendizagem ao longo da vida, bem como uma inserção mais plena na vida social, em todas as suas dimensões. (ALMEIDA FILHO, 2008, p. 201)

No âmbito normativo do Ministério da Educação, constam os Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares para orientar as instituições quanto à implantação de cursos nesta modalidade (BRASIL, 2010).

Sobre o BIS da UFRB, apresenta-se que “esse curso institui o modelo de formação universitária integrado, modular e flexível, tendo sido planejado, especialmente, para superar os principais desafios da formação de recursos humanos no campo da Saúde” (NACIF, 2016, p. 22). Nesse sentido, o curso busca implementar um modelo formativo diferente do tradicional, ou seja, oposto a fragmentação do saber que resulta de uma estrutura pedagógica disciplinar (UFRB, 2016).

Sabe-se que o BIS/UFRB possui uma estrutura curricular organizada em eixos integrativos<sup>1</sup> com uso de metodologias ativas respeitando o discente como protagonista no seu processo de formação (UFRB, 2016). Nesta direção, o projeto pedagógico do referido curso

---

<sup>1</sup> “[...] os semestres do curso são considerados como Unidades de Produção Pedagógica (UPP), estruturados em seis eixos temáticos: ‘Ser Humano e Realidade’; ‘Saúde, Cultura e Sociedade’; ‘Saúde e seus Determinantes’; ‘Saúde e Qualidade de Vida’; ‘Sistemas e Políticas de Saúde’; ‘Específico’. Esses eixos articulam módulos, os quais são construídos a partir da integração de núcleos de saberes da mesma área de conhecimento ou de áreas diferentes”. (UFRB, 2016, p. 44)

fundamentou-se nos princípios da “articulação entre os campos do saber, dinâmica do conhecimento, responsabilidade social e cidadania, e flexibilização curricular” (UFRB, 2016, p. 13-14). Na Tabela que segue é possível visualizar a organização curricular do BIS conforme apresentada.

**Tabela 3 - Organização curricular do BIS/UFRB**

1ª UPP Ser Humano e Realidade	2ª UPP Saúde, Cultura e Sociedade	3ª UPP Saúde e seus determinantes	4ª UPP Saúde e Qualidade de Vida	5ª UPP Sistemas e Políticas de Saúde	6ª UPP Específico
Processos de Apropriação da Realidade I (68h)	Processos de Apropriação da Realidade II (68h)	Processos de Apropriação da Realidade III (119h)	Processos de Apropriação da Realidade IV (68h)	Processos de Apropriação da Realidade V (68h)	Optativa 10 (68h)
Diversidades, Cultura e Relações étnico-raciais (68h)	Cultura e Sociedade (68h)	Situação de Saúde (68h)	Saúde, Cuidado e Qualidade de Vida (68h)	Estado e Políticas de Saúde (68h)	Optativa 11 (34h)
Conhecimento, Ciência e Realidade (102h)	Estudos em Saúde Coletiva (85h)	Optativa 2 (102h)	Optativa 5 (102h)	Comunicação e educação em saúde (68h)	Optativa 12 (68h)
Universidade, Sociedade e Ambiente (68h)	Biociências (85h)	Optativa 3 (68h)	Optativa 6 (102h)	Optativa 8 (102h)	Optativa 13 (102h)
Laboratório de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos (68h)	Optativa 1 (68h)	Optativa 4 (68h)	Optativa 7 (68h)	Optativa 9 (68h)	Optativa 14 (68h)
	Laboratório de Língua Inglesa I (34h)	Laboratório de Língua Inglesa II (34h)	Laboratório de Língua Inglesa III (34h)	Laboratório de Língua Inglesa IV (34h)	
374h	408h	459h	442h	408h	340h
1.343h Componentes Obrigatórios	952h Componentes Optativos do Itinerário Formativo	100h Atividades Complementares	136h Componentes Optativos	2.531h Carga horária total	
Componentes curriculares do NUVEM		Componentes curriculares do BIS		Componentes curriculares optativos do Itinerário de formação	

Fonte: UFRB (2016, p. 26)

De acordo com o projeto pedagógico do curso, após a conclusão do BIS, o egresso poderá seguir os estudos em uma das terminalidades ofertadas no CCS/UFRB (Enfermagem, Medicina, Nutrição ou Psicologia) e/ou participar de processo seletivo para cursar a pós-graduação considerando que ao término do curso o discente obtém o diploma de Bacharel em Saúde (UFRB, 2016).

É importante destacar que o acesso aos cursos de Enfermagem, Medicina, Nutrição ou Psicologia após a conclusão do BIS passou por mudanças. Aqueles que ingressaram no BIS até o semestre 2015.1 para acessar os cursos supracitados, estavam condicionados à participação no processo seletivo realizado pela instituição para ingresso no segundo ciclo (UFRB, 2016).

A partir do semestre 2015.2, a opção pelos cursos do segundo ciclo passou a ser feita durante a inscrição no SiSU/MEC, ou seja, o aluno passou a ingressar no BIS com o curso do segundo ciclo previamente definido (UFRB, 2016). Entretanto, durante a inscrição no SiSU, ainda foi disponibilizada a opção do estudante se inscrever apenas no BIS, mas para essa escolha o PPC do curso coloca que não há a obrigatoriedade da Instituição em ofertar vagas

para os cursos do segundo ciclo, ficando a oferta condicionada à existência de vagas residuais que poderão ser ocupadas via seleção para portador de diploma (UFRB, 2016).

À vista do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde buscar desenvolver uma formação alicerçada em uma proposta política pedagógica diferenciada e inovadora ao propor uma formação dialógica e interdisciplinar (UFRB, 2016), tornou-se um curso interessante para o estudo da implementação da temática ambiental que requer práticas formativas diferentes do modelo de formação disciplinar.

### 3.2. OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa atual focou em dois grupos considerados relevantes para abordar o desenvolvimento da temática ambiental no curso escolhido: discentes e docentes.

Para formação do grupo de interlocutores discentes desta pesquisa, solicitou-se à Coordenação do Colegiado do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde a lista dos prováveis concluintes no semestre em curso, 2018.2. No referido semestre, o BIS possuía 495 (quatrocentos e noventa e cinco) estudantes ativos e matriculados<sup>2</sup>. Desses, 87 (oitenta e sete) estudantes corresponderam ao número de prováveis concluintes, de acordo com a lista disponibilizada pela Coordenação do Curso.

Este público foi contatado por e-mail, convidando-os para participação na pesquisa. Todos os estudantes prováveis concluintes foram convidados, e destes dez responderam positivamente ao convite, os quais foram incluídos neste estudo. A escolha pelos discentes concluintes deve-se a compreensão de que esse público vivenciou todo processo formativo do BIS, logo poderia falar da temática ambiental de forma mais abrangente apresentando um olhar sobre toda a matriz curricular do curso.

Na Tabela abaixo apresenta-se o perfil dos discentes que participaram desta pesquisa:

**Tabela 4** - Perfil dos Discentes participantes da pesquisa

Discentes	Ingresso	Previsão de conclusão	Pretensão de cursar 2º ciclo	2º ciclo definido quando do ingresso no BIS	Cursará no 2º ciclo
Discente A	2015.2	2018.2	Sim	Sim	Psicologia
Discente B	2014.2	2018.2	Sim	Não	Medicina (pretende)

<sup>2</sup> Dado do Sistema de Gestão das Atividades Acadêmica da UFRB, emitido em 04 de nov. de 2019.

Discente C	2015.2	2018.2	Sim	Sim	Medicina
Discente D	2015.2	2018.2	Sim	Sim	Psicologia
Discente E	2015.2	2018.2	Sim	Sim	Psicologia
Discente F	2015.2	2018.2	Sim	Sim	Psicologia
Discente G	2015.1	2018.2	Sim	Não	Medicina (pretende)
Discente H	2014.2	2018.2	Sim	Não	Psicologia (pretende)
Discente I	2015.2	2018.2	Sim	Sim	Enfermagem
Discente J	2015.2	2018.2	Sim	Sim	Psicologia

Fonte: Elaboração da autora.

Sabendo-se que o BIS corresponde ao primeiro ciclo de formação e que após a sua conclusão, o estudante pode continuar seus estudos em um dos cursos disponíveis no CCS para o segundo ciclo (Enfermagem, Medicina, Nutrição e Psicologia) mediante as normas da instituição, observa-se na Tabela 4 que a maioria dos estudantes que integraram esta pesquisa pretendia cursar Psicologia, seguido por Medicina e Enfermagem.

Aqueles que ingressaram no BIS em 2015.2 já possuíam a terminalidade definida a ser cursada no segundo ciclo, escolhida durante a inscrição no SiSU-Sistema de Seleção Unificada. Entretanto, os que iniciaram no curso em período anterior a 2015.2 informaram que passariam, ao término do BIS, por um processo seletivo segundo as regras da Instituição. A diferença no acesso aos cursos do segundo ciclo foi devido à mudança ocorrida a partir do semestre 2015.2 conforme explicada na seção anterior.

Quanto aos interlocutores docentes, o contato foi realizado através de um convite via e-mail destinado a docentes responsáveis por módulos relacionados à temática ambiental no semestre vigente, que foram selecionados a partir da análise das ementas do curso, a saber: Universidade, Sociedade e Ambiente; Processos de Apropriação da Realidade I; e Conflitos Ambientais, Território e Saúde. Foram identificados dois docentes ministrando o primeiro módulo, e ambos foram convidados; quatro docentes ministrando o segundo módulo, e dois foram convidados; e um docente ministrando o terceiro módulo que também foi convidado a participar da pesquisa.

Na Tabela que segue apresenta-se o perfil dos docentes participantes da pesquisa.

**Tabela 5** - Perfil dos Docentes participantes da pesquisa

Docente	Área de Formação (Graduação)	Titularidade	Tempo na Instituição (aprox.)	Módulos
---------	------------------------------	--------------	-------------------------------	---------

Docente A	Ciências Sociais Aplicadas	Mestrado	1 ano e meio	Conflitos Ambientais, Território e Saúde
Docente B	Ciências Exatas e da Terra	Doutorado	12 anos	Processos de Apropriação da Realidade I
Docente C	Ciências da Saúde	Mestrado	8 anos	Processos de Apropriação da Realidade I
Docente D	Ciências Sociais Aplicadas	Doutorado	2 anos	Universidade, Sociedade e Ambiente
Docente E	Ciências Humanas	Doutorado	8 meses	Universidade Sociedade e Ambiente

Fonte: Elaboração da autora.

Esse grupo foi composto por professores lotados no Centro de Ciências da Saúde e professores ligados ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares e Formação Geral – NUVEM do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, que compõem a estrutura organizacional da UFRB, considerando que a matriz do BIS é composta por componentes que são ministrados por docentes lotados no Centro de Ciências da Saúde e docentes do NUVEM, uma vez que o curso implementou no seu currículo a proposta político-pedagógica do referido Núcleo.

Os docentes participantes possuem formação em diferentes áreas do conhecimento e ingressaram na instituição em diferentes períodos, a maioria possui o título de doutor. Destes, apenas um não tem formação vinculada direta ou indiretamente com a temática ambiental, atua na área de saúde coletiva, avaliação, educação, ensino superior e interdisciplinaridade. Um possui pós-graduação na área ambiental e três possuem formação (graduação ou pós-graduação) em área correlata. Entretanto, somente um mencionou desenvolver projeto de pesquisa no CCS na área ambiental.

Além dos módulos citados na tabela acima, três docentes ministram outros módulos no BIS e essa experiência possibilitou uma visão mais ampla sobre a discussão de temas relacionados ao meio ambiente durante a formação desenvolvida pelo curso. Ademais, três docentes compõem o Núcleo Docente Estruturante do Curso que na incumbência de acompanhar a proposta curricular e pedagógica do curso, dois relataram conhecer a obrigatoriedade legal de promover a inserção da temática ambiental no processo formativo.

### 3.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A entrevista semiestruturada foi utilizada para a coleta dos dados. Segundo Laville e Dionne (1999, p. 188), ela compreende uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento”. Em vista disso, foi feita a escolha dessa técnica objetivando que os participantes da pesquisa pudessem falar de forma mais detalhada e aprofundada sobre as suas experiências e vivências com o desenvolvimento da temática ambiental na formação do BIS/UFRB e, caso fosse necessário, a entrevistadora teria a possibilidade de fazer indagações que complementasse o roteiro pré-estabelecido de modo que houvesse uma melhor compreensão da questão em estudo.

As entrevistas foram realizadas em data, horário e local agendados previamente com os participantes. Aconteceram em sala reservada no Centro de Ciências da Saúde da UFRB, individualmente, nos meses de novembro e dezembro de 2018 e fevereiro de 2019.

Com base no roteiro, a entrevista com os discentes iniciou-se solicitando que falassem de que modo e quando apareceu a temática ambiental na formação, tendo como tópicos disparadores: as atividades desenvolvidas (ensino, pesquisa e extensão) e a importância da temática ambiental na formação em saúde (Apêndice I). Com os docentes, foi solicitado que eles falassem como veem a temática ambiental na formação do aluno no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB, tendo como tópicos disparadores: modo de apropriação pelo aluno e docente (vivências, experiências, práticas interdisciplinares) e importância da temática ambiental na formação em saúde (Apêndice II).

As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas para execução da análise e interpretação dos dados. De forma a não haver a identificação dos nomes dos integrantes, foi atribuído a cada participante a nomenclatura “Discente” mais uma letra do alfabeto que variou de “A a J”, para o grupo de discentes; e a nomenclatura “Docente” mais uma letra do alfabeto que variou de “A a E”, para o grupo de docentes.

É importante destacar que as entrevistas só foram realizadas após a emissão do parecer consubstanciado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, sob o nº 2.795.211, e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Instituição coparticipante, sob o nº 2.960.040, referente ao projeto de pesquisa, de modo a respeitar a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/2012, que trata de pesquisas realizadas com seres humanos (BRASIL, 2012b).



### 3.4. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados desta pesquisa foram analisados e interpretados com base na técnica análise de conteúdo. Para Laville e Dionne (1999, p. 214) “[...] o princípio da análise de conteúdo consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação”. Os autores acrescentaram ainda que esta técnica pode ser aplicada “[...] a uma grande diversidade de materiais, como permite abordar uma grande diversidade de objetos de investigação: atitudes, valores, representações, mentalidades, ideologias, etc.” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 214-215).

Para Severino (2007), a análise de conteúdo é uma metodologia que pode ser aplicada no estudo de diversos tipos de comunicação, incluindo dados alcançados por meio de entrevistas, buscando um entendimento aprofundado dos discursos. Desse modo, aplicou-se esse procedimento para analisar e interpretar os dados obtidos através da realização de entrevista com docentes e discentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB.

Após a transcrição das entrevistas, iniciou-se a organização do material composto por sessenta e sete páginas digitadas em arquivo *Word* (\*;docx), fonte *Times New Roman*, tamanho 12. As transcrições foram dispostas em duas pastas, uma com os dados obtidos das entrevistas com os docentes e outra com os discentes. Desse modo, procedeu-se a leitura flutuante de todas as entrevistas por grupo de participantes com o intuito de obter uma compreensão panorâmica das reflexões que cada categoria, docentes e discentes do BIS, apresentou sobre o objeto de estudo.

Em seguida, procedeu-se a leitura detalhada das transcrições das entrevistas realizadas com os discentes e foi elaborada uma tabela para visualizar e analisar o desenvolvimento da temática ambiental no curso por meio das seguintes unidades: ensino, pesquisa e extensão, noção de meio ambiente, importância do meio ambiente para a formação. Cada coluna da tabela foi preenchida com fragmentos de texto recortados da transcrição das entrevistas que apresentavam afirmações ou informações correlacionados a cada unidade. O mesmo procedimento foi feito com o material obtido através das entrevistas com os docentes, resultando em uma tabela com as seguintes unidades de análise: como os docentes veem a temática ambiental na formação do BIS, vivências e experiências, interdisciplinaridade, importância do tema para a formação em saúde.

Neste caso, o tema foi definido como unidade de significação entendido como:



[...] o tema é a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis. (BARDIN, 1977, p. 105)

A partir desse exercício, foi possível analisar a fala de cada participante de forma mais detalhada e compará-las de maneira a perceber as semelhanças e diferenças de pensamentos sobre o desenvolvimento da temática ambiental na formação BIS resultando no estabelecimento das categorias que compõem a apresentação da análise dos dados desse estudo.

Com base na análise das entrevistas realizadas com os docentes, foram construídas quatro categorias, a saber: a) noção de meio ambiente e sua relação com a saúde; b) meio ambiente e interdisciplinaridade na formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde; c) as experiências e vivências com a temática ambiental na formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde do ponto de vista docente; d) importância da temática ambiental na formação em saúde.

Do material composto com os dados das entrevistas com os discentes emergiram as seguintes categorias: a) o ensino enquanto espaço de destaque para a discussão ambiental no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde; b) a pesquisa e a extensão ampliam a reflexão sobre meio ambiente e saúde; c) a noção dos discentes sobre meio ambiente; e d) importância da discussão ambiental na formação em saúde.

Por fim, para a elaboração da escrita, os dados foram comparados aos pressupostos teóricos e sistematizados nos capítulos apresentados a seguir.

#### **4. MEIO AMBIENTE E FORMAÇÃO EM SAÚDE: A VISÃO DE DOCENTES DO BIS/UFRB**

Este capítulo resulta da análise das entrevistas realizadas com docentes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde - BIS da UFRB acerca do desenvolvimento da temática ambiental durante a formação dos estudantes no referido curso. O texto foi construído a partir de quatro tópicos referentes as categorias de análise da fala dos docentes interlocutores da pesquisa, a saber: a) noção de meio ambiente e sua relação com a saúde; b) meio ambiente e interdisciplinaridade na formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde; c) as experiências e vivências com a temática ambiental na formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde do ponto de vista docente; e d) importância da temática ambiental na formação em saúde. Desse modo, a partir da perspectiva dos docentes entrevistados, apresenta-se uma discussão relativa a implementação da dimensão ambiental na formação dos profissionais em saúde na UFRB através do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde.

##### **4.1. NOÇÃO DE MEIO AMBIENTE E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE**

É importante destacar que existem na literatura vários conceitos sobre meio ambiente. Segundo Reigota (2007, p.14), “[...] não existe um consenso sobre meio ambiente na comunidade científica em geral”. Para Minayo (2009, p. 81) “[...] o conceito de ambiente, tal como entendemos, é construído pela ação humana”. Ou seja, a noção de meio ambiente é elaborada por cada indivíduo a partir das relações que ele estabelece com o meio em que está inserido.

Nesse estudo a noção de meio ambiente e sua relação com a saúde se alinha ao pensamento sistêmico defendido por Capra e Luisi (2014, p. 34) “de acordo com a visão sistêmica, um organismo, ou sistema vivo, é uma totalidade integrada cujas propriedades essenciais não podem ser reduzidas às de suas partes”. Dessa forma, compreende-se que meio ambiente e saúde não podem ser percebidos com algo separado, mas a partir das relações que estabelecem entre si.

Nesse sentido, Leff (2015) apontou que a temática ambiental provoca um questionamento das práticas médicas, bem como da nossa relação com o corpo e a vida, pois considera que as doenças que surgem com a degradação ambiental devem ser pensadas de

maneira a envolver os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos. Desse modo, pensar a relação ambiente e saúde envolve uma compreensão das interações entre essas dimensões.

Na direção da compreensão do conceito de meio ambiente como algo construído socialmente, o Docente D apresentou a sua ideia de meio ambiente e destacou a visão integrada de sociedade e natureza.

“[...] a noção de meio ambiente como uma construção social, a própria noção de meio ambiente como uma noção que é diversa a partir da perspectiva de onde você fala, que vai ter importância diferente para diferentes grupos sociais[...]”

“[...] eu acho que a própria relação sociedade - natureza é uma relação de interpenetração, de interdependência mesmo, e só se pode pensar práticas em saúde, principalmente práticas preventivas, se você tiver um olhar sobre o meio ambiente.” (Docente D)

A visão apresentada de meio ambiente no fragmento acima comunga com o pensamento de Reigota (2007, p. 14) quando o referido autor coloca que “[...] cada pessoa o delimita em função de suas representações, conhecimento específico e experiências cotidianas [...]”. Assim sendo, para os participantes da pesquisa, o trabalho realizado no BIS/UFRB caminha para uma ação pedagógica que permite ou possibilita aos discentes desenvolver uma percepção ampliada de saúde que incorpore a dimensão ambiental no sentido contrário ao pensamento hegemônico que separa o homem da natureza, conforme pode ser observado na fala que segue:

“[...] desde o primeiro projeto político pedagógico do curso que essa temática [ambiental] está presente e ela vem sendo trabalhada numa perspectiva ampliada que incorpora outros elementos para além da proteção ecológica e ela tem contribuído muito para se ter um olhar mais ampliado dos determinantes da saúde, dos fatores que condicionam os processos de saúde e adoecimento; e a dimensão ambiental, as condições ambientais são extremamente relevantes, são condicionantes marcantes nos processos de saúde e adoecimento [...]” (Docente B)

A fala do Docente B remete a interpretação de que a busca pela compreensão do meio ambiente apenas sob a ótica da proteção ambiental seria uma aproximação de uma visão fragmentada, de modo a não contribuir com uma análise mais aprofundada da saúde e seus determinantes. Nota-se que a perspectiva apresentada pelo docente segue em direção a um entendimento de saúde ampliado que compreende a relação com a dimensão ambiental.

Esse pensamento diverge daquele que é predominante na sociedade. Segundo Freitas e Porto (2006, p. 112),

[...] o que se constata nos muitos dos discursos oficiais, nas matérias, nos jornais e nas televisões ou mesmo na produção científica no âmbito da saúde pública, é a predominância de abordagens que tendem a restringir a saúde aos seus aspectos biológicos e o ambiente aos seus aspectos biofísicos.

Entretanto, esse reducionismo baseado nos preceitos da ciência moderna que influenciou a maneira de enxergar o meio ambiente e a saúde como dimensões desconectadas, tem sido criticado por aqueles que defendem um novo modelo de formação na área de saúde. Desse modo, é possível haver relação entre o posicionamento dos docentes entrevistados com o modelo de formação que está sendo praticado no BIS, haja vista a previsão no projeto pedagógico de promover uma formação interdisciplinar que critica a fragmentação do saber como modo de compreensão da saúde da população.

Nesse sentido, o Docente C apresentou que o curso vem trabalhando com a seguinte definição de saúde:

“Saúde como sendo uma teia de interações que não diz respeito somente a ausência de doença, mas a um conjunto de relações estabelecidas entre os determinantes sociais, os determinantes ambientais, a cultura; social - cultural e ambiental. Então a saúde é o resultado da interação desses fatores e mais a que grupo populacional você pertence, se você é uma criança, se você é um adulto, se você é um idoso e todas as outras interações que dizem respeito a nossa vivência: alimentação, atividade física [...]” (Docente C)

O raciocínio do docente acerca da saúde expressa a tentativa de vencer a ideia construída pelo modelo biomédico. A concepção do docente compreende a saúde a partir da relação de diferentes dimensões, “social, cultural e ambiental”, para ele não se resume a “ausência de doença”. Logo, a noção apresentada associa-se a uma perspectiva sistêmica de compreensão da saúde que incorpora o meio ambiente como um de seus determinantes.

Esse modo de pensar a saúde, de forma ampliada, incluindo os determinantes sociais, resulta de um processo histórico que ganhou notoriedade a partir dos anos de 1970, fruto dos movimentos sociais daquele período, que através da luta pela Reforma Sanitária Brasileira foi possível materializar na Constituição de 1988 um conceito amplo de saúde (BATISTELLA, 2007). Segundo o autor, “os determinantes sociais da saúde incluem as condições mais gerais - socioeconômicas, culturais e ambientais - de uma sociedade, e se relacionam com as condições de vida e trabalho de seus membros [...]” (BATISTELLA, 2007, p. 68).

Entretanto, desenvolver um processo formativo pautado nesta perspectiva é desafiador pois a própria complexidade da relação saúde e meio ambiente requer dos espaços acadêmicos debates e reflexões construídos de forma interdisciplinar de modo a dar conta da abrangência do tema que exige um diálogo de diferentes áreas de conhecimento, e em algumas circunstâncias percebe-se que as universidades ainda não estão preparadas para que essa prática interdisciplinar de fato aconteça tendo em vista que o ensino disciplinar ainda perdura nos processos formativos, pois, segundo Pereira e Nascimento (2016, p. 229), “[...] muitas universidades estão promovendo esforços significativos na promoção da interdisciplinaridade, mas ainda se ressentem da falta de integração em um quadro de funcionamento concebido disciplinarmente”.

Cientes do desafio, as falas dos docentes entrevistados, de forma consensual, revelam um esforço para que o meio ambiente seja trabalhado ao longo do curso estudado em uma perspectiva interdisciplinar. Os participantes expressaram uma noção de interdependência entre o homem e a natureza, não defenderam a ideia de superioridade humana como justificativa para a exploração irresponsável de recursos ambientais, pelo contrário, defenderam um entendimento de meio ambiente como um determinante importante para a saúde da população que deve aparecer transversalmente na formação.

#### 4.2. MEIO AMBIENTE E INTERDISCIPLINARIDADE NA FORMAÇÃO DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE

A relação meio ambiente e interdisciplinaridade emergiu da fala dos participantes quando discorreram sobre como a temática ambiental vem sendo desenvolvida no processo formativo do BIS. Esse pensamento foi correlacionado à estrutura curricular do curso que foi construída fundamentada no preceito interdisciplinar.

A formação interdisciplinar embasa o modelo político-pedagógico do BIS. Compõe os princípios norteadores do curso que busca articular várias áreas do saber a partir da estruturação do currículo em módulos, do desenvolvimento de práticas pedagógicas integrativas e do trabalho de ensino, pesquisa e extensão desenvolvido no âmbito comunitário no município sede do curso (UFRB, 2016). No Projeto Pedagógico do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB, a interdisciplinaridade é entendida como “[...] a articulação de vários campos de saberes para entender determinado problema ou problemática, caso a caso [...]” (UFRB, 2016, p. 13).

Desse modo, o Docente B relatou como a temática ambiental é desenvolvida no BIS, embasado na perspectiva interdisciplinar, conforme o trecho que segue:

“Ela vem sendo trabalhada de forma interdisciplinar, enquanto forma transversal, nos trabalhos desenvolvidos nos Processos de Apropriação da Realidade, em contexto comunitário, na qual sempre uma das temáticas ambiental tem impactado nos estudos, intervenções e ações extensionistas nessas comunidades, como também na formação, uma vez que o módulo que é dedicado a isto [Universidade, Sociedade e Ambiente], que por isso que é módulo e não uma disciplina, já é interdisciplinar, busca a interdisciplinaridade na sua natureza, articulando os estudos ambientais com a universidade e sua função social no estudo ambiental e suas repercussões na sociedade. [...] o projeto pedagógico do curso, ele já é estruturado buscando que essa temática ambiental se dê numa perspectiva interdisciplinar e transversal enquanto um estímulo inicial que se perdura nos trabalhos comunitário ao longo de cinco semestres que são desenvolvidos nos Processos de Apropriação da Realidade.” (Docente B)

O entrevistado percebeu a presença da interdisciplinaridade tanto no módulo do primeiro semestre do curso, Universidade, Sociedade e Ambiente, que promove a articulação da discussão ambiental a temas referentes à sociedade e o papel da universidade; quanto nas atividades realizadas nas comunidades através dos módulos Processos de Apropriação da Realidade quando buscam estudar as relações que caracterizam o modo de vida da população de um determinado bairro/comunidade do município de Santo Antônio de Jesus e todas suas implicações na saúde desse grupo populacional.

Houve uma preocupação do entrevistado em sinalizar a existência de um trabalho contínuo com relação às questões ambientais. Para ele, não há um isolamento da temática ambiental em um módulo ou semestre específico. Desse modo, o diálogo sobre temas ambientais está estruturado transversalmente no currículo do curso, ou seja, a presença se dá ao longo da formação e nesse processo o entrevistado destacou o trabalho nos módulos de Processos de Apropriação da Realidade que estão previstos do primeiro ao quinto semestre do curso.

Gallo (2001) colocou que a transversalidade é defendida nos Parâmetros Curriculares Nacionais, criados pelo Ministério da Educação, e tem como propósito que temas relevantes para a sociedade sejam incluídos no currículo de forma a não ficar restrito a um componente curricular e contribuir para a aproximação e diálogo entre as disciplinas, ou seja promover um trabalho interdisciplinar e flexível. “Em síntese, os temas transversais são apresentados como assuntos que devem permear as diferentes disciplinas, atravessando-as horizontalmente, mas

também cortando verticalmente o currículo, ao longo dos diversos ciclos e séries” (GALLO, 2001, p. 22).

A perspectiva transversal e interdisciplinar para o desenvolvimento de temas ambientais na formação acadêmica em saúde foi sugerida em outros estudos na área, a exemplo dos trabalhos publicados por Souza e Andrade (2014), Camponogara et al. (2011), Peres e Camponogara (2014), e Peres et al. (2016). Entretanto, sabe-se que não é simples implementar uma formação baseada nessa estrutura pedagógica.

Nesse sentido, o Docente D caracterizou o trabalho desenvolvido no BIS sob essa perspectiva como algo desafiador. Para ele:

“[...] existe um esforço sim de articulação, eu vou falar esforço porque a interdisciplinaridade em si é um desafio na nossa sociedade, você ter um Centro aqui que vai lidar com esse esforço de construção de uma visão interdisciplinar no seio de uma sociedade que espelha no que a gente chama até de herança colonial, herança ocidental, que passa muito pela fragmentação do conhecimento, pela construção de dicotomias, de separações que não necessariamente existem em outros modelos de sociedade e essa relação entre ambiente e saúde, natureza, sociedade é uma delas.” (Docente D)

O desafio apresentado resulta em desenvolver um trabalho que segue um direcionamento político-pedagógico diferente do que é hegemônico na sociedade atual e no âmbito das formações acadêmicas. Ou seja, o desafio está em problematizar a cultura disciplinar que se estabeleceu nas instituições acadêmicas e apontar novos caminhos de forma consciente, fundamentada e participativa.

É um trabalho que implica discutir a lógica que permeia o pensamento de muitos profissionais que compõem a universidade, que está materializada nos espaços organizacionais tanto da instituição universitária como nos setores onde se desenvolvem atividades práticas do curso. Sabe-se que a interdisciplinaridade vai de encontro à fragmentação do conhecimento por meio da especialização dos saberes e, por conseguinte, do modelo de universidade organizado para fortalecer essa separação entre as áreas de conhecimentos (JAPIASSU, 1976).

E essa discussão sobre a interdisciplinaridade e seus desafios está diretamente relacionada a inclusão da temática ambiental na formação acadêmica. Para Leff (2015), não basta uma atualização curricular que promova a inserção da problemática ambiental na formação sem questionar o paradigma hegemônico que norteia tanto a produção do conhecimento quanto a lógica organizacional, política e pedagógica da instituição.

No campo da saúde, o ensino disciplinar alicerçado no modelo hegemônico também é criticado. Para Almeida Filho e Coutinho (2016) a formação disciplinar não prepara os

profissionais para as atuais demandas da área de saúde. Logo, se faz necessário pensar a formação em saúde buscando novos rumos político-pedagógicos que agreguem o trabalho coletivo, o diálogo constante entre os seus atores.

É nesse contexto dialógico, interdisciplinar, que se espera a inclusão de temas referentes ao meio ambiente na formação em saúde. Que os estudantes sejam estimulados a refletirem sobre a sua relação com a natureza enquanto parte do meio ambiente e como cidadãos e profissionais que devem ter responsabilidade sobre a sustentabilidade do planeta que está implicada diretamente com a saúde dos indivíduos.

Nesta direção, Freitas e Porto (2006, p. 111-112) nos ensinam que é preciso:

[...] pensar de forma integrada saúde e ambiente e também reforça a necessidade de ampliarmos e aproximarmos as noções de saúde humana e dos ecossistemas: a saúde das populações humanas também depende e se expressa em função não só da ausência de doenças, mas também do acesso aos recursos existentes no mundo material (ter sustento, moradia e alimentos para uma vida digna), da vida e do trabalho em um ambiente não degradado e seguro, da manutenção de relações sociais saudáveis em ambientes igualmente saudáveis, das possibilidades de expressões culturais, religiosas e estéticas e das liberdades de escolhas e ações que respeitem o ambiente como um bem comum do planeta.

Para que a expectativa apresentada pelos autores seja alcançada é fundamental a busca por novos modelos de formação. O BIS apresenta-se como uma proposta diferenciada, nova no sistema de ensino superior, que busca implementar um currículo interdisciplinar. Nesse contexto, as falas dos entrevistados procuraram situar a presença de discussões sobre o meio ambiente no percurso formativo dos estudantes a partir de ações pedagógicas que se fundamentam na interdisciplinaridade.

Nesse processo de diálogo entre profissionais de diferentes áreas que caracteriza a interdisciplinaridade, é preciso pensar também na presença de profissionais com formação na área ambiental enquanto integrantes do quadro de docentes do curso. No conjunto de professores entrevistados, apenas um não possuía qualquer formação na área ambiental ou correlata, um possui pós-graduação na área e os demais com formação (graduação ou pós-graduação) em áreas afins.

A relevância da presença de profissionais com formação na área pode ser exemplificada através da análise da fala do docente interlocutor pós-graduado na área ambiental, pois observou-se que o seu trabalho possivelmente tenha contribuído para a ampliação do debate ambiental no curso no que se refere a inserção de um módulo optativo no



currículo para discutir os conflitos ambientais existentes na atualidade, assim como na inserção da discussão ambiental em um grupo de extensão que agrega professores de diferentes áreas.

Enfim, considera-se que a presença de professores com formação na área pode ampliar e contribuir no aprofundamento da discussão ambiental na perspectiva interdisciplinar em que esses profissionais, através de embasamento teórico e prático, venham enriquecer o debate sobre a relação meio ambiente e saúde em direção a uma formação na qual os futuros profissionais sejam estimulados a desenvolverem concepções e conhecimentos associados a ética ambiental.

#### 4.3. AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS COM A TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE DO PONTO DE VISTA DOCENTE

A partir da análise das falas dos docentes, foi possível perceber as experiências e vivências sobre a temática ambiental que o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde oportuniza aos estudantes. Desse modo, serão apresentados os módulos, contextos e espaços de aprendizagem que incluem discussões sobre o meio ambiente no estudo sobre a saúde.

Nesta direção, o Docente E inicia falando do módulo Universidade, Sociedade e Ambiente que integra a matriz do curso no primeiro semestre. Ao falar do referido módulo, o participante aponta uma abordagem que problematiza o papel da universidade diante da relação que a sociedade capitalista estabelece com o meio ambiente.

“A sociedade que vivemos é a sociedade capitalista. Como é que a sociedade capitalista se relaciona com o ambiente? A gente sabe que para o capitalismo se reproduzir ele precisa se expandir sempre. E na medida que ele se expande, ele precisa de recursos. Para gerar mercadoria você precisa gerar recursos, transformar a natureza em recursos, digamos assim, e para transformar a natureza em recurso você precisa inevitavelmente destruí-la, você precisa modificá-la, esse processo de modificação não se faz sem destruição. Então dessa forma eu tento mostrar para ele essa ligação entre sociedade capitalista e meio ambiente. Sim, aí onde entra a universidade? Como é que a universidade entra nessa relação? A universidade tenta formar profissionais que tenham essa perspectiva, entendam que sociedade capitalista e meio ambiente, a relação que existe entre ambos, e como essa universidade tem de se colocar diante desse processo que é de refrear, refrear de forma, é, se incumbindo de construir uma reflexão cuidadosa que inspire cuidados em relação ao meio ambiente, cuidado e responsabilidade, e ao mesmo tempo mostrar a importância da produção de inovação com fito, com o objetivo de diminuir a destruição, essa destruição do meio ambiente.” (Docente E)

É evidenciada na fala do entrevistado a necessidade da universidade desenvolver um trabalho que colabore em conter a ação destruidora do capitalismo sobre os recursos naturais recorrendo à ideia do trabalho pedagógico reflexivo que motive o cuidado e a responsabilidade, somado a busca pelo desenvolvimento de inovação direcionada a minimizar os danos ambientais, lembrando, dessa forma, que a universidade não só deve socializar conhecimento, mas também produzir novos saberes e técnicas que colaborem com a sustentabilidade ambiental.

Sobre essa reflexão, o estudo de Siqueira-Batista et al. (2009) sinalizou que no processo formativo em saúde deve estar presente a discussão em torno da lógica do capitalismo de maneira a refletir sobre os prejuízos que a sociedade do consumo gera ao ambiente e a saúde da população.

Nessa direção de problematização do modelo de produção capitalista, o entrevistado acrescentou a necessidade de despertar nos estudantes o senso de cuidado e responsabilidade com o ambiente. Esse raciocínio encontra respaldo no pensamento de Boff (1999) que defende a construção de valores e atitudes de cuidado com o outro e com a natureza.

O cuidado com a natureza é fundamental em um processo de formação que preze pela qualidade de vida dos sujeitos. É uma forma de ampliar os conhecimentos dos estudantes sobre a relação homem-natureza de modo a estimular o pensamento crítico e criativo para que eles busquem contribuir com ações que minimizem os problemas ambientais a partir do exercício profissional no campo da saúde.

Outro aspecto importante que complementa a narrativa sobre o módulo Universidade, Sociedade e Ambiente, foi a diversidade de temas trabalhados sobre a dimensão ambiental, compreendendo: saberes tradicionais, qualidade das águas, racismo ambiental, conflitos ambientais, contaminação ambiental, associando todas essas questões ao campo da saúde.

“[...] dentro desse componente [Universidade, Sociedade e Ambiente], sem avançar muito para as experiências de extensão, a gente tenta fazer algumas pontes [...]. Então, você tem todo esse campo dos saberes tradicionais, de como se manipula ervas, plantas, a questão da qualidade das águas, do racismo, do que significa práticas de racismo ambiental e do quanto isso interfere na saúde e na integridade física das pessoas também, quais são os corpos que suportam mais os processos de contaminação química do ambiente, contaminação ambiental em geral, do quanto o profissional da saúde por exemplo tem uma importância crucial nos conflitos ambientais quando você pensa que os conflitos ambientais eles expressam verdadeira guerra de paradigmas em torno de, você pensando em grandes projetos grandes

empreendimentos, sim, em torno do empreendedor e de quem é afetado...”  
(Docente D)

Foi comum na fala de alguns docentes entrevistados um trabalho com as questões ambientais que indica uma aproximação com a perspectiva da justiça ambiental. O Movimento da Justiça Ambiental questiona o modelo de desenvolvimento vigente na sociedade atual que impõe aos menos favorecidos maior exposição aos riscos ambientais, haja vista que a degradação ambiental não é sofrida por todos de forma equivalente como é comumente divulgado (ACSELRAD; MELLO; BEZERRA, 2009). Segundo Freitas e Porto (2006, p. 90), “a noção da justiça ambiental tem permitido a comunicação entre os vários movimentos de resistência que emergem no contexto dos conflitos socioambientais produzidos principalmente a partir dos grandes investimentos econômicos em várias regiões do país”.

A discussão sobre os conflitos socioambientais a partir de grandes investimentos econômicos também foi destacada na fala do Docente A quando relatou sobre o trabalho desenvolvido no módulo optativo Conflitos Ambientais, Território e Saúde, enfatizando o debate sobre agrotóxicos. Esse trabalho será discutido mais a frente associado às atividades de extensão.

Outros módulos foram citados pelos docentes como aqueles que promovem uma inter-relação entre saúde e meio ambiente, a saber: Saúde, Cuidado e Qualidade de Vida, Comunicação e Educação em Saúde, Processos de Apropriação da Realidade, de natureza obrigatória; e Meio Ambiente, Saúde e Saneamento, de natureza optativa.

No que se refere aos módulos elencados acima, observou-se nas falas dos entrevistados a recorrência da citação dos módulos Processos de Apropriação da Realidade:

“Como na formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde existe desde o início uma aproximação e a construção de trabalhos de pesquisa e extensão no contexto comunitário, que é no componente Processos de Apropriação da Realidade, uma vez que o olhar sobre essa comunidade também incorpora elementos ambientais e esse trabalho no contexto comunitário se estende ao longo de cinco semestres letivos, essas questões ambientais, principalmente questões relacionados com as condições de vida, de saneamento e suas implicações são estendidas ao longo do curso articulando com outros conhecimentos, biológicos, da saúde coletiva, das políticas de saúde, enfim, de toda a formação do Bacharelado. Então, acaba que a semente plantada do início tem um elo de articulação que dura cinco semestres e essa temática se torna um eixo transversal importante na formação desses estudantes.”  
(Docente B)

Nessa fala ficou evidente a importância que o ambiente comunitário representa para o curso enquanto um espaço favorável a percepção e debates sobre temas ambientais relacionados a saúde dos munícipes. Observou-se ainda que foi mencionada a realização de uma articulação entre o que é vivenciado pelos discentes nos bairros e outros módulos que compõe a matriz do curso, a exemplo das áreas biológicas, saúde coletiva e políticas de saúde, conforme citou o entrevistado.

O trabalho que a universidade vem desenvolvendo junto à comunidade através dos módulos de Processos de Apropriação da Realidade - PAR é uma iniciativa que encontra sustentação no Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde - Pró-Saúde. O referido Programa apresenta uma preocupação para o campo da saúde quando aponta que há uma “[...] precária disponibilidade de profissionais com formação generalista, dotados de visão humanística e preparados para prestar cuidados contínuos e resolutivos à comunidade, funcionando como a porta de entrada do sistema de saúde” (BRASIL, 2007, p. 9) e propõe a superação desta situação.

O estabelecimento de uma relação com a comunidade local também é defendido por Campos, Aguiar e Belisário (2008) quando apontaram a defasagem entre ensino na área de saúde e a realidade. De acordo com os autores, é necessário aproximar a universidade da realidade local de modo a desenvolver uma formação contextualizada que busque conhecer as questões que perpassam a saúde da comunidade onde ela está inserida e também seja propositora de respostas, contrapondo, assim, o ensino tradicional que privilegia o espaço hospitalar.

Consequentemente, é possível esperar que dessa relação universidade e comunidade diversos benefícios possam surgir. Além do amadurecimento do estudante para seu desempenho futuro enquanto profissional e uma formação mais humanizada, o diálogo entre a universidade e a comunidade pode colaborar para despertar nos participantes desse processo, estudantes, munícipes e docentes, maior engajamento político que leve esses sujeitos a propor e cobrar dos órgãos públicos melhorias para a saúde da população.

Nessa direção de uma formação política, o fragmento a seguir apresenta um exemplo do amadurecimento da percepção dos estudantes, do ponto de vista docente, sobre os problemas ambientais observados nos bairros ao longo dos semestres como consequência do trabalho desenvolvido nos módulos do PAR:

“[...] muitos estudantes chegam na quinta UPP, que é o quinto semestre deles, refletindo sobre a trajetória que eles fizeram e de como eles iam mudando

também a perspectiva da relação com o meio ambiente que eles tinham a partir dali. Por exemplo: eu me lembro muito de estudantes dizerem “Ah! Quando a gente começou a trabalhar na comunidade, para a gente o lixo era uma questão muito grave, depois a gente entendeu que a gente estava tendo uma perspectiva muito reducionista do que era saúde, a questão do excesso de perspectiva higienizante, e a gente foi entender que o lixo era sim uma questão, mas não só na perspectiva de pensar coisas pontuais como mutirão, mas sim pensar na complexidade da questão ambiental para refletir a partir também dos direitos. [...] nós vamos fazer um mutirão de coleta de lixo? não, vamos pensar a questão ambiental de uma maneira mais complexa. Como é que a questão do lixo afeta a saúde das pessoas, mas também quem são os responsáveis. São só porque eles estão sujando ou as políticas públicas não estão chegando naquela comunidade? e como é que a gente contribui a partir do curso de educação popular com a formação de multiplicadores nessa comunidade? multiplicadores em saúde, multiplicadores em educação popular que possam contribuir com intervenção nas políticas públicas mesmo, participando dos Conselhos Municipais de Saúde, participando das Conferências de Saúde, cobrando mesmo das autoridades públicas. Compreendendo a questão tanto do lixo como do saneamento que são questões ambientais e são questões de saúde, inter-relacionando essas questões. Então, eu vejo que a partir da relação estabelecida com os territórios a partir do PAR, do trabalho feito com as comunidades, eles vão conseguindo ter uma perspectiva mais complexa da questão ambiental [...]” (Docente A)

A fala supracitada expressa uma formação política dos estudantes através de uma prática pedagógica que se associa com os ensinamentos de Paulo Freire para o campo da educação. Nesse processo é fundamental o diálogo horizontal entre os participantes respaldado pela humildade para juntos refletirem criticamente sobre a situação presente, problematizá-la, no sentido de saírem da alienação e buscarem a transformação do mundo, não a adaptação (FREIRE, 1987).

Costa e Loureiro (2017, p. 113) afirmaram que “Freire não se dedicou especificamente ao estudo da questão ambiental, mas suas amplas reflexões abrem possibilidades para refletirmos as relações sociedade-natureza a partir de suas teorias do conhecimento e de seu método pedagógico”. Segundo os autores, o trabalho realizado por Paulo Freire coopera como pressuposto para o desenvolvimento de uma educação ambiental crítica que tem o compromisso com uma educação humanizada e transformadora e para isso a realidade social precisa ser analisada através do pensamento crítico e interdisciplinar compreendendo a educação como um meio para libertar os sujeitos da opressão.

Nesse caminho, a experiência narrada pelo docente indicou a ampliação do campo de visão dos estudantes sobre um problema ambiental que foi analisado a partir da realidade vivida e dos diálogos construídos, permitindo assim que os estudantes se vissem como sujeitos políticos que possuem responsabilidade no processo de transformação da realidade e ao mesmo tempo percebessem os caminhos para isso.

Outro ponto a ser destacado no relato do docente é o progresso feito pelos estudantes que partiram de uma noção reducionista de saúde ao enxergar o problema do lixo por meio de uma ideia higienizante, e avançaram para uma compreensão mais ampla. Ou seja, o trabalho feito a partir de uma problemática ambiental possibilitou ampliar a compreensão da saúde na medida em que a reflexão sobre a relação meio ambiente e saúde foi articulada a questões sociais e políticas.

Percebeu-se ainda que ao final da fala o docente utilizou a expressão território para se referir aos espaços onde são realizadas as ações pedagógicas dos módulos Processos de Apropriação da Realidade. A utilização desse termo é importante para a compreensão da relação saúde e meio ambiente, pois:

Identificar as potencialidades e dificuldades de um determinado território, numa ótica estrutural, física e cultural, e, a partir dessa análise e observação compreender as barreiras impostas pela dinâmica do território, é fundamental no enfrentamento de problemas e necessidades. (SOUZA; ANDRADE 2014, p. 4121)

Com base nessa ideia, entende-se que cada território possui uma dinâmica própria que resulta da interação de aspectos físicos associados aos sociais e culturais da população que o constitui, e dessa interação emergem questões específicas que exigem um olhar para as singularidades daquele lugar para que seja possível a busca de soluções efetivas para os problemas que de fato impactam a saúde e o ambiente. Assim sendo, considera-se que estudar as questões ambientais e de saúde requer também uma abordagem territorial.

Desse modo, é possível inferir, a partir das falas dos entrevistados, que os módulos Processos de Apropriação da Realidade promoveram um espaço relevante para o debate e a compreensão da inter-relação meio ambiente e saúde a partir de um contexto territorial que possui uma dinâmica própria que impacta negativa ou positivamente na saúde dos que ali habitam a depender do cuidado que aquele ambiente recebe da população e do poder público.

Além do trabalho realizado durante os módulos do PAR, outras atividades extensionistas foram citadas pelos entrevistados como meio para a promoção do diálogo entre meio ambiente e saúde durante a formação do BIS.

“[...] a gente já teve a oportunidade de realizar aqui um seminário sobre conflitos ambientais trazendo os movimentos sociais para o diálogo [...]”  
(Docente A)

“[...] o grupo de extensão que nós criamos recentemente [...] que integra professores da Medicina e professores do Bacharelado Interdisciplinar, que é

um grupo de saúde do campo. E aí a gente tem feito a proposição também de atividades nessa perspectiva. No Reencôncavo a gente fez uma oficina sobre os impactos da mineração sobre a saúde. A gente trabalhou também um seminário que discutiu mais amplamente as questões de saúde do campo e aí trazendo grandes conflitos, os conflitos em torno da mineração, os conflitos em torno dos agrotóxicos, agronegócios, os conflitos em torno da questão da água. E aí foi interessante porque a gente pôde trazer os movimentos sociais, acho que essa relação também tem sido apontada muito fortemente, o debate ambiental a partir da relação da universidade com os movimentos sociais que atuam com a temática. [...] a gente também fez, por exemplo, estudo sobre o PL do veneno, chamado PL do veneno, que está tentando alterar a legislação em torno dos agrotóxicos”. (Docente A)

Sabe-se que por meio da extensão, articulada ao ensino e a pesquisa, a universidade estabelece um diálogo com a comunidade que é fundamental para a democratização do saber (VERAS et al., 2017). Na citação acima o docente citou o diálogo entre a universidade e os movimentos sociais por meio de um seminário e as ações de um grupo de extensão criado recentemente para discutir a saúde do campo que dialoga com temas ambientais. Observou-se que o estudo sobre a saúde no campo envolveu discussões sobre impactos ambientais na saúde resultantes dos grandes empreendimentos, no caso mineração e agronegócio, assim como discussões sobre os conflitos acerca da água e o estudo do projeto de lei que trata de agrotóxico conhecido como “PL do veneno”.

Os conflitos ambientais apontados acima estão ligados diretamente ao modelo econômico do país que provoca a degradação dos ecossistemas e o adoecimento da população resultando na injustiça ambiental, e a reversão desse quadro vem sendo motivo de luta dos movimentos sociais (FREITAS; PORTO, 2006).

Dessa forma, a extensão pode ser um interessante meio para a promoção de debates sobre os conflitos socioambientais quando agrega diferentes atores e representantes da sociedade para conjuntamente discutirem estratégias de mudanças de entendimentos, atitudes e políticas, objetivando um modelo de desenvolvimento que produza menos degradação aos ecossistemas e a saúde da população.

Além da extensão, a pesquisa foi sinalizada como um meio que proporciona aos discentes do BIS experiência com temas referentes ao meio ambiente, como demonstrou a fala abaixo:

“Quanto a pesquisa, nós temos buscado investigar com muita força em uma cidade daqui do Recôncavo que é considerada a cidade mais impactada pela contaminação por metais pesados que é a cidade de Santo Amaro. Nós temos investigado a qualidade dos ecossistemas, principalmente de manguezais, a qualidade dos alimentos e suas implicações na saúde humana. Outros projetos

vêm se desenvolvendo também incorporando a dimensão ambiental, avaliando a qualidade sanitária principalmente microbiológica dos alimentos coletados nos ecossistemas, especialmente nos ecossistemas de manguezais, como os mariscos, os moluscos, crustáceos, enfim que são a base do pescado, que é base da alimentação e suas repercussões na saúde da população, na formação de grupos e associações comunitárias, populações ribeirinhas, e toda repercussão na qualidade de vida dessas pessoas. E existem outros projetos de outra natureza que vêm sendo desenvolvidos também no CCS que eu tenho notícia pontualmente, mas não posso me aprofundar muito porque não tenho me envolvido muito [...]” (Docente B)

A pesquisa na área ambiental tende a contribuir para que os estudantes percebam o meio ambiente enquanto uma dimensão que interage diretamente com a saúde e sejam estimulados a desenvolver conhecimentos que agreguem menos agressões a natureza. Na fala do entrevistado sobre as pesquisas desenvolvidas ficou nítida a compreensão das questões ambientais enquanto uma dimensão importante para a garantia da qualidade de vida da população. Além disso, para o entrevistado, o trabalho realizado através dos projetos de pesquisa disponibiliza aos cursistas novos espaços de aprendizagem:

“Assim, é muito, muito importante porque dar um novo olhar, promove, dar uma nova formação, um novo espaço de formação para além daquele do exercício profissional e começa a dar novas oportunidades de compreender a dimensão saúde para além da atuação do setor e dos espaços técnicos para atenção à saúde.” (Docente B)

A inserção dos estudantes em diferentes espaços de aprendizagem coaduna com a ideia de oportunizar aos estudantes um aprendizado abrangente e atualizado previsto na proposta pedagógica do BIS. Segundo Santana et al. (2016), fundamenta-se na perspectiva sociointeracionista entendendo que o estudante em interação com a sociedade vai construindo seus conhecimentos e competências de forma reflexiva a partir dos diálogos e experiências vivenciadas.

Desse modo, essa atividade parece contribuir para que as questões ambientais não sejam tratadas superficialmente no curso e ao mesmo tempo seja um mecanismo que pode produzir novos saberes de sustentação da inter-relação meio ambiente e saúde e por consequência reafirme a necessidade da presença da temática ambiental na formação dos profissionais da área de saúde.

Assim sendo, é possível inferir que, sob a ótica dos docentes entrevistados, há no processo de ensino-aprendizagem do BIS, atividades que proporcionam aos estudantes experiências e vivências que colaboram para que esses sujeitos formulem um conceito de saúde



que perceba a importância do meio ambiente para a qualidade de vida das pessoas, com destaque para os módulos Universidade, Sociedade e Ambiente; Conflitos Ambientais, Território e Saúde; e Processos de Apropriação da Realidade.

#### 4.4. IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

Todos os participantes reconheceram a necessidade da inclusão da temática ambiental na formação em saúde. Acreditam que essa medida contribui com a formação dos estudantes no que diz respeito ao desenvolvimento de um olhar humanizado e holístico, promove uma maior compreensão dos impactos que grandes empreendimentos provocam ao meio ambiente e a saúde, assim como fortalece a noção de meio ambiente e sua relação com a saúde no percurso formativo.

“[...] é importante que o profissional em saúde desenvolva esse olhar, esse olhar mais humanizado e mais holístico que eu acho que a perspectiva ambiental pode trazer, eu acho que a saúde também requer esse olhar mais integrado.” (Docente D)

“[...] é uma obrigação do setor de saúde antever o que pode ter de consequência de um grande projeto como Belo Monte, como Transposição do Rio São Francisco, como instalação de uma exploração de mineração, a saúde precisaria estar implicada nisso [...]” (Docente A)

“[...] e você trabalha meio ambiente na saúde, você vai trabalhar inevitavelmente com temas como saneamento básico, com temas como a destruição do meio ambiente, o remanescente florestal que foi destruído e quais são as implicações disso naquele lugar, você vai trabalhar com a poluição do rio, você vai trabalhar com a poluição do mar, e quando você trabalha dessa forma a saúde coletiva ganha outra relevância no curso.” (Docente E)

A visão holística compreende a interdependência entre o homem e a natureza, que “[...] reconhece o mundo como uma totalidade integrada em vez de uma coleção de partes dissociadas” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 37). Seguindo esse raciocínio, Capra (2012, p. 157) tece uma crítica ao modelo biomédico de saúde e defende que “[...] as manifestações de todas as enfermidades humanas sejam vistas como resultantes da interação de corpo, mente e meio ambiente, e sejam estudadas e tratadas nessa perspectiva abrangente”.

No sentido de desenvolver uma formação baseada na concepção positiva de saúde, Demétrio, Alves e Brito (2016, p. 71) sinalizaram que “a implementação do Projeto Pedagógico

de curso do BIS tem conduzido os estudantes a um diálogo criativo, crítico e reflexivo com as questões socioculturais, econômicas, políticas e sanitárias de nosso tempo, condição sine qua non para uma formação cidadã”.

Por conseguinte, é esperado que a formação em saúde pautada em um processo de ensino-aprendizagem que integra as dimensões socioambientais contribua na formação de profissionais que possam responder às atuais exigências do campo da saúde que, dentre outras, está, com base em Teixeira e Coelho (2017), a necessidade de formar profissionais críticos e atuantes frente as políticas que norteiam as práticas de saúde na atualidade.

Observou-se que é a partir da busca por essa formação atenta às demandas atuais da sociedade que os entrevistados enxergaram a inclusão do debate de temas ambientais na formação do BIS. Este caso pode ser exemplificado pela fala do Docente A quando afirmou que a formação deve estar implicada nas discussões sobre os impactos que grandes empreendimentos econômicos vêm gerando sobre o meio ambiente e conseqüentemente sobre a saúde.

Assim sendo, é provável que na medida em que essas discussões estejam sendo realizadas no processo de ensino-aprendizagem do BIS/UFRB, haja um fortalecimento da área da saúde coletiva, conforme apontou o Docente E. Essa área favorece o diálogo com temas ambientais tendo em vista que sua estruturação teórica reconhece a inter-relação de diversas dimensões que perpassam pelo processo saúde-doença, conforme pode ser observado na visão de saúde apresentada abaixo a partir da perspectiva da Saúde Coletiva:

[...] a visão de saúde construída a partir da Saúde Coletiva é bastante ampla, levando em conta dimensões biológicas, sociais, psíquicas e ecológicas, trabalhando e articulando as faces individual e coletiva que correspondem respectivamente à doença vivida pelo doente e ao processo saúde-doença. (TAMBELLINI, 1995 apud TAMBELLINI; CÂMARA, 1998, p. 51)

É importante destacar que a formação do BIS/UFRB enfatiza o campo da saúde coletiva, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (UFRB, 2016). Em vista disso, é propenso que a formação, ao se basear nos princípios da saúde coletiva, ela torne viável a inclusão do meio ambiente como um elemento importante no âmbito da complexidade que caracteriza o estudo da saúde.

É justamente em um processo formativo onde a saúde é compreendida pelo viés holístico, com um olhar diferenciado para a coletividade, que a discussão de temas ambientais ganha sentido no processo de formação. Compreendendo a interdependência entre o homem e

o meio ambiente, o processo formativo pode contribuir para que os estudantes tenham um pensamento crítico sobre os problemas ambientais que afetam a saúde da população e possam desenvolver valores que colaborem no cuidado com o meio ambiente.

Consequentemente, o Docente B acrescenta que esse trabalho pode repercutir no exercício da futura profissão da seguinte maneira:

“[...] acredito que com a formação dos bacharéis, o fortalecimento dessas pessoas, e essas contribuições gradativas para essa mudança de paradigma na atuação profissional, irão contribuir para que essa formação ambiental repercuta de forma mais sólida na atuação profissional; e esses profissionais, esses bacharéis de saúde, sejam também agentes multiplicadores buscando os demais integrantes da equipe, a sociedade, a população que é beneficiada por essa equipe, também comecem a adotar ações pró ambientais, algumas mudanças de atitudes e comportamentos que venham a contribuir para questões ambientais e consequentemente para a qualidade de vida e para minimizar os processos de adoecimento.” (Docente B).

Percebe-se na fala do docente uma expectativa que ao trabalhar com a temática ambiental no BIS, o estudante desenvolva um papel de multiplicador quando no exercício da profissão. Foi possível verificar na fala dos entrevistados uma preocupação com a formação do sujeito crítico e dessa formação espera-se posicionamentos políticos e ações que favoreçam na melhoria da qualidade de vida das pessoas e na busca pela justiça social.

Nesse sentido, é papel da universidade desenvolver saberes e formar profissionais para a mudança. Paulo Freire (1987) nos ensinou que uma prática educativa dialógica, que não enxerga a relação mundo-homens pela ótica da separação, que problematiza a realidade vivida, que estudantes e professores desenvolvam uma relação de solidariedade na construção do conhecimento, é o caminho para a transformação. Assim, a reflexão crítica e o diálogo formam o alicerce de uma prática pedagógica que oriente os futuros profissionais sobre a necessidade de lutarem pela sustentabilidade.

## **CAPÍTULO 5. MEIO AMBIENTE E FORMAÇÃO EM SAÚDE: A EXPERIÊNCIA DOS DISCENTES DO BIS/UFRB**

Sabe-se da necessidade de que os profissionais da área de saúde compreendam as diversas dimensões que afetam a saúde das pessoas, dentre elas a qualidade do meio ambiente que influencia significativamente no processo de saúde-doença. Neste contexto, é relevante conhecer como os estudantes da área de saúde estão vivenciando as discussões que abrangem a relação saúde e meio ambiente, com vista a uma formação cidadã e profissional que proporcione aos sujeitos saberes que possam resultar em ações de cuidado com o meio ambiente ou mesmo de reversão de problemas ambientais existentes na sociedade atual.

Dessa forma, desenvolve-se neste capítulo uma análise das entrevistas realizadas com discentes concluintes do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde – BIS da UFRB sobre a experiência com a temática ambiental ao longo da formação acadêmica. O texto está organizado em tópicos, a saber: a) o ensino enquanto espaço de destaque para a discussão ambiental no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde; b) a pesquisa e a extensão ampliam a reflexão sobre meio ambiente e saúde; c) a noção dos discentes sobre meio ambiente; e d) importância da discussão ambiental na formação em saúde.

### **5.1. O ENSINO ENQUANTO ESPAÇO DE DESTAQUE PARA A DISCUSSÃO AMBIENTAL NO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM SAÚDE**

A partir da análise das entrevistas realizadas com os discentes, observou-se que a temática ambiental esteve mais presente nas atividades relacionadas ao ensino do que à extensão ou à pesquisa. Esse estudo demonstrou que os estudantes perceberam a presença de diálogos sobre as questões ambientais nos seguintes módulos: Universidade, Sociedade e Ambiente; Processos de Apropriação da Realidade – PAR; Estudos em Saúde Coletiva; Situação de Saúde; Comunicação e Educação em Saúde; Diversidades, Cultura e Relações Étnico-Raciais; Conflitos Ambientais, Território e Saúde; e Biointerações.

Com base no Projeto Pedagógico do Curso (UFRB, 2016), integram a matriz curricular como obrigatórios os seis primeiros módulos citados no parágrafo anterior, os demais possuem natureza optativa, sendo que as Biointerações, apesar da natureza optativa, devem ser cursadas

pelos estudantes que ingressarão no segundo ciclo nos cursos de Enfermagem, Medicina e Nutrição.

No rol dos módulos obrigatórios, os mais indicados pelos participantes da pesquisa no que se refere a promover o diálogo sobre o meio ambiente e sua relação com a saúde foram Universidade, Sociedade e Ambiente; e Processos de Apropriação da Realidade. Em seguida, apareceram Estudos em Saúde Coletiva; e Comunicação e Educação em Saúde. Por fim, Situação de Saúde; e Diversidades, Cultura e Relações Étnico-Raciais.

O módulo Universidade, Sociedade e Ambiente foi o mais citado pelos estudantes no que tange ao desenvolvimento da temática ambiental no curso, haja vista que é uma finalidade desse módulo a realização de discussões sobre temas ambientais, conforme previstos na ementa. Considerando que dos dez estudantes entrevistados, sete cursaram o módulo em 2015.2, dois em 2014.2 e um 2015.1, foi possível perceber que professores diferentes ministraram o componente, o que repercutiu em abordagens distintas para a temática ambiental, implicando na construção de pensamentos diversos entre os estudantes de diferentes semestres acerca da questão em estudo.

Na fala do primeiro grupo, formado pelos discentes que cursaram em 2015.2 que correspondeu a maioria dos entrevistados, foi observado um enfoque para a questão indígena; já o segundo grupo, composto pelos estudantes que cursaram em 2014.2 e 2015.1, relatou uma discussão sobre a concepção de meio ambiente, que será discutida no item 5.3, e o desenvolvimento de um projeto de extensão intitulado “Fixando Raízes”, que iniciou em 2014.2 e perdurou nos semestres seguintes, que será tratado na próxima seção desse texto. Desse modo, foi possível perceber que apesar do módulo possuir um conjunto de temas pré-definidos em sua ementa, o foco da discussão variou em decorrência do docente responsável por ministrá-lo.

O olhar dirigido a questão indígena citado por estudantes do semestre 2015.2 foi justificada pelos Discentes D e E quando apontaram que esse tema estava vinculado a área de pesquisa do professor que ministrou o componente no referido semestre.

“[...] no primeiro semestre a gente teve mais acesso, apesar de não recordar muito porque foi bem no início, mas a gente teve uma disciplina que foi Universidade, Sociedade e Ambiente, apesar da palavra eu acredito que a gente falou bastante, principalmente porque nosso professor, que eu tive na minha turma, ele tem muito contato com indígenas, então a gente estudou muito sobre isso e a gente sabe que eles valorizam muito o meio ambiente.”  
(Discente E)

Os conflitos vivenciados pelos povos indígenas é um tema que se alinha com as atuais discussões sobre o meio ambiente. A esse respeito, sabe-se que a luta pelos direitos territoriais e culturais dessa população, liderado por movimentos sociais que possuem um pensamento diferente do que é propagado pelo discurso dominante sobre a conservação da biodiversidade, está presente no pensamento sobre a proteção ambiental que deve estar associada ao fortalecimento dos direitos coletivos desses povos (SANTOS; MENEZES; NUNES, 2004; LEFF, 2015).

A partir da fala dos estudantes que mencionaram a questão indígena foi possível perceber que esse tema foi abordado em função da relação com a área de estudo do professor, sendo viável a conciliação com a ementa do módulo em questão. Foi perceptível a relação construída pelos estudantes entre meio ambiente e população indígena, entretanto não foram relatados os conteúdos e os direcionamentos pedagógicos para o tratamento dessa abordagem.

De acordo com o PPC do curso, o módulo Universidade, Sociedade e Ambiente é ofertado no primeiro semestre, com carga horária de 68h, com foco na formação geral e cidadã dos estudantes (UFRB, 2016). Esse módulo é oferecido pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares e Formação Geral – NUVEM, do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT. A proposta do referido Núcleo vem sendo implementada nos Bacharelados Interdisciplinares da Instituição com o intuito de promover a afiliação acadêmica dos discentes, desenvolver a formação geral, além do ensino de línguas (NACIF, 2016; UFRB, 2016). Na ementa, estão postos os seguintes temas:

Universidade: histórico, desafios na realidade brasileira, baiana e do recôncavo. Função social da universidade. Ensino, pesquisa, extensão e ações afirmativas: conceito, processos, abrangência e objetivos. Estudante: compromisso com a ética da causa pública, consequências da própria ação (metacognição), interesses republicanos. Sociabilidades no mundo contemporâneo. Estado: natureza e funções, cidadania popular organizada. Espaço público como equalizador de oportunidades; Constituição sócio-histórica do conceito de Ambiente; Soberania e sustentabilidade alimentar e energética; Ética ambiental; Consumo e responsabilidade socioambiental. Saneamento ambiental; educação ambiental. Ciência, tecnologia e sustentabilidade na constituição social. (UFRB, 2016, p. 66)

Sabe-se que esse módulo é responsável por introduzir a reflexão ambiental na formação do BIS por estar presente no primeiro semestre e permitir o contato inicial com a temática. Observando a ementa citada acima, é possível perceber uma diversidade de conteúdos a serem tratados em um único módulo de apenas 68h/aulas, isso pode dificultar uma discussão

mais aprofundada da temática ambiental já que o módulo não trata exclusivamente desta problemática.

Outro módulo cursado no primeiro semestre do curso e de destaque na fala dos entrevistados foi Processos de Apropriação da Realidade I. Nas entrevistas com os estudantes, o referido módulo foi o segundo mais indicado quanto à discussão ambiental.

Segundo Soares et al. (2016), os módulos Processo de Apropriação da Realidade - PAR integram a matriz curricular do curso em cinco semestres, sendo PAR I, PAR II, PAR III, PAR IV e PAR V, e foram criados com base nos novos direcionamentos que o SUS – Sistema Único de Saúde provocou no âmbito da formação em saúde, nas orientações do Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI da UFRB e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB. Os autores acrescentaram que as atividades desses módulos integram ensino, pesquisa e extensão e são desenvolvidas em comunidades/bairros de Santo Antônio de Jesus.

O PAR constitui-se um módulo transversal, presente em cinco das seis UPPs [Unidades de Produção Pedagógica] do Curso. O módulo é estruturado como componente integrador vertical, ao articular os conteúdos estudados nos módulos da cada uma das UPPs, e, horizontal, ao estabelecer um processo de continuidade de formação ao integrar os eixos temáticos da matriz curricular. Cada módulo de PAR é planejado a partir do conjunto de saberes produzidos no eixo temático no qual está inserido, de forma integrada e sequencial. Desse modo, o PAR tem o papel de articular os conhecimentos mobilizados nos demais módulos que conformam os eixos da matriz curricular do BIS, ao longo das cinco primeiras UPPs, para análise e o desenvolvimento de práticas em uma dada realidade. (SOARES et al., 2016, p. 79)

Na fala dos entrevistados, notou-se que dentre os módulos PAR, foi no PAR I que a discussão ambiental se tornou mais presente:

“[...] e também no PAR, durante todos os semestres, mas principalmente no primeiro, a questão ambiental foi muito forte porque foi o que a gente mais notou no bairro. [...] No PAR, a gente sempre trabalhou muito isso, da gente observar o entorno da comunidade, onde aquela comunidade está inserida, as necessidades, isso acaba abarcando o meio ambiente, questão de tratamento de água, a questão de poluição sonora, poluição visual, poluição do ar. Então, desde do início da nossa formação, a gente preza muito por considerar esse meio ambiente porque entende que a saúde não é apenas culpa, entre aspas, responsabilidade do sujeito, mas que tudo influencia, entende?” (Discente B)

Percebe-se que a partir do trabalho junto às comunidades, questões significativas relacionadas a saúde e ambiente foram mencionadas pelos estudantes, conforme pode ser exemplificado pelo fragmento de texto citado acima. É possível observar que o Discente B

apresentou um olhar sensível para o ambiente enquanto um determinante para a saúde da população que nele está inserida pontuando questões como água e poluição.

Desse modo, observa-se que o espaço comunitário se caracterizou como um ambiente propício para estimular as reflexões sobre temas ambientais enquanto uma dinâmica importante para estudar a saúde. Esse fato coaduna com o resultado do estudo de Peres et al. (2016), realizado a partir de entrevista com docentes do curso de Enfermagem de Universidades Federais do Rio Grande do Sul, que também identificou as disciplinas ligadas ao trabalho na comunidade como um dos meios em que a temática ambiental se fez presente na formação dos estudantes.

Após os módulos do primeiro semestre, foram citados pelos participantes desta pesquisa os módulos que, apesar de não terem o meio ambiente como foco, em algum momento do seu desenvolvimento promoveram o diálogo com questões relacionadas ao meio ambiente. Sendo eles: Estudos em Saúde Coletiva, que acontece no 2º semestre; Situação de Saúde, 3º semestre; e Comunicação e Educação em Saúde, no 5º semestre.

É interessante observar que há uma tendência para que disciplinas da área de Saúde Coletiva desenvolvam discussões sobre temas ambientais, haja vista que esta realidade também foi constatada nos estudos realizados por Souza e Andrade (2014), Camponogara et al. (2013b), e Peres e Camponogara (2014). Sabe-se que no contexto da Saúde Coletiva, a Educação Ambiental “[...] é um instrumento importante na promoção do desenvolvimento humano e comunitário saudável” (GARCIA; YUNES, 2012, p. 556).

Isso significa que há uma aproximação entre a Saúde Coletiva e a Educação Ambiental considerando que a área da saúde coletiva enxerga a dimensão ambiental no seu processo de compreender a complexidade que envolve a saúde, sendo um indicativo de que, nesta área, a perspectiva de saúde avança em relação ao modelo biomédico por compreender que o contexto em que o indivíduo pertence e se relaciona interfere na sua saúde. Desse modo, é esperado que disciplinas dessa área incluam o meio ambiente como uma dimensão que deve ser problematizada durante a ação pedagógica para que os sujeitos possam compreender a necessidade de rever práticas que degradam o ambiente e conseqüentemente melhorar a saúde da população.

No conjunto dos módulos obrigatórios, apenas um estudante citou o módulo Diversidade, Cultura e Relações Étnico-raciais enquanto espaço onde ele percebeu relação entre a atividade desenvolvida em um Terreiro de Candomblé e a questão ambiental:



“[...] e em uma disciplina Diversidade, Cultura e Relações Étnico-raciais a gente também fez uma visita uma vez ao terreiro de candomblé e é bem no meio da mata, na zona rural daqui de Santo Antônio de Jesus, e é perceptível e até com as leituras também, o quanto eles valorizam o meio ambiente, a natureza, e foi o meu contato mais próximo com relação a isso ao conceito que eu tenho de meio ambiente.” (Discente E)

Na fala do discente, as questões relacionadas a saúde e meio ambiente não ficaram evidenciadas, exceto a sinalização de possivelmente ter ocorrido, durante a realização da atividade, reflexões sobre a relação que os povos de terreiro mantêm com a natureza, quando diz: “[...] é perceptível e até com as leituras também, o quanto eles valorizam o meio ambiente, a natureza [...]”. Entretanto, apesar de não estar explícito na fala do estudante se ocorreu ou não um diálogo crítico sobre o meio ambiente e a cultura afro-brasileira a partir da atividade desenvolvida, a relevância da relação feita pelo estudante entre a visita ao Terreiro de Candomblé e o meio ambiente está em compreender que o estudo das questões ambientais deve envolver a diversidade de culturas e saberes.

Este raciocínio fundamenta-se nos princípios da Educação Ambiental que determina no inciso VI, do artigo 12, da Resolução N<sup>o</sup>. 02 de 15 de junho de 2012, “respeito à pluralidade e à diversidade, seja individual, seja coletiva, étnica, racial, social e cultural, disseminando os direitos de existência e permanência e o valor da multiculturalidade e pluriétnicidade do país e do desenvolvimento da cidadania planetária” (BRASIL, 2012a).

Quanto aos módulos optativos, dois foram citados pelos entrevistados, Conflitos Ambientais, Território e Saúde; e Biointerações. O primeiro, por possuir natureza optativa, nem todos os alunos cursaram. Entretanto, os discentes interlocutores que sinalizaram o referido módulo, informaram que as discussões em sala de aula abordaram assuntos acerca de: questão indígena, conflitos ambientais decorrentes da lógica do capital, populações em vulnerabilidade, dentre outros, como podem ser vistos nos trechos que seguem:

“[...] foi bem essa questão mesmo da relação dos índios com a saúde, com a saída do território de origem deles e o impacto na saúde”. (Discente G)

“[...] lá a gente tratava sobre conflitos ambientais dos diversos tipos, ela falava sobre o processo com as mineradoras e como afetava o ambiente, como era a questão de lidar com essas pessoas, como funcionava o processo de educação popular, entre várias coisas que abordava dentro da optativa [...] como o ambiente é impactado com tal situação causada pelo capitalismo [...]” (Discente H)

“[...] ela trazia mais questões ambientais envolvendo, por exemplo, quando teve a questão de Mariana... questões mais ligadas também a população em vulnerabilidade, e era mais isso”. (Discente I)

Relacionando o trabalho desenvolvido no módulo supracitado com Universidade, Sociedade e Ambiente, é possível haver no curso um direcionamento para trabalhar os temas ambientais a partir de uma reflexão crítica ao modelo atual de desenvolvimento econômico, aproximando-se dos debates defendidos pelo movimento da justiça ambiental.

A perspectiva ambiental desenvolvida no módulo Conflitos Ambientais, Território e Saúde demonstrou um processo de ensino-aprendizagem que permitiu aos estudantes de um curso da área de saúde ampliar o olhar sobre as dimensões que afetam a vida das pessoas e, nesse processo, foi fundamental discutir o modelo de desenvolvimento que está posto e o impacto que ele gera sobre o meio ambiente e a saúde dos diferentes povos que integram a sociedade.

Além das discussões ambientais que permeiam as esferas políticas, sociais, culturais e econômicas, existem na matriz curricular do BIS módulos que integram as questões fisiológicas e sua relação com o ambiente. Nesse sentido, foram citados pelos interlocutores as Biointerações que são módulos de natureza optativa, entretanto são obrigatórios para os discentes que irão cursar, no segundo ciclo, Enfermagem, Medicina ou Nutrição. Segundo o Discente H, “dentro das Biointerações a gente fala sobre as patologias e a associação delas com o ambiente”.

Dessa forma, observa-se que a discussão ambiental no BIS, no que se refere ao campo do ensino, não ficou restrita a um módulo ou a um semestre, atravessa o percurso formativo do discente através dos módulos citados nessa seção, os quais foram os mais ressaltados pelos estudantes entrevistados. O avanço do diálogo sobre as questões ambientais no processo de formação é relevante na medida em que vai consolidando o pensamento integrado do meio ambiente aos saberes concernentes a saúde, com o intuito de formar profissionais com um pensamento mais sensível e responsável diante dos problemas socioambientais.

Entretanto, para que esse objetivo seja alcançado, as atividades extensionistas e de pesquisa são essenciais, elas compõem a construção e socialização do conhecimento no ambiente universitário. Logo, fez parte da investigação, conhecer a dimensão das atividades extensionistas e de pesquisa, especificamente envolvidas com a temas ambientais, na formação dos estudantes do BIS.

## 5.2. A PESQUISA E A EXTENSÃO AMPLIAM A REFLEXÃO SOBRE MEIO AMBIENTE E SAÚDE

Nessa seção desenvolve-se uma apresentação e análise do desenvolvimento da temática ambiental nas atividades de extensão e pesquisa com destaque para as ações em conjunto com a comunidade externa. É importante destacar que as atividades aqui relatadas abrangem apenas as citadas pelos discentes interlocutores desse estudo de modo que é possível a existência de outras atividades registradas no Centro de Ensino que não foram contempladas nessa discussão.

Para iniciar, o módulo PAR é retomado na fala dos discentes no que diz respeito ao desenvolvimento de ações pedagógicas que promoveram o diálogo sobre o meio ambiente nas atividades de pesquisa e extensão devido a sua característica estrutural que articula o ensino, a pesquisa e a extensão. Ainda que os discentes não deixassem claro se as atividades mencionadas relacionadas ao PAR possuíam registro no Centro de Ensino como atividades extensionistas ou de pesquisa, este público citou e caracterizou algumas ações do referido módulo como tal.

Para melhor compreensão do PAR, sabe-se, com base em Soares et al. (2016), que esses módulos compõe a matriz do BIS do primeiro ao quinto semestre e não se limitam às atividades de ensino, uma vez que possuem um modelo didático-pedagógico que integra ensino, pesquisa e extensão a partir do princípio da interdisciplinaridade e do diálogo com a comunidade externa: eles são “[...] conduzido por três professores, preferencialmente de campos disciplinares distintos (por exemplo: ciências biológicas, saúde coletiva, humanidades) e vinculados aos demais módulos do eixo temático correspondente” (SOARES et al., 2016, p. 79).

Então, a partir da experiência vivenciada no PAR, os entrevistados relataram atividades que discutiram temas relativos ao meio ambiente, como o exemplo citado abaixo:

“Atividades de pesquisa e de extensão a gente desenvolveu muito no PAR. A primeira atividade de pesquisa que nós desenvolvemos foi no PAR I que foi mais uma observação, então nós fomos ao bairro, tiramos foto, etc. e depois trouxemos para sala para compartilhar as nossas percepções. E o que nós vimos muito assim foi o olhar da turma em relação a problemas, por exemplo, problemas de lixo, problemas de esgoto a céu aberto, e sem uma correlação entre isso, e era uma correlação muito direta que a gente vê muito nos jornais: ah! fulano está doente porque o esgoto, mas sem uma, como eu posso dizer?, sem uma reflexão sobre essa situação e a questão social, porque eu acredito que tudo está interconectado, o meio ambiente, a questão social, então foi muito interessante no PAR I nós vemos isso se abrindo...” (Discente B).

Ainda que no fragmento acima não fique evidenciado que a atividade relatada se trata de uma ação relativa a um projeto de pesquisa com registro no Centro de Ensino, ele traz elementos importantes para discutir a inclusão da temática ambiental na formação do BIS. Assim como no referido fragmento, foi observado na fala de todos os entrevistados discentes que citaram o trabalho realizado no PAR, um olhar direcionado para as questões do saneamento básico. É comum na área de saúde atrelar a dimensão ambiental ao saneamento básico, o que pode ser resultado de um processo histórico pois, segundo Garcia e Yunes (2012, p. 549) “durante muitos anos, as questões ambientais foram relacionadas à saúde como uma preocupação quase exclusiva das políticas públicas de saneamento básico (água, esgoto, lixo etc.)”.

É importante e necessário que o saneamento básico seja problematizado na prática cotidiana dos cursos da área de saúde, considerando as implicações sociais, ambientais e de saúde que a ausência ou deficiência de esgotamento sanitário, acesso e tratamento de água, e gestão dos resíduos sólidos provocam, em especial para a população com menor poder aquisitivo. Entretanto, é preciso ampliar o campo de visão para os diversos problemas ambientais, discutir o modelo de sociedade e a relação homem-natureza que vêm sendo difundida e de que modo o profissional de saúde pode contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas a partir do cuidado com a natureza.

Contudo, percebeu-se também que, nas reflexões dos problemas identificados, a dimensão social foi incorporada, levando o Discente B a considerar a existência da correlação entre a dimensão ambiental e social, o que caracteriza um aprofundamento da análise dos problemas identificados no bairro estudado, despertando nos discentes um olhar atento resultante do trabalho desenvolvido no módulo PAR.

A partir da narrativa das atividades pedagógicas do PAR, outra experiência relevante foi citada. Trata-se de uma atividade desenvolvida em uma escola do município sede do Centro de Ciências da Saúde que, a partir da discussão sobre direitos e cidadania, uma questão ambiental emergiu.

“Já no quinto semestre, propomos um curso de educação popular em saúde e aí os módulos foram sobre o SUS, sobre a sexualidade, sobre universidade e sobre direitos e cidadania. E foi interessante porque o primeiro módulo foi sobre direito e cidadania e aí as meninas pediram pra montar um painel e fazer “O que é direito para você?” E aí pedia para os escolares colarem no painel imagens, trouxeram-se revistas, e aí um menino colocou uma imagem de um menininho passando no esgoto a céu aberto, brincando, e aí perguntaram porque ele tinha colocado essa imagem, aí ele falou assim: porque acho que isso é uma falta de direito, a pessoa tem direito a ter um ambiente saudável

para viver e está sendo negado isso. Por que? Por que está sendo negado? Qual o interesse e qual a consequência disso para a saúde dessa criança, para o desenvolvimento dessa criança? Então, foram pesquisas que não foram relacionadas diretamente com, por exemplo, com a água, etc. Mas, que nós acreditamos aqui na nossa formação que o meio ambiente ele está em todo lugar [...]” (Discente B)

Constata-se que esse espaço de troca de conhecimentos entre estudantes do ensino básico e superior favoreceu a um debate importante na formação dos estudantes. As questões levantadas pelo grupo estimularam os participantes a pensarem o problema ambiental e perceberem a correlação existente com questões políticas, sociais, do campo do direito e da saúde. Ou seja, para compreender o problema levantado, houve a necessidade de acessar uma teia de saberes que exemplifica a complexidade de tratar as questões que envolvem o meio ambiente.

Dessa forma, a perspectiva interdisciplinar do BI em Saúde é fundamental na formação do estudante, pois através de práticas interdisciplinares busca desenvolver um modelo de formação profissional mais humanizado que compreende o outro como um ser histórico e reconhece a importância do contexto social que ele está inserido, e nesse processo formativo o aluno é reconhecido como um sujeito ativo e espera-se que seja um profissional que tenha o compromisso com a promoção da saúde (RAPHAEL; COELHO; FERNANDES, 2017).

A interdisciplinaridade também é defendida para o desenvolvimento da educação ambiental por ser um meio que favorece a troca de experiências entre os sujeitos de diferentes áreas que a partir de interpretações diversas podem conjuntamente construir um entendimento amplo do que está sendo estudado (REIGOTA, 2009).

Dando continuidade aos trabalhos desenvolvidos no módulo PAR com a temática ambiental, outras atividades foram referidas pelos estudantes, demonstrando que os diálogos realizados não foram vinculados à questão do saneamento apenas, conforme pode ser observado na fala apresentada abaixo.

“[...] foi uma extensão do PAR que a gente no terceiro semestre montou uma horta, eu acho que tem um pouco a ver, a gente montou uma horta na escola e tal por causa da alimentação dos meninos e como ali era um lugar natural que seria cuidado por eles mesmos, eles sabiam o que estava nascendo ali.” (Discente J)

A discussão da produção de alimentos está ligada diretamente a discussão do meio ambiente, pois a atividade de plantio de horta em uma escola, além de ser uma atividade que está aproximando a universidade do ensino básico, é uma atividade relacionada a agroecologia:

“[...] a agricultura orgânica agroecológica tem-se expandido muito ao redor do mundo, e numerosos estudos têm mostrado que ela é uma alternativa viável e sustentável para a agricultura industrial” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 544).

Os autores citados defendem uma prática de produção agrícola baseada nos princípios ecológicos que cultiva alimentos saudáveis contrapondo aos prejuízos que a agricultura química causa ao ambiente natural e a saúde humana devido a prática de monoculturas e uso excessivo de produtos químicos que degradam o solo, contaminam os lençóis freáticos e o próprio alimento, além disso explicam que a agricultura industrial possui um consumo alto de energia gerada a partir de combustíveis fósseis que contribui para o efeito estufa (CAPRA; LUISI, 2014).

Entretanto, é importante destacar que na fala do entrevistado ocorreu uma aparente dúvida quanto a relacionar o plantio de uma horta como um tema ambiental. É possível que a incerteza esteja ligada a um processo ainda em construção em direção a compreensão do pensamento mais complexo sobre o meio ambiente que lhe desse a certeza de que o debate ambiental perpassa também por problematizar todo o processo que envolve a produção e consumo de alimentos.

Retomando as ações do BIS com a temática ambiental, além das atividades relacionadas ao PAR, houve destaque na fala dos discentes interlocutores no que diz respeito a um projeto de extensão intitulado “Fixando Raízes”. Segundo o Discente H, a ideia desse projeto nasceu a partir dos diálogos sobre a temática ambiental no módulo Universidade, Sociedade e Ambiente, no semestre 2014.2, e tornou-se um projeto de extensão que permaneceu em semestres seguintes.

“No primeiro semestre a gente tem um componente chamado Universidade acho que Sociedade e Ambiente, eu não me lembro exatamente o nome, e lá a gente tratava sobre temáticas nesse sentido do ambiente. Inclusive foi em uma dessas aulas que uma amiga minha, ela, juntamente com o professor, teve uma ideia de fazer um projeto aqui na Faculdade chamado Fixando Raízes. E aí, ela e o professor montaram o projeto mais um grupo de alunos [...], para fazer plantações ao longo do *Campus*, enfim pra reambientar a universidade, replantar [...]” (Discente H)

Essa atividade extensionista, construída de forma coletiva envolvendo o docente e discentes, tinha como objetivo o plantio de árvores no Centro de Ensino. Foi interessante observar que esse projeto aproximou os estudantes de uma Organização não Governamental - ONG ambientalista sediada no município de Santo Antônio de Jesus, conhecida como Grupo Ambientalista Nascente – GANA.

“Logo quando eu entrei aqui, eu participei do Fixando Raízes que é um projeto que não existe mais neste semestre, acredito, mas que a gente foi ao GANA, aqui atrás, que é um grupo de ambientalista nascente, e cada aluno podia ter uma arvorezinha para plantar aqui no CCS, que é o fixando raízes no CCS, aí eu plantei a minha árvore.” (Discente E)

“[...] a gente teve toda uma aula sobre plantação de árvores, de toda essa parte, e aí eles mostraram a gente compostagem e tudo, e aí depois a gente veio pra cá, para o CCS, para fazer plantações aqui no CCS e aí a gente plantou plantas frutíferas e pequenos arbustos, essas coisas. Agora parou, mas todo semestre tinha esse Fixando Raízes, no Reencôncavo.” (Discente C)

Constata-se pela fala dos discentes que o processo de aprendizagem dessa turma tornou-se significativo para os participantes na medida em que, além do estudo da teoria, desenvolveram uma atividade prática, neste caso o plantio de árvores no Centro de Ensino, através de uma estratégia extensionista que promoveu um diálogo entre a universidade e uma ONG do município, estimulou o cuidado com o meio ambiente e, por conseguinte, pode ter contribuído para o bem-estar das pessoas no Campus quando buscou tornar esse ambiente mais arborizado.

Outros exemplos de atividades de extensão relatados pelos participantes, foram: o Discente G citou um seminário e destacou a presença de representante de um movimento social e a discussão sobre produção de alimentos e agrotóxicos. O Discente J destacou uma oficina que participou como monitor durante o Reencôncavo, evento que acontece todo início de semestre no Centro de Ciências da Saúde – CCS para recepcionar os novos estudantes, oportunizar a troca de experiências e conhecimentos através de oficinas, rodas de conversas, palestras, apresentação de trabalhos, dentre outros.

No campo da pesquisa, todos os entrevistados informaram que não participaram de projetos que dialogasse com temas ambientais, exceto as atividades previstas nos módulos de Processos de Apropriação da Realidade - PAR que envolvem ensino, pesquisa e extensão. Este fato representa uma lacuna, considerando a importância da pesquisa para a construção de conhecimentos que venham a acrescentar ou aprimorar os saberes construídos sobre o meio ambiente e sua relação com a saúde.

Portanto, observou-se que na formação dos interlocutores desse estudo, as atividades de extensão que desenvolveram a problematização da temática ambiental, em sua maioria, estiveram vinculadas ao PAR. Excetuando as ações do PAR, não houve uma referência significativa de participação em atividades de extensão ofertadas pelo Centro de Ensino que promovesse a discussão em questão. No âmbito da pesquisa, não houve relato de participação

em projetos de pesquisa registrado no Centro de Ensino relacionado a temática ambiental. Desse modo, o desenvolvimento da temática ambiental se tornou mais evidente na esfera do ensino através de um conjunto de módulos descritos na seção anterior.

### 5.3. A NOÇÃO DOS DISCENTES SOBRE MEIO AMBIENTE

Sabe-se que diferentes significados podem ser atribuídos à noção de meio ambiente, pois cada indivíduo constrói “[...] sua própria definição, cujas características estão influenciadas pelos seus interesses, pelas suas convicções e por seus conhecimentos científicos, políticos, filosóficos, religiosos, profissionais, etc.” (REIGOTA, 2009, p. 35). Dessa forma, entende-se que além da trajetória de vida, da cultura e condições sociais em que estão inseridos, as experiências e interações vividas pelos discentes no seu processo formativo contribuem na elaboração da noção de meio ambiente que cada um constrói ao longo da sua formação. Assim sendo, considera-se que no momento em que a temática ambiental se apresenta no processo de formação do estudante, a concepção de meio ambiente se ampliará e se estenderá na atuação profissional.

Observando de antemão o Projeto Pedagógico do Curso em estudo, haja vista que nele foi estabelecido um propósito sobre o profissional a ser formado, percebe-se a intenção de que o egresso tenha como competência “estabelecer relações com o contexto político, econômico, cultural e ambiental no qual se inserem as questões ambientais e de sustentabilidade, atuando como agente crítico e transformador da realidade” (UFRB, 2016, p. 21). Dessa forma, depreende-se que o PPC prevê o desenvolvimento da dimensão ambiental a partir de uma conjuntura relacional com os aspectos políticos, econômicos e cultural.

Nesse sentido, buscou-se identificar a noção de meio ambiente construída pelos discentes entrevistados durante o trajeto de formação no BIS. Foi possível observar que a maioria dos estudantes esboçou um entendimento de meio ambiente que corrobora com uma perspectiva ainda em desenvolvimento de interação entre o homem e a natureza; enquanto a minoria apresentou um entendimento de meio ambiente limitado aos aspectos naturais, conforme pode ser observado na Tabela que segue:



**Tabela 6** - Noção de meio ambiente dos Discentes interlocutores da pesquisa

<b>Noção de meio ambiente atenta apenas aos aspectos físicos ou naturais</b>	
Discente C	"eu acho que tudo, né, faz parte do meio ambiente. Deixa eu ver, não sei, tudo: água, rios, mares, animais, plantações, fauna, flora, tudo."
Discente E	"o que eu tenho mais como significado de meio ambiente é a natureza, não é aquela cidade grande"
<b>Noção de meio ambiente que apresenta relação entre aspectos naturais e sociais</b>	
Discente A	"é um espaço, né, é o espaço onde a gente habita"
Discente B	"nós vemos o meio ambiente não como algo separado, mas como algo integrado na vivência das pessoas"
Discente D	"eu acho que o meio ambiente além de ser um local é a relação que tem com o homem, essa relação de troca, relação se o homem preserva, se o homem contribui ou se o homem só deteriora esse meio ambiente..."
Discente F	"o lugar em que a pessoa está inserida"
Discente G	"tem esse meio ambiente que é o que é mais falado que é essa questão da ecologia mesmo, da fauna, da flora e tal, mas tem também até aqui o meio ambiente universitário, o meio ambiente de um posto de saúde"
Discente H	"eu penso na questão das plantas, da natureza, do ar, da qualidade do estar aqui, da Terra enquanto ambiente que foi explorado, enfim moldado pra nosso uso, enfim, mas é isso, recursos, água, natureza, ar, animais, fauna, flora, enfim e essas relações, essas inter-relações entre o ser humano, por exemplo, e os animais."
Discente I	"acho que pode ser conceituado como fauna e flora estreitamente ligado ao ser humano, onde ele vive, acho que é isso o conceito de meio ambiente"
Discente J	"eu acho que meio ambiente engloba o espaço em geral que a gente está, não só uma área que tenha floresta e tal, eu acho que meio ambiente tem a ver com todos os espaços que a gente está porque o ar que a gente polui para mim é meio ambiente, as árvores que a gente está desmatando, etc."

Fonte: Elaboração da autora.

Observando as falas dos estudantes, nota-se que o Discente C resumiu o meio ambiente aos seres bióticos e abióticos sem a presença humana. E na fala do Discente E há uma demarcação entre meio ambiente e sociedade em que o meio ambiente para o discente é a natureza de forma desconectada dos aspectos urbanos. Assim sendo, infere-se que a fala desses discentes esteve associada a uma ideia de valorização dos aspectos naturais.

Ainda que não seja perceptível um discurso utilitarista na fala dos discentes citados, o pensamento compartimentado que separa o homem da natureza, expresso pelos discentes, está ancorado no modelo hegemônico de enxergar a relação homem-natureza. Para Leff (2015), esse modelo contribuiu para a exploração da natureza sob a ótica da racionalidade econômica e precisa ser confrontado em direção a uma racionalidade ambiental.

O estudo de Camponogara et al. (2013a) também identificou uma visão naturalizada de meio ambiente apresentada por um grupo de estudantes e profissionais na área da saúde. Essa ocorrência, indica que é uma concepção que precisa ser problematizada no processo formativo no sentido de que os sujeitos possam compreender a complexidade que envolve a relação homem-natureza, pois

Faz-se necessário superar a concepção de ambiente como mera externalidade onde aparecem apenas florestas, rios, solo, diversidade biológica etc., e venha a se conceber ambiente como espaço que é igualmente processo e no qual atuam relações de poder, ou seja, onde tudo isso tem implicações sociais, econômicas, culturais, simbólicas e ecológicas. (AYRES; BASTOS FILHO, 2009, p. 33)

Os autores trazem uma ideia de superação de uma concepção de ambiente restrita aos aspectos naturais em que o indivíduo não se percebe como parte integrante, pois esse raciocínio de externalidade da natureza contribui para a fragmentação da compreensão relacional entre homem-natureza, o que pode vir a intensificar os problemas ambientais por desconsiderar a interdependência existente.

Nesse sentido, observou-se na fala do segundo grupo de estudantes disposta na Tabela 6, na seção “Noção de meio ambiente que apresenta relação entre aspectos naturais e sociais”, uma noção que integrou o homem; entretanto não foi possível perceber em todas as falas uma construção de ideias que demonstrasse a relação homem-natureza de forma indissociada.

Com base em Capra (2012) é possível considerar que para haver a construção de uma formação em que os sujeitos desenvolvam uma compreensão da indissociabilidade entre a natureza, o ser humano e a sociedade, é necessária a construção de uma visão diferente da posta pelo paradigma dominante de forma a promover a construção de pensamentos, valores e percepções em direção a perspectiva ecológica que compreende o mundo de forma interligada.

A partir dos dados da Tabela 6 é provável que esse raciocínio ainda careça de ser estimulado ou intensificado na formação do BIS. Desse modo, observou-se que o Discente A, apesar de ter integrado o homem na definição de meio ambiente, o relacionou a ideia de espaço como *habitat* e não evidenciou um pensamento aprofundado sobre a inter-relação homem-natureza. Nesse sentido, Raynaut (2004, p. 28) explica que “[...] o ser humano não pode mais ser considerado como ‘hóspede’ do meio que habita. Ele apresenta-se necessariamente como parte integrante desse meio, do qual é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto, ator e produto”.

Ou seja, é necessário a disseminação do pensamento de interdependência entre homem-natureza no sentido de despertar nas pessoas o senso de responsabilidade e cuidado

com o planeta entendendo que a medida que transformamos a natureza sofreremos os reflexos das nossas ações, logo, é preciso implementar a ideia defendida por Boff (1999) sobre a ética do cuidado.

Esse pensamento precisa ser reforçado continuamente na formação para que seja apropriado pelos sujeitos, pois observando a fala do Discente G percebe-se uma visão compartimentada da relação homem-natureza que separou o meio natural (flora e fauna) do meio social (universidade e posto de saúde).

Outro aspecto relevante foi a noção do Discente H sobre meio ambiente que esboçou a ideia “[...] da Terra enquanto ambiente que foi explorado, enfim moldado para o nosso uso [...]”, este trecho pode indicar uma percepção utilitarista em que a natureza é vista como fonte de recurso para atendimento dos propósitos do homem. De acordo com Diegues (2008), essa ideia da natureza encontra sustentação a partir de uma perspectiva de separação homem-natureza que se refere a uma corrente chamada ‘antropocêntrica’ em que “a natureza não tem valor em si, mas se constitui numa reserva de ‘recursos naturais’ a serem explorados pelo homem” (DIEGUES, 2008, p. 44).

Sobre a fala do Discente H também observou-se que esse foi o único estudante a apresentar a noção de qualidade de vida ao definir meio ambiente: “a qualidade do estar aqui”. Ainda que os discentes interlocutores sejam da área de saúde e que o meio ambiente seja um dos determinantes sociais da saúde, eles não agregaram a saúde na definição de meio ambiente. Nesse sentido, pode ter ocorrido uma limitação da pergunta adotada durante a entrevista ou no momento em que os alunos se encontram no curso, em fase de conclusão, os temas ambientais, talvez, não se fizeram tão presentes nas discussões em sala de aula.

Uma outra abordagem observada foi o entendimento de meio ambiente que integrou homem/natureza de forma mais ampla, a exemplo da fala dos Discentes J e B. O primeiro recorreu ao sentimento de pertencimento ao meio ambiente e o segundo demonstrou uma compreensão explícita da integração do homem à natureza como constituinte das vivências humanas.

Nesse sentido, espera-se que o processo de formação contribua na construção de um olhar ampliado, sistêmico, que os estudantes compreendam a relação homem-natureza sob a lógica da complexidade defendida por Morin (1999). É importante que os estudantes percebam que é preciso melhorar a qualidade de vida das pessoas e, neste contexto, é essencial o cuidado com a natureza num movimento em direção a um novo paradigma.

Nesse sentido da necessidade de mudança de paradigma, acrescenta-se uma fala do Discente H que ao abordar a relação que o homem estabelece com a natureza, teceu uma discordância ao paradigma hegemônico:

“[...] infelizmente, é uma construção social e política também, porque o estar é político, enfim, sobre você ver um recurso e se sentir dono dele, ver algo e se sentir dono, e ser ensinado que é dono e pode interferir e que aquilo não vai causar consequências [...]” (Discente H)

É interessante a análise do estudante sobre o sentimento de posse que o homem mantém em relação a natureza, compreendendo-o como resultado de uma construção social e política. Historicamente, esse sentimento foi sendo elaborado e materializado na sociedade de forma que revertê-lo não é simples, e nesse processo a universidade é um espaço importante para elaborar novos saberes em direção a construção de uma sociedade comprometida com a qualidade de vida das pessoas e consequentemente com a sustentabilidade ambiental.

Assim, percebe-se que a discussão ambiental esteve presente na formação dos estudantes interlocutores dessa pesquisa, os estudantes demonstraram compreender que o estudo da saúde demanda um olhar sobre a temática ambiental. Entretanto, observou-se que é uma discussão a ser fortalecida no curso, haja vista a presença de concepções simplistas sobre o meio ambiente, indicando a necessidade de maior aprofundamento e problematização dessa temática ao longo da formação.

#### 5.4. IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO AMBIENTAL NA FORMAÇÃO EM SAÚDE

Verificou-se que todos os entrevistados consideraram importante o desenvolvimento da temática ambiental na formação em saúde. Esse raciocínio esteve associado, na fala da maioria dos interlocutores, ao conceito de saúde desenvolvido no curso, conforme pode ser observado nos fragmentos abaixo:

“Eu acho que é importante porque saúde não é só ausência de doença, entendeu? Tem outros determinantes por trás do processo de saúde e doença.” (Discente A)

“Você com essa formação ambiental, você vai conseguir ver todos, não todos, porque não se pode esgotar nada, mas os mais diversos aspectos de saúde do sujeito [...].”

[...] e considerar a pessoa como um todo, não só como aquele corpo que está adoecido que você precisa passar um remédio para curá-lo.” (Discente B)

“O meio ambiente, ele está dentro da definição do que é saúde.” (Discente D)

Observa-se que os discentes supracitados não perceberam a saúde a partir da concepção biomédica, o que contribui para integrar a dimensão ambiental na compreensão da saúde do indivíduo. Sabe-se que a formação acadêmica não pode ficar restrita ao estudo da doença, requer uma mudança de perspectiva que supere o paradigma tecnicista e forme sujeitos críticos e engajados politicamente (TEIXEIRA; COELHO, 2017).

Nesse sentido, a partir dos argumentos apresentados pelos Discentes A, B e D nota-se que os estudantes apresentaram um entendimento sensível ao debate ambiental no percurso formativo, o que pode indicar um comprometimento com os princípios fundamentais que deveriam nortear a formação de um profissional em saúde no sentido de desenvolver uma compreensão ampla do que é a saúde.

Segundo Demétrio, Alves e Brito (2016) o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB busca romper com o modelo biomédico e, nesta direção, o currículo do curso foi estruturado com base na concepção positiva de saúde. E acerca desse processo de construção do percurso formativo do BIS, as autoras colocaram que:

O olhar para as questões ambientais nas comunidades, fomentado por lentes proporcionadas pelo estudo filosófico e da metodologia científica, tem possibilitado uma sensibilização dos estudantes para uma formação orientada pela concepção positiva de saúde. Nessa direção, problemáticas em torno do descarte de resíduos sólidos, do saneamento básico, da drenagem e pavimentação de ruas, da acessibilidade para pessoas com deficiência física, escolaridade e ocupação profissional, condições de moradia e transporte público, acesso aos serviços de saúde passam a fazer parte de um repertório de temas cuja abordagem passa a ser reconhecida como pertinente para um curso de formação em saúde. (DEMÉTRIO; ALVES; BRITO, 2016, p. 68)

As experiências vivenciadas nas comunidades proporcionadas pelo BIS aos estudantes, como citadas, são práticas pedagógicas que podem despertar reflexões críticas sobre as questões socioambientais que à vista disso amplia o entendimento desses sujeitos sobre a saúde, conforme pode ser percebido na fala abaixo:

“Olha! É como eu falei da Apropriação da Realidade, porque a gente entender o contexto que aquele usuário de saúde vive já é uma forma da gente saber como atuar e como intervir na saúde daquele indivíduo, não apenas a gente trabalhar na prática curativa, né, e entender que se toda vez que aquele indivíduo ele volta para o lugar de onde ele veio, se ele está em condições de risco, ele vai apresentar certas doenças novamente que vão interferir na sua

saúde, então, já ter um entendimento do que esse espaço pode acarretar para o indivíduo é também saber um pouco do meio ambiente, é entender que todo o contexto está interferindo na vida desse indivíduo.” (Discente F)

O meio ambiente apareceu na fala do estudante como um elemento importante para compreender o processo de saúde, ele compreende que não basta pensar na cura da doença de um indivíduo sem pensar “no lugar de onde ele veio”, e pensar sobre este lugar é algo complexo, pois envolve compreender diferentes aspectos que influenciam a saúde humana.

Soma-se a esse pensamento mais amplo, a declaração do Discente G que agregou maior complexidade ao entendimento da relação saúde e meio ambiente na medida em que expande o campo de associações acrescentando a diversidade cultural como um elemento intrínseco nesta relação. O participante colocou que:

“[...] aqui prega muito essa questão do respeito no atendimento, do respeito as nossas culturas, na diversidade das pessoas, e cada cultura tem o seu ambiente, o seu meio de conviver, o seu meio de produzir saúde, o seu meio de ter o acesso a saúde, de procurar no caso as diversas saúdes que existem, então é muito importante a gente estar conhecendo as várias nuances desse ambiente, dos diversos ambientes que existam.” (Discente G)

A fala do discente foi imbuída de um pensamento ético que valorizou a diversidade, o respeito ao modo como cada um é e vive a vida. Há um indicativo de que a formação do estudante não esteve centrada no reconhecimento do saber científico como único conhecimento válido aproximando-se da ideia defendida por Santos, Meneses e Nunes (2004) e Boff (1999) quanto à valorização dos diferentes saberes e defesa do diálogo entre o conhecimento científico e o popular.

Esse raciocínio aproxima-se também da visão holística da relação homem-natureza, que no rol das entrevistas, apareceu de forma mais explícita na fala do Discente H quando mencionou a importância de trabalhar questões ambientais durante a formação:

“[...] é de extrema importância, isso ajuda a você a se entender, se identificar e perceber que você não só está, mas faz parte do que é o todo, entender que o todo envolve coisas que você age diretamente, por exemplo, nós estamos interagindo, interações entre pessoas, mais interação com o meio também, todo, que isso influencia, enfim.” (Discente H)

Quando o participante entende que fazemos parte do todo, demonstra um raciocínio holístico que para Capra (2012, p. 311) significa perceber que “[...] o organismo individual está

em interação contínua com seu meio ambiente físico e social, sendo constantemente afetado por ele, mas podendo também agir sobre ele e modificá-lo”.

Esse pensamento amplo pode despertar nos estudantes valores em direção a responsabilidade socioambiental. No grupo de entrevistados, foi o Discente H que construiu uma narrativa que demonstra um pensamento de auto avaliação no sentido de buscar compreender a sua responsabilidade diante da degradação ambiental.

“[...] entender que hoje as coisas estão como estão, a questão da poluição ambiental geral, [...] está hoje por uma consequência que também é minha e como eu posso agir politicamente acerca disso, acho que esse é um ponto importante para mim hoje [...]” (Discente H)

O discente avança do campo da reflexão para a necessidade da ação. Sabe-se que a reflexão, a participação e a mudança de comportamentos compõe um processo de educação ambiental que é político na medida que contribui para a formação de cidadãos que buscam soluções para os problemas da nossa sociedade visando o bem comum (REIGOTA, 2009).

Um outro olhar sobre a importância da temática ambiental na formação em saúde, apresentado por um grupo menor dos entrevistados, foi justificado pela necessidade do curso promover a formação cidadã dos estudantes e que essa temática deve estar presente em todos os cursos independente da área.

“Eu acho importante essa inclusão em todos cursos na verdade [...] eu acho que a UFRB é uma das poucas que ainda aborda, a maioria vai cada uma para a sua, anatomia, histologia, fisiologia, e esquece de abordar mais o meio ambiente e essa relação nossa com o meio ambiente.” (Discente C)

Diante do exposto, é possível indicar que o discente acredita que a UFRB faz um trabalho diferenciado na medida que não restringe a formação aos conhecimentos técnicos e específicos da área. Nesse sentido, a fala do Discente C está relacionada com a intencionalidade do Projeto Pedagógico do Curso no que diz respeito a promover uma formação cidadã.

Por outro lado, o Discente J trouxe uma outra perspectiva, ele acredita que de modo geral as pessoas dão pouca importância para o meio ambiente. Essa vertente apontada pelo aluno ocorre devido ao modelo de sociedade vigente que valoriza o consumo em detrimento do cuidado ambiental. Para Siqueira-Batista et al. (2009, p. 272), “[...] essa necessidade desenfreada de consumo vem exaurindo não somente os recursos ambientais, mas também a

saúde humana, uma vez que a qualidade de vida tem sido posta em patamar secundário, em busca de ganhos financeiros capazes de manter esse padrão de vida”.

Entretanto, esse pensamento que não contribui com o cuidado ambiental frente aos anseios da lógica capitalista deve ser problematizado na sala de aula. O sujeito em formação deve refletir sobre o pensamento econômico e suas consequências para o meio ambiente e a saúde. É através de um processo reflexivo que esse raciocínio posto pelo capital poderá ser transformado e neste contexto a Universidade tem um papel fundamental em formar sujeitos críticos que questionem essa racionalidade e contribuam com ações voltadas para a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Nesse sentido, Carvalho (2012) apontou que a questão ambiental vem ganhando notoriedade na sociedade contemporânea, ainda que reconheça os desafios que existem para uma mudança na relação que a sociedade atual mantém com a natureza, e reconhece a ação educativa como um caminho para o alcance desse objetivo.

Assim sendo, no que se refere a formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB, presume-se que ao buscar implementar um modelo formativo a partir de uma perspectiva ampla de saúde conjugada com atividades acadêmicas em espaços comunitários, criou-se um ambiente acadêmico favorável para que questões referentes a meio ambiente fossem discutidas no curso.

Observou-se que o módulo Conflitos Ambientais, Território e Saúde foi uma iniciativa relevante para tratar os problemas ambientais contemporâneos, pois os discentes que cursaram o referido módulo relataram o desenvolvimento de discussões atuais, a exemplo dos empreendimentos de mineração no país e os impactos para a saúde, os agrotóxicos, povos tradicionais e indígenas, dentre outros. Entretanto, é preciso salientar que por ser um módulo optativo, o trabalho desenvolvido não chegou a todos os estudantes entrevistados.

Por fim, é importante considerar que apesar do curso buscar desenvolver uma prática pedagógica interdisciplinar, valorizar os diferentes saberes, inserir os alunos em contextos comunitários, ainda assim é necessário promover a expansão e o fortalecimento da temática ambiental no âmbito da formação para que resulte em uma apropriação mais elaborada pelo corpo discente no que diz respeito à compreensão do cuidado com o meio ambiente e sua relação com a saúde.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se nos últimos anos que a inclusão da temática ambiental na formação dos sujeitos passou a ser validada por normativas que tornou obrigatória a sua implementação em todos os níveis de ensino. Nesse sentido, ressalta-se a importância dessa discussão principalmente na formação em saúde por considerar relevante para o aprimoramento de meios que possam auxiliar na melhoria da qualidade de vida da população.

Para assegurar uma formação acadêmica na área de saúde comprometida com o meio ambiente é preciso buscar um modelo de formação que não colabore com o raciocínio predominante de uma sociedade consumista que degrada o ambiente, fortalece as diferenças sociais e desconsidera as diversidades culturais.

Consoante com esse pensamento, é preciso buscar políticas para a educação superior que superem os preceitos da ciência moderna no que tange a construir e socializar conhecimentos na área ambiental e da saúde. Meio ambiente e saúde são dimensões que não podem ser vistas de forma separada, fragmentada e isolada. Pelo contrário, é preciso compreender e estudar suas conexões, o cuidado com o meio ambiente resulta em melhor qualidade de vida para a população.

Entretanto, através da revisão de literatura, observou-se que a discussão de temas relacionados ao meio ambiente não se fez presente de forma significativa nos cursos de graduação da área de saúde. Com base nos estudos identificados, a discussão ambiental quando ocorreu foi restrita a um momento pontual do curso, na maioria das vezes por meio de uma disciplina específica para abordar o tema ou da área de Saúde Coletiva, ou através de uma prática desenvolvida na comunidade, sem necessariamente haver um compromisso dos cursos de manter essa discussão ao longo da formação.

Compreendendo a importância da temática ambiental como algo que deve estar presente no percurso formativo de profissionais da área de saúde de uma forma contínua e dialógica, esta pesquisa buscou conhecer como a temática ambiental tem sido desenvolvida na formação do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Esse curso apresenta-se como um modelo de formação novo no cenário acadêmico nacional, com uma proposta pedagógica que visa trabalhar com uma concepção ampliada de saúde e sensível às inúmeras questões que envolvem a saúde de uma população. Desse modo, objetivou-se analisar como a temática ambiental foi desenvolvida na formação dos estudantes,

buscando identificar as vivências e experiências que abarcaram conhecimentos e reflexões sobre o meio ambiente, bem como o sentido que os discentes e docentes conferiram à discussão ambiental no percurso formativo.

Diante disso, foi possível apresentar e discutir as atividades que vêm sendo desenvolvidas no curso no âmbito do ensino, da extensão e da pesquisa, bem como apresentar o ponto de vista de docentes e discentes sobre o meio ambiente e a importância dada à inclusão da temática ambiental na formação em saúde.

No âmbito do ensino, os seguintes módulos apareceram na fala dos interlocutores como aqueles que desenvolveram debates sobre a temática ambiental: Universidade, Sociedade e Ambiente; Processos de Apropriação da Realidade; Conflitos Ambientais, Território e Saúde; Estudos em Saúde Coletiva; Meio Ambiente, Saúde e Saneamento; Situação de Saúde; Comunicação e Educação em Saúde; Saúde, Cuidado e Qualidade de vida; Diversidades, Cultura e Relações Étnico-Raciais, e Biointerações. Com destaque para os dois primeiros módulos, os mais recorrentes nas entrevistas com os sujeitos participantes desse estudo.

A criação do módulo optativo Conflitos Ambientais, Território e Saúde sinalizou uma preocupação de expandir a discussão ambiental no currículo do curso considerando que já existia um módulo obrigatório com a finalidade de discutir temas referentes ao meio ambiente intitulado Universidade, Sociedade e Ambiente. Através desse módulo de natureza optativa, desenvolve-se um diálogo atual sobre a problemática ambiental no cenário brasileiro e sua relação com a saúde. Desse modo, o referido módulo apresentou-se como um diferencial no currículo do curso quanto à discussão ambiental.

Os módulos Processos de Apropriação da Realidade – PAR, ofertados do primeiro ao quinto semestre do curso como PAR I, II, III, IV, V, representaram espaços importantes de imersão da temática ambiental, pois esses módulos possuem uma estrutura dinâmica e flexível que agregam temas relacionados a realidade da comunidade a qual os estudantes constroem vínculos, e nesse processo os problemas ambientais surgiram em meio as discussões como um tema relevante a partir da interação dos estudantes com o ambiente externo à universidade, principalmente no PAR I.

No âmbito da extensão, foram destacados o projeto Fixando Raízes e novamente o trabalho dos módulos Processos de Apropriação da Realidade desenvolvidos em bairros do município de Santo Antônio de Jesus e Seminário. O público docente acrescentou o Grupo de Extensão em Saúde do Campo.

Sobre a pesquisa, os discentes interlocutores informaram que não participaram de projetos de pesquisa que dialogassem com a temática ambiental. Já na entrevista com os

docentes, surgiram os estudos que vêm sendo desenvolvidos na cidade de Santo Amaro referentes à contaminação por metais pesados, a qualidade dos ecossistemas e a qualidade dos alimentos e sua relação com a saúde.

Observou-se que apesar da existência de atividades extensionistas e de pesquisa, elas não atingiram a todos os estudantes. Desse modo, para o público discente, é possível que as atividades ofertadas por meio do ensino tenham sido as mais significativas no processo de problematização e reflexão sobre meio ambiente e saúde. Nesse sentido, a ampliação de atividades de extensão e pesquisa no curso que dialoguem com a temática ambiental pode contribuir com o aprimoramento da visão e, conseqüentemente, do discurso dos estudantes em relação a essa temática.

Verificou-se ainda que os participantes docentes, de maneira geral, demonstraram um entendimento abrangente em relação a temática ambiental direcionado para a perspectiva sistêmica, evidenciando um posicionamento reflexivo capaz de perceber que os processos de saúde e adoecimento estão diretamente ligados às relações que o sujeito estabelece com o ambiente.

Para o desenvolvimento de discussões e reflexões sobre o meio ambiente, ficou evidenciada na fala dos docentes interlocutores, a importância de uma prática pedagógica que articule as diversas áreas do saber. Neste sentido, a interdisciplinaridade foi posta como um meio capaz de oportunizar aos docentes e discentes a troca de conhecimentos e experiências que possibilitem o desenvolvimento de um olhar crítico e amplo para a relação saúde e meio ambiente.

Entretanto, apesar do corpo docente entrevistado possuir uma visão ampliada do conceito de saúde e ambiente, bem como o projeto pedagógico do curso possuir dispositivos que permitem o debate sobre a temática ambiental, a maioria dos estudantes apresentaram uma percepção simplista sobre a temática em questão, poucos construíram um discurso mais elaborado, indicando uma fragilidade na formação que remete à necessidade de ampliação e aprofundamento das discussões ambientais no processo de ensino-aprendizagem do curso.

Sobre a inserção da temática ambiental no processo formativo, os atores do BIS consideraram importante com vista à uma formação mais humanizada e holística, pois trata-se de um curso que busca implementar uma formação acadêmica sustentada em uma concepção diferente do modelo hegemônico. Ao buscar trabalhar com o conceito de saúde a partir de uma perspectiva ampliada, há uma preocupação no curso em construir diálogos entre as dimensões saúde e meio ambiente, ainda que, possivelmente, necessite expandir as ações principalmente no campo da extensão e da pesquisa.

Para a obtenção dos resultados apresentados utilizou-se uma metodologia qualitativa em que os dados foram produzidos através de entrevista semiestruturada realizada nos meses de novembro de 2018 a fevereiro de 2019 com discentes concluintes no semestre 2018.2 e docentes do BIS/UFRB e analisados por meio do método de análise de conteúdo. A partir da metodologia escolhida, considera-se como limitação desse estudo a representatividade do corpo discente e docente no estudo. Apesar de todos os discentes prováveis concluintes no semestre 2018.2 terem sido convidados via e-mail, apenas dez estudantes participaram da pesquisa. Quanto ao público docente, o convite foi limitado a um número de docente, o que poderia ter sido estendido a todos.

Como recomendações, sinaliza-se que novos estudos podem ser executados a exemplo de um trabalho que tenha como público os sujeitos que compõem as comunidades/bairros que interagem com os estudantes do BIS, ou mesmo buscar identificar os projetos de pesquisa e extensão cadastrados no Centro de Ensino que dialoguem com a temática ambiental buscando analisar os seus objetivos, os produtos gerados e a contribuição para a formação acadêmica desenvolvida no Centro de Ciências da Saúde.

Assim, acredita-se que esse estudo não finaliza a discussão sobre o tema, entretanto, espera-se que sirva a comunidade acadêmica como um material teórico para a construção de novas reflexões que abarquem a relação meio ambiente e saúde na formação de futuros profissionais que irão lidar com a saúde da população, cientes de que diante dos problemas ambientais enfrentados pela sociedade contemporânea, novas ações precisam ser pensadas e implementadas visando a qualidade de vida das pessoas que necessariamente vincula-se ao cuidado com o meio ambiente.

## 7. REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri; MELLO, Cecília Campello do A.; BEZERRA, Gustavo das Neves. **O que é justiça ambiental**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

ALMEIDA FILHO, Naomar Monteiro. Universidade Nova no Brasil. In: SANTOS, Boaventura Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar Monteiro. **A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova**. Coimbra, 2008. p. 107-259. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2019.

ALMEIDA FILHO, Naomar; COUTINHO, Denise. Inter-transdisciplinaridade na formação em saúde na Universidade Federal do Sul da Bahia. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza (Org.). **Interdisciplinaridade na Educação Superior: o Bacharelado em Saúde**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 95-114.

AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva. Saúde e vigilância ambiental: um tema em construção. **Epidemiol. Serv. Saúde**. Brasília, v. 12, n. 4, p. 177-187, dez. 2003. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v12n4/v12n4a02.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2019.

AYRES, Fernando G. S; BASTOS FILHO, Jenner B. O exercício das liberdades, o combate à pleonexia e a Educação Ambiental. **Gaia Scientia**. 3(1): 29 – 34, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/article/view/3341/2742>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BACKES, Marli Terezinha Stein et al. Cuidado ecológico como um fenômeno amplo e complexo. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 64, n. 5, p. 876-881, Out. 2011a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n5/a12v64n5.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Do antropocentrismo ao ecologicentrismo: formação para o cuidado ecológico na saúde. **Rev. Gaúcha Enferm. (Online)**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 263-269, Jun. 2011b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n2/a08v32n2.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1977.

BATISTELLA, Carlos. Abordagens contemporâneas do conceito de saúde. In: Fonseca AF, Corbo AD, organizadores. **O território e o processo saúde-doença**. Rio de Janeiro: EPSJV, Fiocruz; p. 51-86, 2007. Disponível em: [http://dihs.ensp.fiocruz.br/documentos\\_dihsadmin/Batistella,\\_Carlos\\_-\\_Abordagens\\_Contempor%C3%A2neas\\_do\\_Conceito\\_de\\_Sa%C3%BAde.pdf](http://dihs.ensp.fiocruz.br/documentos_dihsadmin/Batistella,_Carlos_-_Abordagens_Contempor%C3%A2neas_do_Conceito_de_Sa%C3%BAde.pdf). Acesso em: 23 abr. 2019.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRASIL. **Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, e dá outras**

providências. Brasília, 25 de junho de 2002, 181º da Independência e 114º da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/d4281.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm). Acesso em: 05 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.** Brasília, 27 de abril de 1999; 178º da Independência e 111º da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9795.htm). Acesso em: 05 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.151, de 29 de julho de 2005. Dispõe sobre a criação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, por desmembramento da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e dá outras providências.** Brasília, 29 de julho de 2005; 184º da Independência e 117º da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11151.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11151.htm). Acesso em: 04 mai. 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.** Brasília, 19 de setembro de 1990; 169º da Independência e 102º da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8080.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8080.htm). Acesso em: 03 fev. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.** Brasília, 2012a. Disponível em: <http://conferenciainfante.mec.gov.br/images/conteudo/iv-cnijma/diretrizes.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Referenciais Orientadores para os Bacharelados Interdisciplinares e Similares.** Brasília, 2010. Disponível em: [http://reuni.mec.gov.br/images/stories/pdf/novo%20%20bacharelados%20interdisciplinares20-%20referenciais%20orientadores%20%20novembro\\_2010%20brasilia.pdf](http://reuni.mec.gov.br/images/stories/pdf/novo%20%20bacharelados%20interdisciplinares20-%20referenciais%20orientadores%20%20novembro_2010%20brasilia.pdf). Acesso em: 26 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Conferência Nacional de Saúde, 8ª,** Brasília, 1986. Brasília: Centro de Documentação do Ministério da Saúde. Anais, 430 p. 1987. Disponível em: [http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf\\_nac\\_anais.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf_nac_anais.pdf). Acesso em: 12 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. **Pró-saúde: Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde.** Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0323\\_M.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0323_M.pdf). Acesso em: 30 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Saúde e desenvolvimento sustentável: saúde na Rio + 20.** 2011. Disponível em: [http://www.fiocruz.br/media/saude\\_rio\\_20.pdf](http://www.fiocruz.br/media/saude_rio_20.pdf). Acesso em: 10 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. **Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.** Brasília. Ministério da Saúde, 2012b. Disponível em:

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso: 05 jan. 2018.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n.1, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2019.

CAMPONOGARA, Silviomar et al. A abordagem da interface saúde e meio ambiente na formação profissional de enfermeiros. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 4, p. 647-653, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v32n4/v32n4a02.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Responsabilidade Ambiental na visão de acadêmicos da área da saúde. **Rev. enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, jan/mar; 20(1): 39-44, 2012a. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v20n1/v20n1a07.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Interface entre saúde e meio ambiente na formação profissional em saúde. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 25, n. 6, p. 902-907, 2012b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v25n6/v25n6a12.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Visão de profissionais e estudantes da área de saúde sobre a interface saúde e meio ambiente. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 93-111, Apr. 2013a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v11n1/a06v11n1.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Saúde e meio ambiente: subsídios para reflexão sobre a formação acadêmica na área da saúde. **Ciênc. Cuid. Saúde**, v. 12, n. 3, p. 564-571, jul/set. 2013b. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/ccs/v12n3/20.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

CAMPOS, Francisco Eduardo de; AGUIAR, Raphael Augusto Teixeira de; BELISÁRIO, Soraya Almeida. A formação superior dos profissionais de saúde. In: Giovanella L, Escorel S, Lobato LVC, et al. (orgs.) **Políticas e sistema de saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. p. 1011 -1034.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. [tradução Álvaro Cabral], São Paulo: Cultrix, 2012.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. Tradução Mayra Teruya Eichemberg, Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2014. (Coleção polêmica).

CARVALHO. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, César Augusto; LOUREIRO, Carlos Frederico. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica. **R. Katál.**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 111-121 jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rk/v20n1/1414-4980-rk-20-01-00111.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2017.

CRUZ, Ricardo Gauterio; BIGLIARDI, Rossane Vinhas. Uma abordagem exploratória ao conteúdo epistemológico das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, v. 29, julho a dezembro de 2012.



Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/2845/1896>. Acesso em: 06 dez. 2017.

DEMÉTRIO, Fran; ALVES, Vânia Sampaio; BRITO, Sheila Monteiro. Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: a concepção positiva de saúde como referencial teórico (re) orientador do modelo de formação. In: SANTANA, Luciana Alaíde Alves; OLIVEIRA, Roberval Passos de; MEIRELES, Everson (Orgs.). **BIS Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB: Inovações Curriculares, Formação Interprofissional Integrada e em Ciclos**. Cruz das Almas: UFRB, 2016, p. 57 - 76.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 6ª ed. ampliada. São Paulo: Hucitec Nupaub – USP/CEC, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Carlos Machado de; PORTO, Marcelo Firpo. **Saúde, Ambiente e Sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. (Coleção Temas em Saúde, v.5).

GALLO, Sílvio. Transversalidade e meio ambiente. In: **Ciclo de Palestras sobre Meio Ambiente - Programa Conheça a Educação do Cibec/Inep**. Brasília: MEC/SEF/COEA, 2001. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/cibec/pce/2001/15-26.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2019.

GARCIA, Narjara Mendes; YUNES, Maria Angela Mattar. Promoção de Saúde Coletiva sob a Ótica da Educação Ambiental: A ênfase no desenvolvimento saudável e nas possibilidades de resiliência. In: PELICIONI, Maria Cecília Focesi; MIALHE, Fábio Luiz (Orgs.). **Educação e Promoção da Saúde – Teoria e Prática**. São Paulo: Santos, 2012. p. 547-560.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JURAS, Ilídia da Ascensão Garrido Martins; MACHADO, Gustavo Silveira Machado. **A relação entre a saúde da população e a conservação do meio ambiente**. Brasília: Consultoria Legislativa da Câmara dos Deputados, 2015. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema19/a-relacao-entre-a-saude-da-populacao-e-meio-ambiente\\_juras-e-machado\\_politicas-setoriais](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/areas-da-conle/tema19/a-relacao-entre-a-saude-da-populacao-e-meio-ambiente_juras-e-machado_politicas-setoriais). Acesso em: 06 dez. 2017.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução Heloisa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMQ, 1999.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. Complexidade, Interdisciplinaridade e Saber Ambiental. In: Philippi Jr, A. et al. (Org.). **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**. São Paulo: Signus Editora, 2000, p. 19 – 51.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.) **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-29.



\_\_\_\_\_. Saúde e ambiente: uma relação necessária. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa et al. (Org.). **Tratado de Saúde Coletiva**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009. p. 81-109.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Meio ambiente e Ciências Humanas**. 4ª Edição. São Paulo: Annablume, 2005.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F.M.; SILVA, J.M. (Org.). **Para navegar no século XXI/21: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999. p.1-27.

NACIF, Paulo Gabriel Soledade. Emergência da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia: desafios e percurso na construção de inovações curriculares. In: SANTANA, Luciana Alaíde Alves; OLIVEIRA, Roberval Passos de; MEIRELES, Everson (Orgs.). **BIS Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB: Inovações Curriculares, Formação Interprofissional Integrada e em Ciclos**. Cruz das Almas: UFRB, 2016, p. 21 - 30.

OLIVEIRA, Haydée Torres de. Educação ambiental – ser ou não ser uma disciplina: essa é a principal questão?! In: **Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola**. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental; Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental; UNESCO. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao3.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

ONUBR. Nações Unidas no Brasil. **Poluição causa 12,6 milhões de mortes por ano, alerta agência ambiental da ONU**. Publicado em 16/11/2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/poluicao-causa-126-milhoes-de-mortes-por-ano-alerta-agencia-ambiental-da-onu/>. Acesso em 10 out. 2018.

PEREIRA, Elvio Quirino; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. A interdisciplinaridade nas Universidades Brasileiras: trajetória e desafios. **Redes** (St. Cruz Sul, Online), v. 21, nº 1, p. 209-232, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/4844/pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019.

PERES, Roger Rodrigues et al. Educação ambiental para docentes enfermeiros: percepção e relação com a formação do enfermeiro. **Rev. Gaúcha Enferm.** [online]. vol.36, n.spe, pp.85-93. ISSN 1983-1447. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v36nspe/0102-6933-rgenf-36-spe-0085.pdf>. Acesso em: 06 de abr. 2018.

\_\_\_\_\_. Saúde e ambiente: (in) visibilidades e (des) continuidade na formação profissional em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 25-32, Mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n1/1414-8145-ean-20-01-0025.pdf>. Acesso em: 06 de abr. 2018.

PERES, Roger Rodrigues; CAMPONOGARA, Silviomar. Environmental Education in the View of Public Health Teachers: a Descriptive Exploratory Study. Online braz j nurs [internet] 2014 Sep [cited year month day]; 13 (3):332-42. Disponível em: [http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4368/pdf\\_159](http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4368/pdf_159). Acesso em: 06 de abr. 2018.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. 10. ed. revista e ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RAPHAEL, Jackeline Kruschewsky Duarte; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; FERNANDES, Sergio Augusto Franco. Práticas pedagógicas interdisciplinares na educação contemporânea. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; TEIXEIRA, Carmen Fontes (Org.). **Problematizando o campo da saúde: concepções e práticas no Bacharelado Interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 51-74.

RAYNAUT, Claude. Meio Ambiente e desenvolvimento: construindo um novo campo do saber a partir da perspectiva interdisciplinar. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n.10, p.21-32, Editora UFPR, jul/dez 2004. Disponível em : <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3089/2470>. Acesso em: 16 abr. 2018.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 7ed. São Paulo, Cortez, 2007. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 41).

\_\_\_\_\_. **O que é educação ambiental**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2009. 107 p. (Coleção Primeiros Passos).

RIBEIRO, Helena. Saúde Pública e Meio Ambiente: evolução do conhecimento e da prática, alguns aspectos éticos. **Saúde e Sociedade** v.13, n.1, p.70-80, jan-abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/08.pdf>. Acesso em: 06 de dez. 2017.

SANTANA, Luciana Alaíde Alves et al. O Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. In: SANTANA, Luciana Alaíde Alves; OLIVEIRA, Roberval Passos de; MEIRELES, Everson (Orgs.). **BIS Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB: inovações curriculares, formação Interprofissional integrada e em ciclos**. Cruz das Almas, BA: UFRB, 2016. p. 31-53.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_. A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade. In: SANTOS, Boaventura de Souza; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A Universidade no Século XXI: Para uma Universidade Nova**. Coimbra, p. 13-106. 2008. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/A%20Universidade%20no%20Seculo%20XXI.pdf>. Acesso em: 18 fev. 19.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula G.; NUNES, João Arriscado. Introdução: para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: Santos; Boaventura de Sousa (Org.). **Semear outras soluções: os caminhos da Biodiversidade e dos conhecimentos rivais**. Porto: Edições Afrontamento, 2004. p. 23-101.

SANTOS, Débora Aparecida Silva; SILVA, Michele Salles. Atuação do enfermeiro na educação ambiental e a relação com a sua formação acadêmica. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** E-ISSN 1517-1256, v. 31, n.2, p.127-139, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4647/3097>. Acesso em: 05 abr. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica**. ISSN 1677 4280, Vol.17, Nº 1, 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo et al. Ecologia na formação do profissional de saúde: promoção do exercício da cidadania e reflexão crítica comprometida com a existência. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 271-275, jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v33n2/15.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

SOARES, Micheli Dantas; SANTANA, Luciana Alaíde Alves; OLIVEIRA, Roberval Passos de; ALVES, Vânia Sampaio. Processos de Apropriação da Realidade: integração ensino, pesquisa e extensão na matriz curricular. In: SANTANA, Luciana Alaíde Alves; OLIVEIRA, Roberval Passos de; MEIRELES, Everson (Orgs.). **BIS Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB: Inovações Curriculares, Formação Interprofissional Integrada e em Ciclos**. Cruz das Almas: UFRB, 2016, p. 21 - 30.

SOUZA, Cinoélia Leal de; ANDRADE, Cristina Setenta. Saúde, meio ambiente e território: uma discussão necessária na formação em saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 10, p. 4113-4122, out. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v19n10/1413-8123-csc-19-10-4113.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

TAMBELLINI, Anamaria Testa; CÂMARA, Volney de Magalhães. A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspectos históricos, conceituais e metodológicos. **Ciência & Saúde Coletiva**, 3(2):47-59, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v3n2/7150.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2019

TEIXEIRA, Carmen Fontes; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. O campo da saúde na contemporaneidade: desafios da prática. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; TEIXEIRA, Carmen Fontes (Org.). **Problematizando o campo da saúde: concepções e práticas no Bacharelado Interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 17-50.

UFRB. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA (UFRB). Pró-Reitoria de Graduação. Coordenadoria de Ensino e Integração Acadêmica. Projeto Pedagógico do Curso do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde (BIS). Reformulação Curricular. Cruz das Almas, 2016.

VERAS, Renata Meira et al. Bacharelado Interdisciplinar em Saúde: um mapeamento de suas ações extensionistas no período de 2009 a 2012. In: COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; TEIXEIRA, Carmen Fontes (Org.). **Problematizando o campo da saúde: concepções e práticas no Bacharelado Interdisciplinar**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 231-248.

VIERO, Cibelle Mello et al. Percepção de docentes enfermeiros sobre a problemática ambiental: subsídios para a formação profissional em enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 21, n. 4, p. 757-765, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n4/05.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.

## **8. APÊNDICES**

### **(APÊNDICE I)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos**  
**Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade**

#### **ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - DISCENTES**

Nome:

Curso:

Curso que pretende estudar no 2º Ciclo:

#### **ENTREVISTA**

De que modo e quando apareceu a temática ambiental na sua formação?

Tópicos:

- Atividades desenvolvidas (ensino, pesquisa e extensão) sobre a temática ambiental;
- Importância da temática ambiental na formação em saúde.

**(APÊNDICE II)**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos**  
**Programa de Pós-Graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade**

**ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - DOCENTES**

Nome:

Formação:

Componente que ministra:

Docente na instituição desde:

**ENTREVISTA**

Como você vê a temática ambiental na formação do aluno no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da UFRB?

Tópicos:

- Modo de apropriação pelo aluno e docente (vivências, experiências, práticas interdisciplinares);
- Importância da temática ambiental na formação em saúde.